



REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Nº 44 - JUL-SET/2015

»» Ticiano Duarte : a hora do adeus

»» A Morte do Alegre Fulgencio - um conto de Luís da Câmara Cascudo

**ACADEMIA NORTE
RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Fundada em 1936

Rua Mipibu, 443 – Cidade Alta
Natal/RN CEP. 59020-250

Fone: (84) 3221-1143

E-mail: academianrl@gmail.com

DIRETORIA DA ANRL

Presidente

Diógenes da Cunha Lima

Vice-Presidente

Paulo Macedo

1º Secretário

Leide Câmara

2º Secretário

Iaperi Soares de Araújo

Tesoureiro

Paulo de Tarso Correia de Melo

Diretor da Biblioteca

Jurandyr Navarro

Diretor da Revista

Manoel Onofre Jr.

Comissão de Contas

Sanderson Negreiros

Cláudio Emerenciano

João Wilson Mendes Melo

Comissão de Ética

Elder Heronildes

Padre João Medeiros Filho

Ivan Maciel de Andrade



REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS



**REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE
LETRAS**

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/CJA Edições.

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – V.1, n.1
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.

Número atual: 44, jul./set.2015.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

Sumário

ARTIGOS E ENSAIOS

O que jaz oculto na poesia de Jaumir Andrade <i>Nelson Patriota</i>	08
Paulo Tito, uma voz, um violão <i>Leide Câmara</i>	12
Em busca do ser através do corpo: erotismo na lírica de Lívio Oliveira <i>Alexsandro Lino da Costa</i>	22
As obras de ficção mais importantes da literatura potiguar no século XX <i>Thiago Gonzaga</i>	37
Uma leitura sobre o tempo, as memórias e o diário, em O Amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos <i>Keynesiana Macêdo Souza</i>	42
“Seu Gomes” e sua obra Os Brutos <i>Maria Adamires da Silva</i>	54
Adágio lamentoso <i>Vicente Serejo</i>	58
Ticiano Duarte <i>Ivan Maciel de Andrade</i>	61
Claudionor de Andrade – Uma lição de vida <i>Odúlio Botelho</i>	63
Propostas de homenagens a José Mauro de Vasconcelos <i>Francisco Martins</i>	77
Memorial da mulher <i>Jurandyr Navarro</i>	79
Da Vinci, o precursor dos “eletrodomésticos” <i>Sônia Faustino</i>	85
Tributo a três macaibenses <i>Valério Mesquita</i>	87
A atualidade da reforma política <i>Homero de Oliveira Costa</i>	91

CONTOS E CRÔNICAS

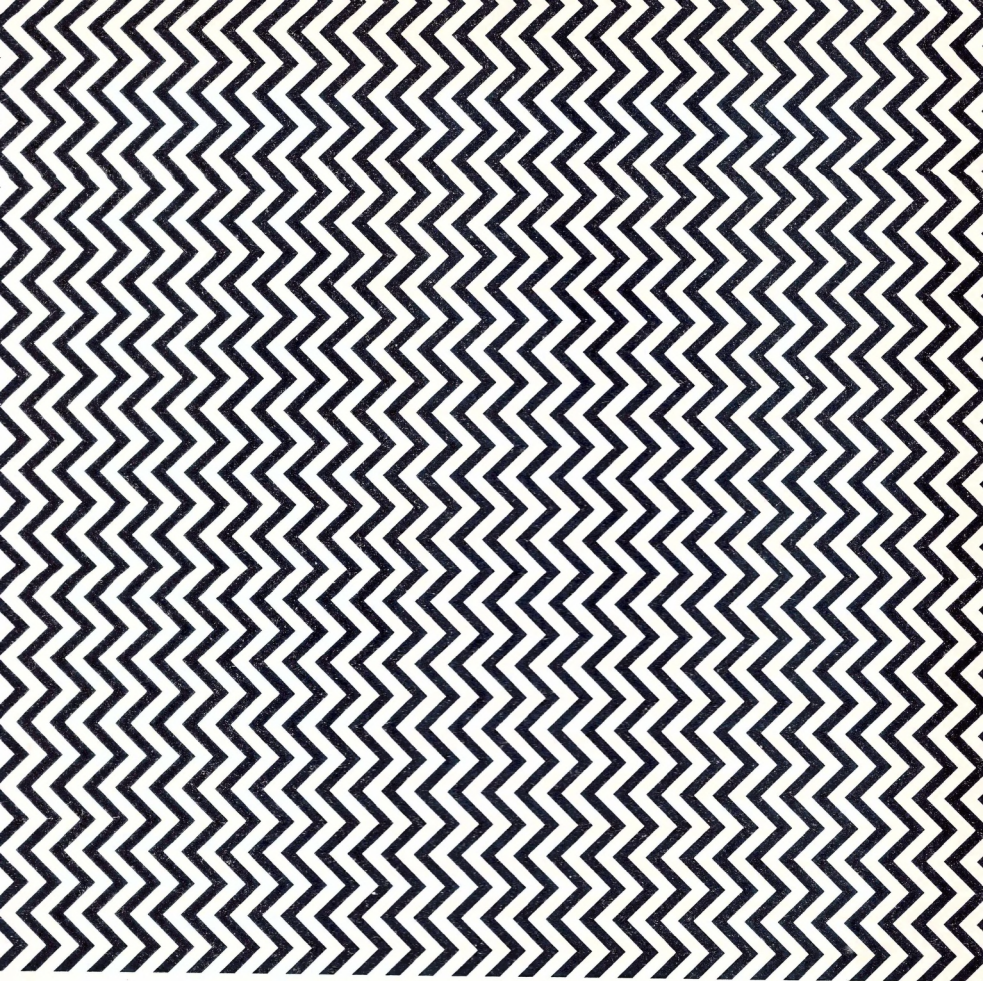
A morte do alegre Fulgencio	
<i>Luís da Câmara Cascudo</i>	96
O fogueteiro	
<i>Iaperi Araujo</i>	101
Bote aberto nisso	
<i>Eider Furtado</i>	104
Maioridade penal: ao nascer	
<i>Armando Negreiros</i>	108
Ainda existem os quintais	
<i>Lívio Oliveira</i>	110
50 anos da MPB	
<i>Damião Nobre de Medeiros</i>	112
O silêncio	
<i>Elder Heronildes</i>	115

POEMAS

Três poetas de Salamanca	
<i>Traduções de Paulo de Tarso Correia de Melo</i>	120
Rezadeiras encomendando um corpo	
<i>Dorian Gray Caldas</i>	127
Charles Chaplin: a vida, suas intrigas	
<i>Diógenes da Cunha Lima</i>	129
Antologia para Darcy Ribeiro	
<i>Fagundes de Menezes</i>	131
Sem pássaros	
<i>Jarbas Martins</i>	133
Dois poemas	
<i>Rizolete Fernandes</i>	134

NOVOS ACADÊMICOS

Discurso de posse do acadêmico	
<i>Carlos Roberto De Miranda Gomes</i>	138
Saudação ao acadêmico Carlos Roberto de Miranda Gomes	
<i>Manoel Onofre Jr.</i>	158
ANRL: Situação em julho de 2015	165
Publicações	168



ARTIGOS E ENSAIOS

O QUE JAZ OCULTO NA POESIA DE JAUMIR ANDRADE

Nelson Patriota

Faz falta à bibliografia do escritor Luís da Câmara Cascudo uma coletânea de apresentações e prefácios, dos tantos que escreveu, nos moldes do livro *Prólogos*, do argentino Jorge Luis Borges. Tal obra serviria ao menos para desmistificar a aura de apologista acrítico que cerca a glória póstuma do mestre potiguar.

Certamente não é um apologista acrítico o autor que subscreveu a Introdução de *Demopoesia*, livro de estreia do poeta Jaumir Andrade, escrito no verdor dos seus vinte e poucos anos e publicado pelo próprio poeta em 1970. No curto espaço de uma lauda, Cascudo evoca as origens campestres do poeta para compará-lo aos fenômenos mais indóceis da natureza: “Os tufões latino-americanos têm nome. Este se chama JAUMIR ANDRADE”. Em seguida, atenuando a hipérbole, descreve-o como “Ventania que atravessou caatingas e carrascais, jardim em flor, brejo com sapo, lama e lodo, tabuleiros com mandacarus e recantos com cravos brancos e açucenas azuis”.

A rigor, nada do que ocorre à engenhosa imaginação de Cascudo é excessivo, se confrontado com o que verseja *Demopoesia*. Suas páginas são atravessadas por contrastantes cenas da vida rural, a começar pelo poema “Nordeste, Nordeste” que escancara o livro, despejando sobre o desavisado leitor um conjunto de imagens cruas, duras, ásperas como a rajada do vento e a impudicícia da miséria. Em seus antípodas, visualiza-se um rebanho cantante com um padre à frente. Em seu desfecho, é o próprio poeta quem oferece, como promessa de redenção para a desdita nordestina, seu braço, “um oásis para o mundo inteiro”.

A utopia socialista se faz presente em *Demopoesia* (não é por acaso que o poeta incorreu nesse neologismo de étimo grego)

como uma tábua de salvação para quem perdeu a crença nos céus e vive assombrado com a contiguidade do inferno. É, portanto, para exorcizá-lo de todo que Jaumir recolhe esperanças verdes de uma paisagem onde só vicejam pedras: “As cantigas aromam os caminhos, / no domingo azul de flavo sol. // É feriado desfrutado num jardim lunar. // De cada ramo de roseira, / emana um ramalhete de estrelas. // São as bodas de todos [...] (O sonho)”.

O mesmo otimismo perpassa o lírico “Emoção”, poema que exprime confiança num amanhã que, infelizmente, o poeta só conheceria em escasso sortimento numa vida, em vários sentidos, em conflito com os valores maiores da ordem burguesa. A certa altura, dirá: “É preciso que se viva, / peito afeito à rebeldia / e a certeza da cantiga / derramada em cada olhar [...] É o dia da redenção [...]”. O poeta não poderia resumir melhor seu *modus vivendi*, suas expectativas quanto ao futuro. Ecos desse ideário repercutem em “A Federico”, poema cujo início declina: “Ninguém te esqueceu / nem te esqueceu este / pequeno poeta potiguar [...]”.

Tal qual Drummond, Jaumir Andrade esteve atento ao inesperado e viu não uma rosa, mas um poema, relampejar na lama, “a cantar um vulcão latino-americano / profetizando sua breve erupção, / donde brotarão punhais de ramos, / ternuras, trovões verdes, escravidão, / podre orvalho e radiante escuridão [...]”. Em “Meu poema” resumirá alguns “princípios” poéticos: “Mais duro / que eu, / estará sempre / meu poema / cara a cara / com o presente. / Tua fome nojenta / de felicidade / teus clássicos machadianos, / teu coração / desempregado, / tuas obras-primas / chopinianas, / tua solidão burguesa, / tua filha debutante / extasiará / o cronista social / mas enojará meu poema que / é feio e magro, / acre e oco / roído de cupim, / desgastado / e analfabeto / qual minha terra”.

A forte impressão que a poesia de Jaumir Andrade causou a Cascudo seria compartilhada em igual medida por Esmeraldo Siqueira e Rômulo Wanderley, dois nomes dos mais importantes para a crítica de poesia em solo potiguar em sua época.

Quando, a exemplo do que aconteceu com as obras singulares de Miguel Cirilo e Bosco Lopes, a crítica voltar suas atenções para os dois livros do poeta Jaumir Andrade (1945-1984) – *Demopoesia* (1970) e *Em meu peito de urso, meu grito de mulher* (1984) – haverá de se surpreender não só com a qualidade excepcional que marca sua construção poética, mas poderá rastrear influências, angustiantes ou não, como, por exemplo, dos poetas Thiago de Mello e Ferreira Gullar, cujas primeiras obras coincidiram com a época mais criativa de Jaumir. Sem esquecer que esse poeta tinha um talento excepcional para a letra da canção popular, como atestam suas parcerias com Mirabô Dantas e Babau.

* * * * *

Caso se demore sobre a poesia de Jaumir Andrade, a crítica especializada iria descobrir um artesão de frases lapidares, como: “não há defesa para quem resolveu viver [...] eu só levarei saudades / de minha sede e de minha fome” (“de minha fome e de minha sede”); “como se sabe / sabe o verbo mais do que diz” (“como se sabe”); “não foste minha felicidade / foste minha miséria feliz” (“embriaguez”); “se deus não fosse seu avesso / não carimbaria nosso espírito / com a necessidade de crer / não engendraria / o grotesco no prazer” (“deus”); “sentimento não é felicidade / a felicidade está mais para o furtivo” (mãezinha); “de minha infância / nada trago que mereça um verso” (“labirintos”); “quem envelheceu não tem dúvidas / a esperança é o grande carrasco” (“câncer mudo”), “cá no nordeste / não aparece / vendedor nenhum de primaveras” (“interlúdio”); “difícil saber a fronteira / entre a culpa do homem / e a culpa da fome do homem” (“pedras”); “às vezes / viver não basta // faz-se mister imolar-se / em razão da liberdade / vez que / na ausência desta / o barro humano se muda / em um ninguém com sofrimento” (“apenas a liberdade”).

Poeta epigramático, frasista amiúde contundente, Jaumir Andrade faleceu no mesmo ano em que publicou seu transgressor *Em meu peito de urso, meu grito de mulher*, obra na qual, em meio

a poemas orgiásticos e revoltosos, destilou alguns dos poemas mais sensíveis da poesia norte-rio-grandense de seu tempo. Em defesa do poeta, lembraríamos que o seu não foi um tempo qualquer. Dele, Jaumir poderia dizer, mesmo, que foram tempos sombrios, e invocar em seu favor uns versos de Bertolt Brecht (uma de suas admirações), que dizem: “Nos tempos sombrios / se cantará também? / Também se cantará / sobre os tempos sombrios” (“Poesia do exílio”, trad. Edmundo Moniz).

Caso se aproxime da poesia de Jaumir Andrade, a crítica poderá descobrir, enfim, não um, mas vários estilos poéticos, cada qual tecendo sua própria aura poética, revestido do mais apurado gosto, cingindo as causas mais nobres (outras “vis”, reconhecamos), que estenderam para muitas léguas à frente os lindes da nossa poesia.

A leitura dos poemas “partir” e “o retorno” é particularmente desnorteante pelo que esses poemas anunciam: a morte prematura do poeta, fato que aconteceria sob a forma de um acidente rodoviário no mesmo ano de publicação do seu segundo livro, justo num momento em que ele fazia planos de retornar à sua terra.

Em “o retorno”, após declarar que se avizinha o fim do seu destino, o poeta pondera que “como animal fui feliz / (nunca impunemente) [...]”, e conclui: “entrego-me à terra seminu / com nada nas mãos // envelheci e não percebi / a vida a fluir / interminavelmente breve”. No poema “partir” ressoam ainda os brados inconsoláveis do poeta: “que bobagem / mirar a vida / com ilusão de proprietário / terra, terra – eu vou partir, eu vou partir”.

Cântaros repletos de gratas surpresas, “Demopoesia” e “Em meu peito...” reservam joias que a poesia potiguar não pode continuar ignorando, sob pena de reconhecer-se míope ou vesga, para o que far-se-ia necessária uma urgente intervenção crítica.

NELSON PATRIOTA é escritor e poeta, autor de *Uns Potiguares* e vários outros livros. Membro (eleito) da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

PAULO TITO, UMA VOZ, UM VIOLÃO

Leide Câmara



Com um timbre de voz inconfundível e a maneira singular de interpretar seu violão com arranjos próprios, Paulo Tito toca a alma dos românticos e vem encantando gerações com as mais belas e imortais canções brasileiras como, por exemplo: *Serenata do Pescador - Praiaira*, (de Othoniel Menezes e Eduardo Medeiros), *Ranchinho de Paia* (de Francisco Elion), *Prece ao Vento* (de Gilvan Chaves, Fernando Luís da Câmara Cascudo e Alcir Pires Vermelho), *Royal Cinema* (de Tonheca Dantas), *Lua Branca* (de Chiquinha Gonzaga), *Rosa* (de Pixinguinha), entre outros sucessos do cancionero nacional incluindo suas composições, algumas com parceiros, que foram gravadas por cantores e instrumentistas como Elis Regina, Maysa Matarazzo, Aguinaldo Rayol, Cauby Peixoto, Núbia Lafayette, Roberto Silva, Pery Ribeiro, Isaura Garcia, Agnaldo Timóteo, Anísio Silva, Roberto Miller, Dalva de Andrade, Augusto César, O Fabuloso Alex, Renato Tito, Altamar Dutra, Jorge Veiga, Carlos José, Waldick Soriano, Valdir Azevedo, José Ribamar, Sonia Dutra, Severino Januário, Tita, Osmar Navarro, Papel Gomes, Berginaldo Wanderley, Carequinha, Fats Elpídio, Eliana Pittman, The Golden Boys, Banda do Almeidinha, Trio Esperança, os Infernais

da Bossa, Julinho e seu Piston e seu Conjunto, Grande Orquestra, Grupo de Chorinho do Sesc, Peter Thomas, Vocalistas Tropicais, Os Internacionais e a Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte-OSRN.

Paulo Peres Tito nasceu no bairro das Rocas, em Natal-RN (berço do samba e de famosos compositores), no dia 8 de abril de 1929. Cantor, compositor, violonista, produtor, arranjador, diretor musical, regente e professor de violão clássico. Violonista de primeira linha além de tocar guitarra e cavaquinho. Filho do pescador, poeta e seresteiro Francisco Genuíno Tito (1892 -1978) e Raimunda Peres Tito (1900 -1987). São seus irmãos: Francisca das Chagas, Raimundo Nonato Tito, Adalgisa, Zélia, Maria das Dores, Francisca, Rubino e Renato Peres Tito

Uma trajetória de 86 anos de vida e de música

Nasceu em uma família pobre, mas rica em talento, assim como seu irmão Renato Tito, ambos com brilhantes carreiras na história da música brasileira.

Seu primeiro emprego foi na relojoaria de Carlos Farache, em 1942, quando tinha treze anos. Carlos Farache e Carlos Lamas eram os donos da Rádio Educadora de Natal, conhecida como – REN, que foi a primeira emissora de rádio do Rio Grande do Norte, ficava na Avenida Deodoro da Fonseca, depois passou a pertencer aos Diários Associados de Assis Chateaubriand, passando a se chamar Rádio Poty. No local do trabalho, Paulo Tito chamou a atenção para seu vozeirão e logo recebeu o convite do dono da loja para cantar na rádio, época em que se revelou publicamente como cantor ao participar do concurso “Por trás da Cortina”, que era comandado pelo saxofonista José Martins. Interpretou a música “*Eu sonhei que tu estavas tão linda*” (de Lamartine Babo), e classificou-se em primeiro lugar. Foi contratado pela rádio como cantor e permaneceu até o ano

de 1945, ocasião em que participou de vários programas de calouros na Rádio Poti, com o *Cacique do Rádio* - Genar Wanderley (1910-1967), Luiz Cordeiro (Luís Estalislau Cordeiro - 1927-1996), que comandava o programa Vespéral do Brotinho. Eram cantores da época: Valdira Medeiros (1933-1991), filha do músico Eduardo Medeiros, Izaltina Cavalcanti (1934-2011), Glorinha Oliveira (Maria de Oliveira Queiroz), os irmãos Jacinto Maia (1924 - 2009) e Tereza Maia, os irmãos Agnaldo, Selma, Zilma, Marli e Rinaldo Rayol, Carminha Silva, entre outros .

Casou pela primeira vez em 1950, com Elza Barbosa Pinto, tiveram dois filhos, Paulo Roberto Barbosa Tito e Maria do Socorro Barbosa Tito, que residem na capital pernambucana. No ano 1951 foi residir na cidade do Recife/PE, que já era um grande centro musical no nordeste. Foi contratado como cantor da Rádio Jornal do Comércio, onde permaneceu por três anos. Ainda em Recife, no ano de 1954, gravou o primeiro disco da carreira, o 78rpm, lado B, pelo selo Harpa (de Genival Macedo), o frevo-canção *Olé* (de Luiz Bandeira e Ernani Seve), com acompanhamento da Jazz Acadêmica de Pernambuco.

Ainda no mesmo ano, quando atuava na Rádio Regional do Comércio, Paulo Tito teve contato com Luiz Gonzaga, que foi fazer uma apresentação e estava sem o seu zabumbeiro, foi quando Paulo Tito se ofereceu para substituir seu integrante. Após a apresentação, Luiz Gonzaga ficou encantado com o seu trabalho como “instrumentista”, tanto que o convidou para trabalhar no Rio de Janeiro. Um mês depois chegou o telegrama de Luiz Gonzaga, confirmando sua ida para o Rio, onde foi contratado para trabalhar na Rádio Mayrink Veiga. Foi sua grande oportunidade ser artista na cidade Maravilhosa, onde permaneceu por vinte e seis anos. Foi contratado, como cantor da Orquestra Tabajara de Severino Araújo de 1955 a 1958, lugar que já havia sido dos cantores Jamelão, Elizeth Cardoso, Jair Alves, entre outros.

No selo Copacabana, estreou com o samba- canção *Missão de*

amor (de Renê Bittencourt) e a rancheira *No meu sertão* (de Luperce Miranda e Gildo Moreno). No ano de 1956, gravou os sambas-canção *Nossa Senhora de Copacabana* (de Heitor dos Prazeres e Kaumer Teixeira) e *Linhas paralelas* (de Valdemar Gomes e Jair Amorim). Ano em que participou do disco de 10 polegadas *Carnaval em Long Play*, interpretando a marcha *Baile dos Puritanos* (de Alcebíades Nogueira / Luís de França / Nelson Bastos), selo Sinter. Participou ainda da gravação de outro disco de 10 polegadas, *Vamos brincar no Carnaval*, interpretando a marcha *Vontade louca* (de Isaias Ferreira / Jorge Santos), selo Sinter.

Em 1959, a cantora potiguar Núbia Lafayette, (Idenilde de Araújo Alves Costa), gravou no dia 25 de maio de 1959, o primeiro disco da carreira, um 78rpm, selo Polydor com o samba, *Vai de vez* (de Paulo Tito e Ricardo Galeno), na ocasião usando nome de Nilde Araújo.

Gravou na Polydor, em 1959, os sambas *Sai do bar*, de sua autoria em parceria com Ricardo Galeno com arranjos do potiguar K-Ximbinho, que fez um belíssimo solo; do outro lado do disco gravou *Compromisso com a saudade* (de Billy Blanco).

No ano seguinte, Peri Ribeiro, gravou seu primeiro disco, o compacto duplo com o samba, *Sofri você* (de Ricardo Galeno e Paulo Tito).

De 1959 a 1961 foi contratado pelo selo Continental, como assistente de gravação, com Nazareno de Brito e o diretor geral era Braguinha (Carlos Alberto Ferreira Braga), o João de Barro (1907-2006).

Assinou parceria musical com Chico Anysio (Francisco Anysio), que compôs a letra do samba *Amor de Nordeste* em 1960, gravado pelo próprio Paulo Tito no disco de 78rpm, do outro lado gravou o baião *Valentão do Norte* (de Jacobina / Wilson Figueiredo) pelo selo Discobrás.

Em 1961, gravou o frevo-canção *Homenagem a Recife* (de Geraldo Medeiros / F. Correia da Silva), em disco de 78 rpm, selo Continental.

Gravou ainda, no mesmo ano, o frevo *Bom mesmo é mulher* (de

Sebastião Rosendo), lado A do disco de 78rpm, pelo selo Continental.

Em 1961, Paulo Tito gravou o que veio a ser um importante disco em sua carreira, o long play *Baiano da Guanabara*, pela Carrossel. Paulo Tito disse: “tive a honra de ter sido o primeiro a gravar a música Súplica Cearense (de Gordurinha e Nelinho), depois do próprio Gordurinha.”, que gravou em disco de 78rpm em 5 de junho de 1960 pelo selo Continental. Gravou nesse ano, pela Continental, os baiões *O vendedor de biscoito* (de Gordurinha e Nelinho) e *A vassoura do Compadre* (de Gordurinha).

Ainda no ano de 1961, gravou duas faixas no long play Recife 400 anos, em que gravou acompanhado da Orquestra Tabajara de Severino Araújo as músicas, *A virada* (de Nelson Ferreira) e *Homenagem a Recife* (de Geraldo Medeiros e F. Correia da Silva).

Paulo Tito de 1962 a 1964 foi contratado pela gravadora Odeon, na gestão de Israel Correia, como assistente ou mesmo como instrumentista, assim participou da gravação de vários discos.

Em 1963, no long play, *Mais uma vez Boleros* do Trio Irakitan, fez coordenação artística, e foi o orquestrador, selo Odeon

No ano seguinte, foi orquestrador e assistente de estúdio, no long play, *A Bossa que gostamos de cantar*, do Trio Irakitan, gravado no Uruguay, selo Odeon. O disco foi remasterizado em 2003.

Foi violonista das cantoras Bárbara Mel (que foi casada com o compositor, Evaldo Gouveia), de Elisete Cardoso e de Maísa Matarazzo.

Fez parte da formação do Conjunto Bossa Copacabana, com que gravou long play *Bossa* em 1966, que teve a participação de Paulo Moura no saxofone. Paulo Tito fez a orquestração, produção e direção do disco.

Participou da produção e direção do long play, *Clarinete Espetacular (Choros na Bossa)*, de seu irmão, Renato Tito. Selo Beverly.

No ano de 1970, tocou guitarra no long play, *Clarinete Jovem*, de Renato Tito, selo Tapeçar.

Esteve em Natal, no ano 1975, integrando a Caravana dos músicos do Rio Grande do Norte que moravam fora do seu estado, entre eles estavam Ademilde Fonseca, Raymundo Olavo, K-Ximbinho e Fernando Luiz. A caravana viajou pelo interior do Estado a convite do Governador Cortez Pereira, entregando o Troféu Cata vento, relativo às obras realizadas no seu governo (1971-1975). Os músicos passaram um mês nessa excursão, realizando shows nas cidades visitadas.

Foi assistente de direção da gravadora Tapeçar e Ed Lucan de 1976 a 1980.

Lançou, em 1977, o long play *Balanço*, pelo selo Tapeçar, com músicas de Noel Rosa, Vinícius de Moraes, Chico Buarque, entre outros compositores. De sua autoria, neste trabalho, gravou apenas a composição *Show de balanço*, acompanhado (flauta) pelo Maestro Copinha (Licolino Copia (1910-1984).

No ano de 2012, compôs uma letra e fez os arranjos para o choro, *Eu quero é sossego* de K-ximbinho e Hianto de Almeida. Que foi gravado pela cantora lírica, Ângela Maria no CD *Aquários*, ainda inédito.

É parceiro musical dos compositores Álvaro Menezes, Romeo Nunes, Belo Xis (Airton José de Santana, 1953), René Bittencourt, (René Bittencourt Costa, 1917 – 1979), Ricardo Galeno (autor do sucesso “Eu sou a outra (“ele é casado/eu sou a outra na vida dele...”)), Roberto Faissal (Roberto Siqueira Matoso Faissal (1929-1988), autor da famoso marcha, “A Cabeleira do Zezé”), Zé Gonzaga (José Januário Gonzaga do Nascimento (1921-2002), que é irmão de Luiz Gonzaga) e Chico Anysio (Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho 1931-2012), Osvaldo Silva (1930), Rubem Gerardi, Waldick Soriano (Eurípedes Waldick Soriano 1930-2008), Jorge Veiga (Jorge de Oliveira Veiga 1910-1979), Paulinho Freitas, Sebastião de Oliveira, Benil Santos (Benil dos Santos do Nascimento(1931-2012), Rossilva (Roberto Napoleão Silva 1920-2012), considerado o Príncipe do Samba e dos potiguares, Ivete de Almeida Bezerra, Roberto Ney (Ney Cavalcanti de Souza), Babal ((Erivaldo do Nascimento Galvão).

Em 25 de dezembro de 1979, voltou a residir em Natal. No ano

seguinte, assumiu a cadeira de professor de violão clássico no Instituto de Música Waldemar de Almeida, por quatorze anos, além de cantar em casas noturnas e realizar shows na cidade, em que foi atração no restaurante e bar Kazarão, onde mantinha um público fiel a seresta.

O cantor e compositor participou do Projeto Seis e Meia, no Teatro Alberto Maranhão, em Natal, na mesma noite em que se apresentou o cantor Altemar Dutra Júnior.

Casou pela segunda vez, com a musicista e sua aluna de violão, Flávia Cristina Ferreira Torres no dia 29 de julho de 1999. Em 2004 nasceu Ana Flávia Torres Tito, no dia 18 de março.

Em 2000, gravou o CD *Serenata para Natal - Música de Roberto Ney*, onde além de cantor, fez os arranjos e tocou violão.

Participação especial na canção *Natal, Cidade Presépio* de autoria de Sérgio Luiz, no CD do potiguar Sérgio Luiz – *Música é Vida*.

Paulo Tito, é um patrimônio vivo da Música Potiguar Brasileira, um romântico que continua encantando gerações desde a década de 1950. Sempre pronto, com seu violão embaixo do braço, para cumprir uma agenda profissional. Continua compondo para suas Musas. Costuma sempre dizer: “Eu não sou foto para envelhecer”

Parceiros musicais

Zé Gonzaga, Francisco Anysio, Osvaldo Silva, Ricardo Galeno, René Bittencourt, Roberto Faissal, Rubens Gerardi, Paulinho de Freitas, Álvaro Menezes, Belo Xis, Jorge Veiga, Sebastião de Oliveira, Benil Santos, Rossilval (Roberto Silva), Romeu Nunes (letra), Waldick Soriano, Roberto Ney (Natal), Ivete de Almeida Bezerra, (Natal), Babal (Natal) fez a letra na música que compôs para a esposa “Flavinha Florzinha” (inédita).

São quase 100 composições de sua autoria, algumas com parceiros musicais, que foram gravadas.

Discografia Solo

Disco de 78rpm

[S.D - A canção do ceguinho/Tambaú) Musi-Color

1954 – Olé -Selo Harpa

1955 - No meu sertão/missão de amor. Selo Copacabana

1955 - Refúgio/ Não me falem de amor . Selo Copacabana

1956- Nossa Senhora de Copacabana/Linhas paralelas. Selo Sínter.

1957 - Baile dos puritanos/Vontade louca . Selo Sinter

1957 -Morena do Arpoador/Marcha do raio x. Selo Mocambo

1959 -Sai do bar/Compromisso com a saudade .Selo Polydor

1960 – Baiano da Guanabara / Brincando com os Baianos. Selo Carrossel.

1960 -Amor de Nordeste/ Valentão do Norte . Selo Discobrás

1960 - A Mulher, o dinheiro e o verbo/Rei é sempre Rei. Selo Discobrás

1960 - Pelé/ Ninguém é de ninguém. Selo Carrossel.

1961 -O vendedor de biscoito/A vassoura do compadre. Selo Continental

1961 -Confusão em família/Pedida legal . Selo Continental

1961 - Homenagem a Recife. Selo Continental

1961- Eu vou sambar . Selo Continental

1961 – Bom mesmo é mulher. Selo Continental.

1962 - Copa norte/Recadinho de mamãe . Selo Continental

1962 - Recordando Recife. Selo Continental

Long Plays – Solo Carreira

1961 - Baiano da Guanabara. Selo Carrossel.

1962 -O Vendedor de Biscoito. Selo Musicolor

1971 – Poeira de morte. Selo Cantagalo.

1977 - Balanço . Selo Tapeçar.

Compactos Solo Carreira

SD – Samba de subúrbio/ Minha gatinha. Selo Copacabana

CDs Solo Carreira

2000 – Serenata para Natal, a Música de Roberto Ney. Selo Independente

2010 -Fulô do Jerimum . Selo Independente

2012 – Uma canção para Lady Leide . Selo Independente.

Long Plays- Participação

1956 – Vamos brincar no Carnaval. Selo Sinter

1961 – Recife 400 anos. Selo Continental.

1961 – Carnaval 1962 – Volume I . Selo Continental

1961 – Carnaval 1962 – Volume II . Selo Continental

1966 -Bossa - Conjunto Copacabana Bossa

Discos de 10 Polegadas- Participação

1956 – Carnaval em LongPlay . SeloSinter

1956 – Vamos brincar no Carnaval. Selo Sinter

Discos em que fez produção e direção musical.**Long Play**

1967 - *O Amiguinho das crianças*. Carequinha. Selo Copacabana.

Discos como Assistente de Estúdio.**Long Plays**

SD - Porque amei-te tanto. João Dias. Selo Odeon.

- 1963 - Anjos cantam - vol. II. Nilo Amaro e Seus Cantores de Ébano. Selo Odeon.
- 1963 - Gregório Barrios e o sucesso. Gregório Barrios. Selo Odeon.
- 1963 - Mensagem. Altemar Dutra. Selo Odeon.
- 1964 - Muito mais bossa. Pery Ribeiro. Selo Odeon.
- 1964 - Show de samba vol. 2. Sambistas da Guanabara. Selo Odeon
- 1964 - Tangos vol. 2. Dalva de Oliveira. Selo Odeon
- 1964- Tu serás a estrela guia. Marco Antônio. Selo Odeon
- 1964 - Fuego tropical. Percussonic Series. Selo Imperial
- 1964 - Que queres tu de mim. Altemar Dutra. Selo Odeon
- 1964 - Que queres tu de mim. Altemar Dutra. Selo Fênix
- 1968 - Os Grandes sucessos de Alcides Gerardi. Alcides Gerardi. Selo Imperial
- 1978 - Xangô da Mangueira - vol. 3. Xangô da Mangueira. Selo Tapeçar

Discos como Coordenador e Assistente

Long Plays

- SD - *Bongo festa*. Percussonic Series. Selo Imperial.
- 1963 - *Chorando baixinho*. Abel Ferreira e seu conjunto. Selo Orion

LEIDE CÂMARA: Pesquisadora de música brasileira, autora do Dicionário da Música do Rio grande do Norte. Membro da Academia de Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Feminina de Letras, sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Em 1996 fundou o Instituto Acervo da Música Potiguar-AMP. É diretora da Anasps/RN.

EM BUSCA DO SER ATRAVÉS DO CORPO: EROTISMO NA LÍRICA DE LÍVIO OLIVEIRA

Alessandro Lino da Costa

O erotismo é a aprovação da vida até na morte (Georges Bataille).

INTRODUÇÃO

Quando lemos poesia, um novo mundo se projeta à nossa frente. Cada leitor tem suas próprias impressões e cria suas redes de conexões. Isso resulta da formação discursiva e da subjetividade de cada um. Além disso, ressalta-se ainda a natureza polissêmica da literatura, que – a partir de uma única forma, escrita – permite as mais múltiplas inter-relações.

Do mesmo modo como ocorre em geral, acontece também particularmente: ao lermos os poemas de Lívio Oliveira, somos levados aos mais distintos caminhos. Neste ensaio, nós nos voltamos para os traços de erotismo que emanam da obra lírica desse poeta potiguar. Tal escolha deve-se à recorrência temática e ao nosso gosto pessoal por um grande livro de Georges Bataille, *O erotismo*. Além dos meandros eróticos, a poesia de Lívio nos conduz por memórias da infância e por registros telúricos tão vívidos e lancinantes que pouco importa se são resultado de seu potencial imaginativo ou de seu arcabouço autobiográfico.

LÍVIO OLIVEIRA

Lívio Alves Araújo de Oliveira nasceu em 1969, é poeta, potiguar e formado em Direito. Desde criança, tem interesse por literatura, especialmente por Augusto dos Anjos, Fernando Pessoa,

Manuel Bandeira, Guimarães Rosa e Fernando Sabino. Seu primeiro livro foi publicado em 2002: *O Colecionador de Horas*. Publicaram-se em seguida: *Telha Crua* (2005); *Pena Mínima* (2007); *Dansa ... Seda Nua* (2009); *O Teorema da Feira* (2012); *'Cais natalenses: 101 haicais de Lívio Oliveira* (2014); e *Resma* (2014).

Além de sua obra poética, publicou *Bibliotecas vivas do Rio Grande do Norte*, em 2005, composto por ensaios. Juntamente com Babal Galvão, lançou, em 2009, o CD *Cineclubes*. Ele já presidiu a União Brasileira de Escritores/RN. *Telha Crua* obteve, em 2004, o Prêmio Othoniel Menezes (FUNCARTE – Natal/RN) e o Prêmio Luís Carlos Guimarães (FJA/RN).

O EROTISMO

Grosso modo, *erotismo* seria uma *sugestão* de sexualidade, uma possibilidade de realização que, sendo humanizada, personificada, destoaria da simples execução do sexo, como o fazem os outros animais¹. Assim, diferenciar-se-ia da *pornografia*, já que esta apresenta tudo explicitamente, não deixando margem para múltiplas interpretações por mostrar o ato e as formas diretamente, sem subterfúgios, sem velamentos.

Vê-se, dessarte, que o erotismo é uma forma de enriquecimento do desejo humano, que se desdobraria em uma miríade de possibilidades mediante o imaginário. Enquanto os animais copulam maquinalmente visando à satisfação imediata de um prazer

1 “O animal também tem uma vida subjetiva, mas essa vida, ao que parece, é dada a ele, como o são os objetos inertes, de uma vez por todas. O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente por colocar em questão a vida interior. *O erotismo é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão.* [...] Seja como for, se o erotismo é a atividade sexual do homem, isso ocorre na medida em que ela difere da dos animais. A atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. Ela só o é quando deixa de ser rudimentar, simplesmente animal” (BATAILLE, 2013, p. 53-4, grifo do autor).

instintivo, breve e repetitivo que leva à procriação, o homem possui a opulência de imaginar jogos e encenações com seu objeto de desejo, aumentando exponencialmente a intensidade e a duração do prazer, sem que o ato sexual necessariamente se realize ou, quando se realiza, sem obrigatoriamente levar à reprodução. Se a fecundação ocorre, esta foi uma consequência, e não o porquê da prática do erotismo. Entende-se, então, que o erotismo representa a vitória da liberdade humana sobre a necessidade animalesca.

Enquanto o ato sexual é limitado orgânica e temporalmente, o devaneio erótico pode levar as práticas eróticas à infinidade. O erotismo, dessa forma, leva o indivíduo ao infinito, numa possível não sujeição ao tempo, à limitação e à morte.

Georges Bataille (1897-1962), em sua obra *O erotismo*, afirma que este é um meio que o homem possui para (re)encontrar o ser. Não seria a única maneira de fazê-lo, sendo mais uma possibilidade de recuperar a conexão perdida com o ser, um estado em que há uma forte vinculação entre as coisas, entre os seres, entre o que existe física e metafisicamente. Poder-se-ia tentar definir o erotismo como a “aprovação da vida até na morte”, ou seja, a vida levada a uma intensidade tal, sempre através do gasto inútil de energia, que não se distingue mais da morte” (SCHEIBE, 2013, p. 16).

Esse “gasto inútil de energia” expressa a liberdade humana em oposição à reificação que a lógica produtiva do mundo do trabalho representa: “o trabalho torna o homem humano. Mas também faz dele uma coisa. Se o aceitamos inteiramente, nos tornamos simples coisas úteis, mas, no final das contas, cabe perguntar: úteis para quê?”. Descartando-se o resultado prático da “sexualidade habitual” – a procriação –, o erotismo seria algo inútil, algo que desvia a energia humana que seria mais bem empregada em algo socialmente útil, como o é o trabalho. Ao optar pelo erotismo, o homem opta pela negação da reificação, pois se afirma como indivíduo livre, pensante, e não como coisa, que age em conformidade com as convenções e com o poder a que a vida social nos impõe.

Bataille possui a crença de que a vida – e aquilo que é próprio a ela – é capaz de fornecer ao homem o encontro com o ser: “O ser, o mais das vezes, parece dado ao homem fora dos movimentos de paixão. Eu diria, ao contrário, que não devemos jamais pensar o ser fora desses movimentos. [...] Em geral, o erro da filosofia é se afastar da vida” (BATAILLE, 2013, p. 36).

Ao estabelecer um contato físico ou imaginado entre o eu e o outro, o erotismo restabeleceria um elo rompido entre os seres, que se reuniriam mediante o desejo. O erotismo seria, portanto, a busca por uma continuidade do ser, o preenchimento do abismo que nos separa do outro.

O autor nos fala que a vida é marcada pela individualidade, em que um ser se distingue dos outros, separados de um todo perdido. A morte seria um meio de suprimir essa perda de conexão, pois o aniquilamento que ela representa religaria os elos desatados. E o erotismo – encenação da morte – representaria pequenas mortes executadas por um ser em relação ao outro; nisso, entrever-se-iam vislumbres de uma reconexão com o ser.

Vê-se, assim, que o erotismo encena uma forma de encontrar-se com o ser. A “quase morte” que os indivíduos sentem perante o desejo erótico dissolveria os seres, que se uniriam numa mistura heterogeneamente una:

No movimento de dissolução dos seres, o parceiro masculino tem em princípio um papel ativo, a parte feminina é passiva. É essencialmente a parte passiva, feminina, que é dissolvida enquanto ser constituído. Mas, para um parceiro masculino, a dissolução da parte passiva só tem um sentido: ela prepara uma fusão em que se misturam dois seres chegando juntos, no final, ao mesmo ponto de dissolução (BATAILLE, 2013, p. 41).

O erotismo dissolveria as “formas de vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que somos” (BATAILLE, 2013, p. 42). Rompendo essas “formas constituídas” (BATAILLE, 2013, p. 42) que nos mantêm em uma pretensa unidade e coerência individuais, seríamos dissolvidos em um todo indiferenciado, no qual o ser se deixa entrever.

EM BUSCA DO SER ATRAVÉS DO CORPO

Selecionamos alguns poemas dos livros *O Colecionador de Horas*, *Telha Crua* e *O Teorema da Feira* para ilustrar o conceito de erotismo. Alguns desses poemas remetem ao desejo, outros ao sofrimento resultante de não se poder realizá-lo, além daqueles que aludem ao desejo concretizado, do que resulta gozo e certa plenitude, como se vê em “Vacina”:

VACINA

O pingo último
do teu seio
é éter que me invade.

Durmo,
louco de paz.
(OLIVEIRA, 2005, p. 41)

A condensação dos versos encontra contraste na pluralidade semântica que deles provém. O gozo é percebido mediante o relaxamento sugerido pelas palavras “durmo” e “paz”. Esta paz, no entanto, choca-se contra a antítese do adjetivo que a precede, “louco”. E este louco, por sua vez, remete o leitor ao primeiro verso, no qual o eu lírico afirma que o pingo do seio é o **último**, o que o levaria a angústia de ter o seu desejo castrado, haja vista a impossibilidade de realizá-lo outras vezes.

O vocábulo “éter” nos conduz a uma ambiguidade: poder-se-ia tratar de uma matéria inefável, que se desfaz e foge ao alcance do homem; ou se pode entendê-lo como um produto químico que gera inquietação e desconforto devido a seu forte odor e efeitos diversos no organismo que se expõe a ele. A esse éter, o eu lírico mostra-se passivo (“éter que me invade”): o sujeito que se oferece voluntariamente ao sacrifício em troca de prazer.

Lembremos, também, do título, “Vacina”: o éter oriundo do seio da figura amada traria ao eu lírico uma imunidade à doença do desejo – ou do desejo-doença. Tratar-se-ia, portanto, de uma espécie de cura; talvez uma cura contra o próprio ato de desejar, já que a realização do desejo aplaca as vontades e conduz o sujeito a um estado de plenitude, de saciedade (ainda que temporárias), estado no qual se pode dormir “louco de paz”.

Em “Fruto”, o prazer da alimentação mescla-se ao prazer erótico, fundindo-se um ao outro:

FRUTO²

Cajus travando a boca:
armistício de sede.

Na imensa duna,
caminho até o mar
e o sal na língua
tempera o beijo
entorpecido
derramado em teus seios.
(OLIVEIRA, 2005, p. 38)

2 Note-se o campo semântico formado pelos vocábulos “Cajus”, “duna”, “mar” e “sal”, o qual cria uma ambientação que se relaciona à cidade em que o poeta Lívio Oliveira reside, Natal. Não sendo a topografia nem a brasilidade nordestina o foco deste trabalho, registramos um tema para trabalhos futuros.

O prazer da alimentação é rompido pelo amargo do caju (“Cajus travando a boca”), e a sede se anuncia (“armistício de sede”). Para saciá-la, o eu lírico cruza as dunas em direção ao mar, e o mesmo sal que gerava sede e desconforto tempera, agora, “o beijo entorpecido” derramado nos seios de seu objeto de desejo.

Considerando os poemas selecionados, nota-se que o “seio” é uma figura recorrente no universo erótico criado por Lívio Oliveira. Veja-se “Desenho roto”:

DESENHO ROTO

O desencontro das linhas
no topo
é reencontro
na base.

O formato do coração
esculpido na árvore,
e no teu seio,
por talhe ingênuo,
é o traço da espera,
alento do homem.
(OLIVEIRA, 2005, p. 42)

Nota-se um eu lírico em um amor jovial, marcado pela espera da concretização futura, em cuja promessa encontra-se consolo (“é o traço da espera,/ alento do homem”). A união, adiada por uma separação, é anunciada ainda na primeira estrofe: “O desencontro das linhas/ no topo/ é reencontro/ na base”. Um gesto inocente (“O formato do coração/ esculpido na árvore”), reforçado pelo adjetivo “ingênuo”, mescla-se com um desejo mais bem delineado (“no teu seio”), ainda que o desenho seja “roto”, conforme anuncia o título. A figura do “seio” se estende ainda ao poema “Cone”:

CONE

Alva estrada tatuada
 no busto cheio
 denuncia
 que o calor da luz imensa,
 diurna,
 não alcançou
 o fruto de doce epiderme
 firme em teu corpo.
 O escudo prata
 que protege
 teu ponto circundado,
 essencial,
 evita cruamente
 o meu desesperado
 desejo
 de toque,
 de língua,
 de morte.

(OLIVEIRA, 2002, p. 38)

O eu lírico do poema acima, após descrever pormenores de um corpo, revela uma não correspondência entre seu desejo e o desejo de seu ser amado (“evita cruamente/ o meu desesperado/ desejo”), o que frustra qualquer possibilidade de concretização. O corpo desse outro resiste não somente ao desejo do eu lírico, mas também ao “calor da luz imensa,/ diurna”, que “não alcançou/ o fruto de doce epiderme/ firme”. Essa resistência ocorre devido a um polissêmico “escudo prata”. Dentre o desejar desse sujeito poético, surge novamente a figura da morte, tão recorrente no erotismo (“o meu desesperado/ desejo/ de toque,/ de língua,/ de morte”).

Em “O bico do peito”, associam-se o erotismo e o fazer poético:

O BICO DO PEITO

Vem.

Sem excesso, língua,

água fria,

meu bem,

não se faz poesia.

(OLIVEIRA, 2012, p. 73)

O verbo no imperativo (“Vem”) que inicia o poema é um convite ao interlocutor (“meu bem”) com quem o eu lírico dialoga nesses cinco breves versos. O título (“O bico do peito”), o “excesso” e a “língua” formam o âmbito dionisíaco, o impulso animalesco, a inspiração repentina do fazer poético; já a “água fria” remete ao domínio apolíneo, à razão, ao despertar, ao equilíbrio pretendido da arte poética. Sem ambos esses extremos, “não se faz poesia”.

Em “Um encontro”, o eu lírico hesita entre a afirmação de conhecer o perfume ou o veneno de seu objeto de desejo, reaproximando a morte no âmbito erótico, morte relacionada ao veneno:

UM ENCONTRO

Em que sonho te perdi?

Onde puseste tuas pequenas mãos

que já não me tocam,

que já não mais posso tocar?

O que permaneceu vivo

daquele encontro

que, talvez, nem tenha mesmo havido?

Quem sabe o teu perfume?

Quem sabe o teu veneno?

(OLIVEIRA, 2002, p. 57)

Novamente, existe a perda daquilo que se deseja (“Em que sonho te perdi?”; “mãos/ que já não me tocam,/ que já não mais posso tocar”), e não há a certeza de que o encontro de fato aconteceu (“O que permaneceu vivo/ daquele encontro/ que, talvez, nem tenha mesmo havido?”).

Cabe ressaltar que essa busca *exterior* do erotismo nada mais é do que uma necessidade de aspectos *interiores* do homem. Um objeto externo preencheria o vazio interno do ser desejante: “O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Enganamo-nos quanto a isso porque ele busca incessantemente *no exterior* um objeto de desejo. Mas esse objeto responde à *interioridade* do desejo” (BATAILLE, 2013, p. 53, grifo do autor).

Em “Visita noturna”, o desejo surge envolto pelo proibido, o que, em vez de impossibilitar algo, adensa a curiosidade em torno da proibição:

VISITA NOTURNA

Não reconheço a voz rouca e doce,
 negra,
 que invade meu quarto.
 Recebo-a, mesmo assim,
 nos lençóis,
 revolvendo meu sonho proibido
 de menino.
 (OLIVEIRA, 2005, p. 28)

No poema, o eu lírico tem seu sonho revolido por uma voz que, mesmo não reconhecida, é aceita em seus lençóis. O campo semântico criado pelos vocábulos “quarto” e “lençóis” faz entrever o sujeito em sua cama, lugar-comum da realização de desejos eróticos e que é reforçado pelo período do dia também tomado como mais

habitual para tais práticas, a noite, identificada pelo determinante “noturna” do título.

O fato de o eu lírico remontar o sonho a um tempo anterior (“sonho proibido/ de menino”) ratifica a ideia de que a infância não é um período imune à experiência erótica, que se realiza seguramente mediante a fantasia – através dos sonhos, lugar imune às proibições e protegido contra as brutalidades do real da vida concreta. A antítese criada pelo invadir e pelo receber (“invade”/”Recebo”) remete à dualidade que existe no jogo entre o ser desejante e o ser desejado, em que ambos os desejos – de aproximação e de distanciamento – confundem-se, levando a uma fusão entre eles.

Em “Galáxia íntima”, o erotismo faz-se mais nítido:

GALÁXIA ÍNTIMA

A pimenta em meus lábios
queima a língua
que teima em investigar
teu planeta inóspito.

Envolto em céus anelares
de órbitas esgazeadas
no espaço de um grito,
perco o rumo
e me solto
nos quasares
dos teus olhos.
(OLIVEIRA, 2005, p. 43)

Forja-se, no poema, uma galáxia corporal: o sugestivo “planeta inóspito” é investigado por uma língua que queima devido à pimenta nos lábios do eu lírico – com isso, a ardência do desejo se presentifica; o eu poético se solta em “céus anelares” e perde o rumo, sugerindo

a liberdade resultante da concretização dos ímpetus eróticos, que culminam “no espaço de um grito”. O “perco o rumo” dito pelo eu lírico ratifica que o erotismo é “o desequilíbrio em que o próprio ser se coloca em questão, conscientemente” (BATAILLE, 2013, p. 55).

Em “Marco”, o desejo surge numa associação com um percurso de uma viagem:

MARCO

Que destino
tomarei
nesta viagem?

Onde topará
meu desejo
traduzido
em suspiro
de gozo derradeiro?
(OLIVEIRA, 2005, p. 45)

O eu lírico vê-se sem rumo, pois não pode prever o lugar ao qual seu desejo o levará. A dúvida é concretizada pelas interrogações formadas nas duas estrofes, e é o “gozo derradeiro” que determinará o marco ao qual o desejo o conduz. O erotismo do poema é ambientado por três escolhas lexicais: “desejo”, “suspiro” e “gozo”.

É interessante notar que as escolhas lexicais determinam também o quão explícito ou implícito o erotismo pode surgir nos poemas. Em “Mosto”, por exemplo, trata-se de algo bastante direto, devido ao vocábulo “vulva”, ainda que esta seja a única palavra que remeta à seara erótica:

MOSTO

Uva aberta:
vulva secreta.

O vinho escorre,
enchendo o poço da alma.
(OLIVEIRA, 2005, p. 47)

Percebe-se novamente uma associação entre erotismo e alimentação: a “vulva secreta” que a “Uva aberta” sugere; a plenitude do vinho que escorre, “enchendo o poço da alma”. Tanto a uva, da qual se faz o vinho, quanto a vulva trariam satisfação aos desejos do eu lírico.

Já em “Fogo fátuo”, o erotismo surge em uma sugestão mais velada:

FOGO FÁTUO

Mordi o lábio,
mais uma vez.
Não me chega
a cura
no nosso tempo.

Enquanto dormíamos,
nosso sopro de amor
viajou outros mundos.
(OLIVEIRA, 2005, p. 54)

O “fogo” que intitula o poema é acompanhado de um qualificador que lhe traz decadência, transitoriedade (“fátuo”), o que é ratificado pela cura buscada pelo eu lírico (“Não me chega/ a cura/

no nosso tempo”). Contudo esse “fogo” permanece aceso, como um desejo que não se apaga, o que acarreta uma inquietação recorrente: “Mordi o lábio,/ mais uma vez”. A figura do sonho, presente na segunda estrofe, traria tanto serenidade quanto a possibilidade de percorrer outras possibilidades de amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer os labirintos do lirismo de Lívio Oliveira e conhecer a profundidade do conceito batailliano de erotismo, entende-se melhor a conexão com o ser que a poesia e a arte erótica proporcionam aos indivíduos. Se a arte poética, em si, já conduz o homem a um jogo de sedução com a linguagem, quando unida ao erotismo torna essa conexão ainda mais profunda, mais íntima, mais intensa:

A poesia conduz ao mesmo ponto que cada forma do erotismo, à indistinção, à confusão dos objetos distintos. Ela nos conduz à eternidade, nos conduz à morte e, pela morte, à continuidade: a poesia é *a eternidade*. *É o mar partido com o sol* (BATAILLE, 2013, p. 48, grifo do autor).

Bem como as pequenas mortes que o erotismo encena, a poesia nos mata um pouco a cada leitura; não com a negatividade de perder a vida, mas sim com a positividade de reconectar-se com o viver pleno do qual o nascimento nos privou. Nos jogos eróticos e nos versos, através do corpo e da linguagem, o homem é religado ao ser – ainda que por breves momentos – e se abastece da energia metafísica vital que nos sustém.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl. Prefácio – O lugar do erotismo. In: BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (Coleção FILÔ), p. 19-24.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (Coleção FILÔ).

OLIVEIRA, Lívio Alves Araújo de. *O Colecionador de Horas*. Natal: A.S. Editores, 2002.

_____. *Telha Crua*. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

_____. *O Teorema da Feira*. Natal: Edição do autor, 2012.

SCHEIBE, Fernando. Apresentação do tradutor. In: BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (Coleção FILÔ), p. 9-18.

ALEXSANDRO LINO é mestre em Estudos da Linguagem, subárea Literatura Comparada, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN) e professor da rede pública do Estado do RN.

AS OBRAS DE FICÇÃO MAIS IMPORTANTES DA LITERATURA POTIGUAR NO SÉCULO XX

Thiago Gonzaga

Romances, em ordem alfabética:

- 1- **Os Brutos**, de José Bezerra Gomes.
- 2- **Gestos Mecânicos**, de Ruben G Nunes.
- 3- **Gizinha**, de Polycarpo Feitosa.
- 4- **Um Gosto Amargo de Fim**, de Nilson Patriota.
- 5- **Macau**, de Aurélio Pinheiro.
- 6- **O Mensageiro del Rey**, de Iaperi Araújo.
- 7- **A Pátria Não é Ninguém**, de François Silvestre.
- 8- **As Pelejas de Ojuara**, de Nei Leandro de Castro.
- 9- **Quarta Feira de um País de Cinzas**, de Alex Nascimento.
- 10- **O Rio da Noite Verde**, de Eulício Farias de Lacerda.

Fiz esta lista como um instrumento para indicação, uma espécie de roteiro, com os romances mais significativos da literatura potiguar no século passado. Ao recomendar tão-somente 10 títulos, tentei seguir alguns critérios, como, por exemplo, não repetir livros do mesmo autor (Polycarpo Feitosa, por exemplo, tem no mínimo três grandes romances); também quis privilegiar obras que trouxeram alguma inovação estética-formal, e

que têm valor histórico, representando determinado período literário. Também é preciso esclarecer que certos livros, importantíssimos para a literatura local, como, por exemplo, “Temporada de Ingênios”, de João Batista de Moraes Neto, “Crônica da Banalidade”, de Carlos de Souza, “Cabra das Rocas”, de Homero Homem, “Geração dos Maus”, de José Humberto Dutra, e “De Como se Perdeu o Gajeiro Curió”, de Newton Navarro, caracterizam-se como novelas, e não como romances no sentido estrito. E esta lista, mais uma vez reforço, compõe-se de romances publicados no século XX, eis o motivo de não incluir autores como Pablo Capistrano e outros que estrearam nessa seara já no século XXI.

Neste início de século, onde há uma espécie de *boom* na ficção potiguar, temos importantes romances que se destacam como “O Dia dos Cachorros”, de Aldo Lopes; “A Botija”, de Clotilde Tavares; “Infância do Coração”, de Francisco Sobreira; “Parnamirim Field”, de Lenilson Antunes; “Memórias de Bárbara Cabarrus”, de Nivaldete Ferreira; “Cidade dos Reis”, de Carlos de Souza; porém isso já seria uma nova lista, uma outra seleção.

Quatorze livros essenciais do conto potiguar no século XX

Em ordem alfabética:

1. **Cão de Luxo**, de José Pinto Júnior.
2. **Cárcere das Águas**, de Fagundes de Menezes.
3. **Chão dos Simples**, de Manoel Onofre Jr.
4. **Os Deserdados da Chuva**, de Eulício Farias de Lacerda.
5. **O Dia em que Tyrone Power Esteve em Natal**, de Geraldo Edson de Andrade.
6. **Um Dia... Os Mesmos Dias...**, de Francisco Sobreira.

7. **Estórias Gerais**, de Jaime Hipólito Dantas.
8. **O Homem que Assassinava Árvores**, de Pedro Simões.
9. **Lugar de Estórias**, de Bartolomeu Correia de Melo.
10. **Os de Macatuba**, de Tarcísio Gurgel.
11. **Os Mortos São Estrangeiros**, de Newton Navarro.
12. **Pedro Cobra e Outros Acontecidos**, de Umberto Peregrino.
13. **Sete Contos Curtos e Outros Nem Tanto**, de Moacir de Góes.
14. **Sete Degraus do Absurdo**, de Edna Duarte.

Esta lista tem, como a anterior, o intuito de servir como modelo, um parâmetro para alunos, professores e pesquisadores conhecerem o que melhor se produziu, em se tratando de contos, no Rio Grande do Norte, no século passado. São livros-base. Vale ressaltar Martins de Vasconcelos, como um dos primeiros contistas potiguares, todavia citado aqui mais pela relevância histórica do que pelo valor estético. Afonso Bezerra foi com certeza nosso primeiro grande contista, porém, morreu inédito, em livro, só tendo sua obra literária resgatada nos anos 60 por Manoel Rodrigues de Melo. Outro excelente contista nosso, Nei Leandro de Castro organizou a primeira antologia de contistas potiguares, em 1966, mas, não publicou livro de contos no século XX; estreou, recentemente, em 2013, com a obra “Pássaro sem Sono”. É bom também observar que contistas como Francisco Sobreira, Geraldo Edson de Andrade e Tarcísio Gurgel são autores de outros livros de contos, publicados no século XX, que se situam no mesmo nível qualitativo dos que constam desta lista. Sobreira tem, pelo menos mais dois bons livros que mereceriam estar na lista, “Não Enterrarei os Meus Mortos” e “A Noite Mágica”. Bartolomeu Correia de Melo é outro caso semelhante: estreou em 1997 com um

livro de contos, “Lugar de Estórias”, mas, no século XXI ele ainda iria produzir outros livros no mesmo nível. François Silvestre e Iaperi Araújo, veteranos cultores da ficção (os dois fizeram algumas incursões pelo conto no passado) vêm cada vez mais se destacando neste início de século: o primeiro como importante romancista e o segundo como autor de contos de muito boa qualidade estética e literária, publicados em revistas literárias.

Comparada, a realidade deste novo milênio, é bastante diferente, pois sobressaem muitos outros bons livros de contos que, aliás, não vamos listar, pois estamos analisando apenas obras do século passado. Mas é notório o trabalho de ficcionistas como Aldo Lopes (escritor paraibano radicado em Natal), Demétrio Vieira Diniz, Nelson Patriota, Pablo Capistrano, Márcio Benjamin e outros talentos de valor nacional.

10 novelas essenciais da literatura potiguar no século XX

Em ordem alfabética:

1. **Agora Lábios Meus Dizei e Anunciai**, de Inácio Magalhães de Sena.
2. **Cabra das Rocas**, de Homero Homem.
3. **Crônica da Banalidade**, de Carlos de Souza.
4. **De Como se Perdeu o Gajeiro Curió**, de Newton Navarro.
5. **O Dia em que a Coluna Passou**, de Eulício Farias de Lacerda.
6. **Os Enteados de Deus**, de Fagundes de Menezes.
7. **Geração dos Maus**, de José Humberto Dutra.
8. **Palavras Manchadas de Sangue**, de Francisco Sobreira.
9. **O Que Aconteceu em Gupiara**, de Bené Chaves.
10. **Temporada de Ingênios**, de João Batista de Morais Neto.

Com esta lista, completo o – digamos – tríptico (romance, conto, novela), com o roteiro seletivo da ficção potiguar no século XX. Ressalvo que outras boas novelas poderiam constar da lista, mas, como quis destacar apenas dez... Menino de Asas, do próprio Homero Homem, um verdadeiro clássico infanto-juvenil, com mais de 25 edições; Três Espaços em Três Novelas, de S.F. Gurgel Filho; Dormentes- A Festa da Serra Encantada, de François Silvestre; Romão Rei e o Roqueiro da Praça do Cid, de Gustavo Luz, resumiram mais alguns bons momentos desse gênero literário no século passado.

Assim como no romance e no conto, neste início de novo milênio também temos autores escrevendo novela em solo potiguar, embora sempre em número menor. Cito de memória, Cefas Carvalho (Ponto de Fuga), Geraldo Edson de Andrade, morto recentemente, (A Traficante do Morro do Careca), Damião Gomes (O Futurista), Aluísio Azevedo Júnior (Havana), e dois jovens, com menos de vinte anos, que são promessas, um de Mossoró, Thiago Galdino (Suspeitas de um Mistério), e o outro de Natal, Guilherme Henrique Cavalcante (A Imagem do Cão).

Temos muitos outros bons nomes produzindo literatura de ficção na atualidade: Túlio Andrade, Jeanne Araújo, são exemplos de revelações da ficção potiguar (cito apenas os novíssimos).

Por fim, saliento, como Manuel Bandeira comentou, certa vez, ao elaborar uma das suas antologias: querendo ou não, a seleção de peças para se fazer uma antologia, inclui o gosto pessoal do organizador. Porém, busquei ser imparcial e justo.

THIAGO GONZAGA é pesquisador, especialista em literatura e cultura potiguar pela UFRN. Autor de “Presença do Negro na Literatura Potiguar & Outros Ensaios”, dentre outros livros.

UMA LEITURA SOBRE O TEMPO, AS MEMÓRIAS E O DIÁRIO, EM O *AMANUENSE BELMIRO*, DE CYRO DOS ANJOS

Keynesiana Macêdo Souza

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão*

*Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

(Carlos Drummond de Andrade – *Memória*)

O escritor Cyro dos Anjos (1906-1994), “[...] também chamado o vago [...] é vago como um lugar não preenchido³”, desde a tenra idade cultivava o gosto

3 Versos retirados de um poema em homenagem a Cyro dos Anjos escrito por Drummond na ocasião de troca de cartas entre eles. Ambos cultivaram uma amizade de mais de 60 anos. Conferir: ANJOS, Cyro dos.; ANDRADE, Carlos Drummond de. **Cyro & Drummond**: correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade. Wander M. Miranda e Roberto Said (Org.). São Paulo: Globo, 2012. p. 307.

pelas letras. Com apenas oito anos, em Montes Claros/MG, iniciava sua primeira experiência jornalística ao rabiscar um jornalzinho denominado *Horas Vagas*. Dois anos depois, já era redator de outro intitulado *O Civilista*. Talvez o não preenchimento tenha feito mesmo mais sentido na vida desse escritor mineiro, uma vez que, de certa forma, deitou sobre o papel a procura pelo ‘achar-se preenchido’, elaborando uma prosa poética, com personagens ‘em busca do tempo perdido’. O *Ser vago* encontra reflexos em sua escritura, em obras que vão, de certa maneira, pela via contrária, a passos indecisos, incertos, mas pulsando vida interior e desejo de resgatar, rememorar um tempo pretérito, que não deixa de ser o ato de uma procura por si mesmo.

O primeiro romance de Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro* (1937), foi publicado numa época em que o cenário literário brasileiro (a chamada geração de 30) estava direcionado à realidade nacional, ou seja, havia a preocupação de mostrar e retratar a sociedade, a miséria e a fome por meio da literatura. De tom diferenciado, esse romance tem a atenção voltada muito mais para o mundo interior, para os questionamentos e dramas vivenciados ou imaginados pelo narrador-personagem, Belmiro Borba.

Seguindo uma direção desuniforme no tocante à produção literária da década de 1930, a narrativa cyriana é escrita pelo viés da subjetividade e tem na figura do seu narrador a representação de um sujeito perdido em suas questões interiores e sempre em busca de sentido para sua vida. Belmiro é um personagem oscilante e ambivalente, que vive o anseio de querer reviver o passado, muito embora o presente venha a dominar a cena narrativa.

É a partir de suas anotações para a consolidação de um diário que o narrador revela suas faces e facetas no decorrer do texto. O diário deixa transparecer uma linha tênue entre o memorialismo, o cotidiano prosaico, a escrita de si e a atmosfera melancólica. Sendo assim, o gênero diário se faz importante para construção do perfil

belmiriano, pois é a forma preferida dos tímidos e introspectivos; é um texto no qual seu escritor debruça-se sobre si mesmo e tece suas reflexões e meditações íntimas.

É a partir da escritura do diário que Belmiro relata suas queixas, fantasias, alegrias e tristezas vividas no presente e no passado, além de lembranças evocadas a partir de situações do seu cotidiano; por vezes, um perfume, uma música ou uma paisagem o faz recordar de Vila Caraíbas e da fazenda no interior mineiro onde ele morou.

É por meio do discurso literário que o narrador-personagem de *O amanuense Belmiro* encontra uma forma de se dizer, de se mostrar, de se encontrar e de se autoanalisar. No intuito de ficcionalizar a história de sua vida, buscando no próprio ato da escrita um sentido para sua existência, fica claro na narrativa que Belmiro Borba almeja escrever um livro de memórias, mas falha nesse seu projeto e o que era para ser um livro de reminiscências acaba se transformando em um diário, ou seja, ao invés de Belmiro escrever sobre seu passado, detalhes da sua infância, adolescência e vida adulta, ele passa a elaborar um registro do seu dia a dia. Na verdade, o que há no diário são registros das datas e acontecimentos que o mesmo elege como sendo fatos relevantes dentro do seu cotidiano parco; independentemente de ser algo da mais completa banalidade, tal como o latido de um cão na vizinhança que não o deixa dormir em paz:

De corpo e espírito, achava-me, pois, preparado para o repouso e já me aconchegava, repetindo, instintivamente, as posições do embrião no ventre materno, quando, arrancando-me daquele suave quebranto, o cão dos fundos se pôs a ladrar, com um método que indicava disposição sólida de latir pela madrugada toda. Previ catástrofe, em sua extensão, e repreendi-

me por já não ter ministrado uma “bola” ao canino demônio⁴.

A escrita diarística do personagem Belmiro constata tanto a inconstância do seu narrar como também a dificuldade que ele tem em se situar no tempo, sendo que em certos momentos relata fatos do passado e em outros acontecimentos do presente, porém, ocorre um predomínio maior deste último. Com isso, fica nítido o fracasso do seu projeto inicial de escrever um livro de memórias: “É plano antigo o de organizar apontamentos para umas memórias que não sei se publicarei algum dia” (*OAB*, p. 25). De certa forma, trata-se de um passado que se faz presente, como bem escreveu Mario Quintana (2006, p. 174): “O passado não reconhece o seu lugar, está sempre presente”. O diário de Belmiro é composto por esse olhar que vez por outra se desvia do aqui e agora para buscar nas lembranças uma visão do passado; é uma narrativa composta de um ir e vir na base de um tempo que se desloca.

Quanto ao diário em si, os estudos de Philippe Lejeune⁵, sobre escrito íntimo, dão conta de que

[...] a anotação quotidiana, mesmo que não seja relida, constrói a memória: escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma identidade narrativa que tornará minha vida memorável. [...] O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, “disco rígido” e memória viva (LEJEUNE, 2008, p. 262).

4 ANJOS, Cyro dos. **O amanuense Belmiro**. São Paulo: Globo, 2006, p. 23. Doravante, no corpo do texto, indicaremos, entre parênteses, as iniciais *OAB*, seguidas do (s) número (s) da (s) página (s).

5 Dos estudos feitos por Lejeune (2008), interessa-nos, aqui, destacar tão somente as ideias e concepções a respeito do diário. Neste momento, a abordagem sobre o pacto autobiográfico não se faz pertinente, até mesmo porque o diário não está incluso nesse pacto.

Por ser um gênero mais livre na sua forma de escrita, o diário não exige certo rigor na qualidade de estilo, pois o que mais interessa é a relação do autor com seus relatos íntimos, com o que deseja externar, a triagem que ele faz dos acontecimentos vividos e dos sentimentos expressos. São narradas situações variadas de acordo com a importância que o escritor do diário atribui aos fatos, pois,

Digamos apenas que um diário serve, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo). Quanto ao conteúdo, depende de sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. A forma, por fim, é livre (LEJEUNE, 2008, p. 261).

O diário se destaca em *O amanuense Belmiro* como uma preparação para um livro de memórias e também como resultado de ideias, sentimentos e inquietações que atormentam o personagem em sua incessante busca de sentido para sua existência:

Eu não renunciara ainda ao projeto de um livro de memórias e me consumia em tentativas, repelindo as solicitações de um presente que se insinuava, sob mil formas, no meu espírito e disputava lugar às imagens do passado. Depois, o caderno toma a feição de Diário e nele passo a expor fatos, impressões, ingênuos pensamentos, loucas fantasias (*OAB*, p. 209).

O personagem revela seu intento em produzir um livro “sentimental, de memórias” (*OAB*, p. 91), porém percebe as suas várias tentativas vãs, que o seu cotidiano, geralmente, não cedia espaço para recordações passadas. Sendo assim, seus escritos vão compondo sua narrativa diarística e traduzindo em palavras

sentimentos diversos; além de ser uma forma de autoanálise, uma reflexão do Belmiro que observa e escreve, sobre o Belmiro que é observado e descrito: “É assim é a vida...Os acontecimentos que aqui se desenrolaram e em que desempenhei ora o papel de ator principal, ora o de espectador, mudaram, por completo, as intenções deste livro” (*OAB*, p. 91). Essa observação é feita também a partir de fragmentos do passado que a memória do personagem recupera e reconstrói conforme a ideia de Halbwachs (2006) ao entender a memória como uma seleção de fatos e acontecimentos da vida, que são ao mesmo tempo responsáveis pela verdade e pela fantasia do que vivenciamos.

É importante ressaltar que, muitas vezes, essas lembranças e seleção do que vivemos só são possíveis por meio da chamada memória coletiva, que mesmo respeitando o indivíduo e sua individualidade, não o libera do pacto com a coletividade, com tudo que o cerca, pois as outras pessoas (ou coisas, objetos) o auxiliam nesse processo de recordação, uma vez que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. [...] Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estive sozinho, pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo [...] Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras

de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas (HALBWACHS, 2006, p. 30-31).

Halbwachs (2006), ao discutir as relações entre *memória coletiva e individual*, nos esclarece que nossas lembranças permanecem coletivas mesmo diante de situações nas quais apenas nós estivemos envolvidos ou presenciamos, posto que jamais estamos sós e “Não é preciso que outros estejam presentes, [...], porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Em consonância com essa assertiva halbwachiana sobre a memória, é que destacamos, aqui, o personagem Belmiro Borba quando este resgata em suas reminiscências acontecimentos do passado, situações que apenas ele vivenciou e também situações compartilhadas com amigos, colegas de trabalho, vizinhos, familiares e até mesmo as leituras que ele fez: “Fiquei satisfeito com o precedente ilustre que a memória me veio trazer e lembrei-me de umas palavras do excelente Montaigne: ‘A alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando lhe faltam os verdadeiros’” (OAB, p. 25).

Na perspectiva de Halbwachs (2006), a memória do indivíduo depende de suas relações interpessoais, do seu contato com pessoas, grupos e instituições que constituem seu ciclo de convivência, que fazem parte do seu dia a dia. Para este teórico, a lembrança não se configura como um mero reviver do vivido, mas vai além, significa reconstruir e reorganizar o que já passou com o olhar do momento atual. A memória particular, individual abrange também a memória do grupo em virtude de um tempo que faz deslocar uma experiência específica e peculiar para o geral, posto que todo indivíduo compõe e agrega a experiência do grupo ao qual pertence, com as injunções coletivas que o integram.

Nesse sentido, revisitar o passado não quer dizer reafirmá-lo no contexto do presente que o evoca, mas sim reconstruí-lo. Na

visão halbwachiana, a lembrança se configura como reconhecimento e reconstrução. O reconhecer nesse aspecto é o “sentimento do já visto”; e a reconstrução não é a repetição linear do ocorrido no passado, mas sim o resgate de acontecimentos que dentro de um cenário ou circunstâncias atuais despertam interesse, e também pelo fato de que tal lembrança se destaca e tem relevância diante de outros acontecimentos e vivências evocáveis num determinado tempo, espaço ou grupo social.

A partir dessas reflexões sobre a memória, podemos destacar a consonância existente entre essa teoria halbwachiana (memória coletiva e individual) e a escritura do diário de Belmiro Borba. Conforme já foi ressaltado, em momentos anteriores, esse personagem havia idealizado escrever um livro memorialístico e acabou narrando muito mais passagens do seu dia a dia do que lembranças passadas. No entanto, é bem verdade que (re)cortes de suas memórias também estão presentes no decorrer do diário cerzindo vários acontecimentos do seu contexto atual com situações do passado, pois no instante em que Belmiro, andando a esmo pelos lados da *Rua Serpentina* - BH, se depara com uma cena e fica a recordar a chamada “roda morena”: “Assim chamavam, na Vila, à roda alegre em que raparigas, braços dados, entoavam velhas modinhas” (*OAB*, p. 162). A partir dessa cena ele se desloca no tempo e no espaço, passando a evocar lembranças caraíbanas:

E as cantigas todas eram cantadas, sob o luar, até que o relógio da torre do Mercado desse suas nove horas que equivaliam a um toque de recolher. Minhas ruas e meus largos de Vila Caraíbas eram, assim, povoados de ranchos femininos, que desprendiam beleza e inocência (*OAB*, p. 162).

Temos aí, na citação acima, uma das formas pelas quais os vestígios da memória e as lembranças adormecidas entram na roda

do tempo belmiriano, um tempo que vem à tona sem muito esforço, pois Vila Caraíbas e as “moças em flor” o acompanham passo a passo no trilhar desses caminhos que não voltam. Com isso, podemos dizer que nesse romance a memória é relevante por exercer um papel estruturador em meio uma realidade que se configura conflituosa.

Portanto, à luz dos estudos de Halbwachs (2006), entendemos que a memória é esse exercício, esse trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza situações passadas, ou seja, os “quadros sociais” nos quais as lembranças podem permanecer e, assim, articular-se entre si:

No momento preciso em que certos quadros se desdobram aos nossos olhos, quase sempre não lhes percebemos a intensidade lírica, nem lhes apreendemos a substância rica de poesia. Nosso olhar circula vago e às vezes quase indiferente. Mais tarde é que, através da memória, vamos com os olhos da alma penetrar no âmago daquelas paisagens extraordinárias. Quanto o inconsciente é fino, sutil, receptivo, nos seus trabalhos subterrâneos! Só hoje, depois de uma ascensão lenta, as camadas profundas do espírito me trazem o panorama, a cor, a luz, o tom e a música de longínquos dias, que pareciam perdidos (*OAB*, p. 162-163).

Parece, pois, procedente dizer que Belmiro faz uso de suas memórias e lembranças do tempo pretérito como uma ponte que liga o passado ao presente ou vice-versa; são “impressões vagas” que com o passar dos anos vão se apagando, se diluindo no perder dos dias, mas a memória exerce seu papel de sustentação e atualização daquilo que foi vivido (ou fantasiado) e de alguma forma ficou guardado, permaneceu nesses “quadros sociais”, sendo possível evocar tais recordações por meio de pessoas, lugares, objetos, músicas, paisagens, cheiros, coisas:

Já estava palmilhando a terra vaga do sono, para frente, para trás, segundo a luta surda que se

trava em nós, entre uma parte do eu, que aspira ao abandono, e outra que contra ele reage, talvez pelo receio inconsciente que inspira o adormecer, imagem da morte; ganhava-me o corpo uma doce lassidão, e o espírito se ia contagiando do torpor que afrouxara os nervos; apenas impressões vagas, prestes a se apagarem, me vinham das coisas, e a uma reminiscência tênue, quase a esvaecer, reduzia-se esta lembrança permanente com que, no estado de vigília, a memória sustenta, a cada instante, nossa precária unidade psíquica, ligando o momento que passou ao momento presente (*OAB*, p. 23).

Belmiro Borba faz da escrita do seu diário um meio para esse processo de rememoração. São (re)cortes do passado e do presente que perfazem as linhas e entrelinhas de sua narrativa, com vistas num passado que insiste em desaguar no seu cotidiano. O excerto acima destacado mostra esse personagem inquieto e às voltas com os seus pensamentos, estes que por sua vez não são para ele anódinos. Contudo, é importante frisar que por mais que as memórias sejam evocadas no fazer do diário, é o tempo presente que irá dominar a cena narrativa; e é o próprio Belmiro quem toma consciência disso e expressa no capítulo 32:

Vejo que a história do presente já expulsou, definitivamente, destes cadernos, a do passado. [...] Às vezes ainda me vem uma necessidade angustiosa de rever velhas paisagens, de evadir-me para uma região que realmente já não se acha no espaço, e sim no tempo. Mas, no comum dos dias, agora é o presente que me atrai (*OAB*, p. 92).

Isso nos faz recordar as seguintes palavras de Ítalo Calvino,

no livro *Por que ler os clássicos* (1990, p. 14): “o dia de hoje pode ser banal e mortificante mas sempre é um ponto no qual podemos olhar para frente ou para trás”.

Ao trazer para o presente suas recordações, Belmiro vai deixando, em algumas passagens do seu diário, rastros possíveis de serem interpretados como um desejo de memória, como algo que provoca uma necessidade em transpor e superar as aporias do tempo em busca de uma felicidade clandestina, uma felicidade escondida e, ao mesmo tempo, revelada no fazer literário, na escritura do diário. No livro *Viver para contar*, Gabriel Garcia Márquez, escritor colombiano, diz que “a vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”. E é nesse ato de recordar e contar que Belmiro vai tentando encontrar sentido para sua existência, vai relatando o que viveu a partir da sua perspectiva e suas lembranças do passado. Conseguimos perceber na narrativa que é no tempo presente que ele sente um certo desconforto em relação ao mundo, “O que Belmiro quer, a qualquer custo, é aparar as arestas do presente, a única coisa que lhe poderia dar alguma forma de pacificação verdadeira”, afirma Luís Bueno (2006, p. 556).

O tempo é sempre visto por Belmiro como efêmero, tal qual a vida. Seu anseio está no seu reencontro com o tempo passado, esse que não volta e nem se revive mais integralmente, e isso esse narrador sabia bem: “O que a meus olhos surgiu foi a sombra miserável de um tempo que morreu” (*OAB*, p. 93). Aliada à questão do tempo, também está a construção do seu diário, posto que a narrativa transita entre evocações do passado e o presente do cotidiano prosaico. Entretanto, o passado apenas incide no presente por meio de alguma cena, paisagem ou música que Belmiro encontra e escuta no seu caminho. Sendo assim, o tempo presente fica também evidente na narrativa em virtude da impotência e da falha desse personagem em querer escrever um livro de memórias, registrar suas reminiscências, pois termina por escrever um diário, ou seja, um livro de anotações íntimas, de registro cotidiano, mesmo ele escrevendo em grandes intervalos de tempo. Oscilações de um amanuense melancólico!

Dessa forma, narrador da (sua) vida, Belmiro vai tecendo página a página em seu diário alguns fios de sua reminiscência entremeados com ocorrências do presente, perscrutando assim a alma humana a partir dos

acontecimentos banais do seu dia a dia, e isso só mostra que o mais prosaico dos temas pode iluminar questões profundas, comuns ao ser humano. O ato de revelar e revelar-se por meio de um diário parece um caminho significativo para quem pretender “pôr a alma no papel” e entregar-se à melancolia da escritura.

REFERÊNCIAS

- 1] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética** (organizada pelo autor). Rio de Janeiro: Record, 2010.
- 2] ANJOS, Cyro dos. **O amanuense Belmiro**. São Paulo: Globo, 2006.
- 3] _____; ANDRADE, Carlos Drummond de. **Cyro & Drummond: Correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade**. Wander M. Miranda e Roberto Said (Org.). São Paulo: Globo, 2012.
- 4] BUENO, Luís. Cyro dos Anjos. In.: **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- 5] CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- 6] HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. (Trad. de Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006.
- 7] LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: DOBARRO, Ángel Nogueira (Org.). **La autobiografía y sus problemas teóricos**. Barcelona: Antropos, 1991.
- 8] _____. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Organização de Jovita Maria G. Noronha; Tradução de Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- 9] MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Viver para contar**. Tradução de Eric Nepomuceno. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- 10] QUINTANA, Mario. **Caderno H**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

KEYNESIANA MACÊDO SOUZA é Mestra em Estudos da Linguagem, área de concentração: Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é Professora substituta no Departamento de Letras da UERN.

“SEU GOMES” E SUA OBRA *OS BRUTOS*

Por Maria Adamires da Silva

Considerado um dos escritores mais relevantes da produção literária em prosa no Rio Grande do Norte, José Bezerra Gomes, ou “Seu Gomes” como era chamado pelos seus companheiros literários, é pouco conhecido pelo público. Nasceu em Currais Novos, onde fez o primário no grupo escolar Capitão-mor Galvão. Em Natal, cursou o ginásio no Ateneu Norte-rio-grandense. Bacharelou-se, em 1963, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em Currais Novos, em 1941, candidatou-se e foi eleito vereador da Câmara Municipal, instituindo a Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Currais Novos. Foi o primeiro diretor e organizador do referido órgão. Participou, ainda, da elaboração do Estatuto do Centro Esportivo Currais-novense, e foi seu diretor durante dez anos. Essas foram algumas informações biográficas sobre o autor para auxiliar a compreensão da criação literária deste.

José Bezerra Gomes era um escritor talentoso, mas sua obra foi comprometida pelo avanço da doença mental que o acometeu ainda jovem. Mesmo assim, publicou três grandes romances: *Os brutos* (1938); *Por que não se casa doutor?* (1944); e *A porta e o vento* (1974). Seguidor assumido do romance regionalista, José Bezerra enfoca em suas obras a seca, o retirante, a memória da sociedade hierarquizada e a injustiça social. No país, o ciclo de romances regionalistas revelou autores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

Em seu livro de estreia *Os brutos*, José Bezerra Gomes retrata a região do Seridó, a sua cidade natal Currais Novos, que era um polo de riquezas de algodão, o chamado ouro branco do sertão. O

romance *Os brutos* tem 25 capítulos que, embora sejam fragmentados e descontínuos, possibilitam o estabelecimento de uma sequência narrativa para a história, não inviabilizando a compreensão do leitor.

Sigismundo, narrador-personagem, inicia o enredo em Currais Novos, logo depois descreve a chegada de Seu Tota a essa cidade, um senhor rico que comprava algodão por um preço baixo, era o único homem que tinha um carro na cidade, com motorista, o mulherengo Jesus. Depois introduz a história de personagens como o seu tio Lívio, que vivia com a prostituta Rica. Após isso, Sigismundo mostra a residência dos seus tios Abdias e Maria e do primo Aldair, que era criado com muita rigidez, diferente do personagem protagonista. A narrativa deixa perceptível, o tempo todo, a insatisfação dos tios com a estada de Sigismundo em sua casa.

Em um determinado momento, o narrador traz de volta à história o tio Lívio. Desta vez, o personagem vem para se instalar na casa de Abdias para tratar-se de doença. A partir daí começa a história de amizade entre o tio Lívio e o sobrinho Sigismundo, que acaba quando o garoto se assusta com a doença do tio. Tempos depois, Lívio, com ciúmes de Rica, assassina-a com suspeita de traição, é preso e enlouquece na cadeia.

Uma nova fase do romance é iniciada quando Sigismundo volta para junto dos pais no Alívio, sítio dos seus pais, onde por influência do morador Cicero Cacheado tem sua primeira experiência sexual. No final do livro, o autor não dá por acabado o enredo e a narrativa “termina” de modo aberto, sem o ponto final dos textos mais lineares e tradicionais.

Em *Os brutos*, podemos ressaltar a diferença entre o tratamento de Sigismundo e seu primo Aldair. Ao chegar à casa de seus tios Abdias e Maria, vemos o modo como ele é tratado, bem diverso da maneira como os tios tratam o seu primo Aldair, o único filho da sua tia Maria, que o criava diferente de todos os meninos da cidade; sentado em uma cadeira na sala, passava o dia inteiro lendo em voz alta. Apanhava por qualquer coisa, bastava não fazer a lição de casa ou chamarem

e ele não responder, vivia prisioneiro de sua mãe. Já Sigismundo podia sair e chegar à hora em que quisesse que iria encontrar a porta da casa aberta, podia sair para brincar com os garotos na rua. Mas, na narrativa, podemos ver por que Aldair era tratado diferente de Sigismundo: porque sua tia não queria criar o filho de outra pessoa, para ela seu sobrinho era um intruso na sua casa.

Apesar de pouco citado na narrativa, Seu Tota Alves é uma personagem interessante, um senhor ambicioso que, segundo os relatos dos moradores da cidade, ficou rico após uma viagem que fez e um comerciante que viajava junto a ele morreu, e ele trocou a sua mala pela do comerciante, que estava cheia de dinheiro. De Natal foi para Currais Novos e lá começou a comprar algodão e a vender por preço muito alto; na cidade mal tinha contato com as pessoas, só saía de casa para ir ao Banco, em Natal, e quando retornava se enfiava dentro do sobrado onde morava; não era casado, só morava com ele uma mulata chamada Ana Felísmina, que era como se fosse a dona da casa, Seu Tota não gastava com nada, só existia para comprar algodão e guardar o dinheiro.

Sobre o foco narrativo do romance, devemos destacar um aspecto interessantíssimo: apesar de escrito predominantemente na primeira pessoa, com a voz de Sigismundo contando a história, alguns capítulos são narrados em terceira pessoa. Isso faz com que o romance possua dois focos narrativos, uma inovação um tanto quanto ousada. Ainda hoje é comum que uma narrativa possua um único foco narrativo. Mas, ao escolher esta maneira para contar sua história, José Bezerra Gomes, conseguiu dinamizar o seu texto, pois, se o narrador em primeira pessoa transmite subjetividade e proximidade com o leitor, o narrador em terceira pessoa possibilita distanciamento e análise dos fatos. Assim, o leitor tem sua visão ampliada, já que possui esses dois ângulos, um mais parcial e outro mais imparcial e impessoal, para compreender o texto e chegar a sua conclusão.

José Bezerra Gomes, ao colocar na sua obra o título *Os brutos*, ressalta a “brutalidade” dos seus personagens. Podemos citar como exemplo dessa brutalidade o trecho em que Lívio mata Rica por ciúmes; também podemos citar seu Tota, um senhor ambicioso, tia Maria com seu egoísmo, a prostituição das mulheres da casa de baixo, a iniciação precoce da vida sexual do garoto Sigismundo. Quanto ao nome Sigismundo (Segue mundo) retrata bem a realidade de um retirante que nunca se fixa em um lugar só e está sempre procurando melhoria de vida em outra cidade. Ao analisarmos o título *Os brutos*, nos foi possível perceber que o autor não só se refere à brutalidade dos personagens, mas a nós mesmos que somos preconceituosos, egoístas, que só pensamos de modo individual e esquecemos de observar a condição do outro.

MARIA ADAMIRES DA SILVA

Aluna graduanda do Curso de Tecnologia em Produção Cultural do IFRN–
Campus Natal- Cidade Alta.

ADÁGIO LAMENTOSO*

Vicente Serejo

Pedro Vicente da Costa Sobrinho era um macauense deserdado também daquele mar antigo e personagem do Grande Ponto nos rebeldes anos sessenta que não voltam mais. Talvez a sua origem simples, como a de todos nós, os nascidos no chão salgado, o tenha feito irmão dos oprimidos, daí ter doado a juventude, inquieta e revoltada, à defesa da liberdade. Herdeiro que era, por tradição da terra, de antigas lutas sindicais, tatuando na sua própria alma de ferro o azinhavre da resistência sem fim.

O Recife irredento, com incursões por Jaboatão, a Moscouzinha, foi a escola onde ergueu suas primeiras paliçadas em defesa dos sonhos. Lá, apurou seu gosto pela literatura e a ser leitor de poesias em demoradas horas de compreensão. Foi provinciano no Acre, onde dirigiu a ação cultural do Sesc, teve bar e livraria, conheceu Socorro e foi pai de Mariana. E cosmopolita em São Paulo, mestre e doutor na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, sociólogo de borla e capelo.

Depois, tangido pela saudade, voltou a Natal, transferindo-se do curso de ciências sociais da Universidade Federal do Acre para o mesmo curso na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Aqui, foi diretor da Editora Universitária durante alguns anos, e editou mais de cem livros. Foi eleito para o Conselho Estadual de Cultura e depois a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, e voltou a ser mais um leitor do que escritor nesses últimos anos, cercado de livros bem no alto de Candelária.

Viajante e viajor, conheceu Oropa, França e Bahia, para repetir a idéia de um mundo inteiro, e por isso teve uma paixão em Moscou, onde viveu alguns anos. Tem uma filha mais velha

chamada Tatiana, a quem dedicou o primeiro livro, sua dissertação de mestrado. Aposentado como professor foi bater outra vez no Acre, para de novo voltar. É saudoso do mundo que viu, fez uma longa viagem para mostrar Paris a Socorro e Mariana, quando viveram em Montmartre, e de lá veio carregado de vinho.

De Recife, por amizade e por bom gosto, agregou dois dos seus grandes nomes ao catálogo da editora da UFRN, Edson Nery da Fonseca e Alberto Cunha Melo, e deste editou o belo 'Meditação sob os Lajedos', com um poema de versos assim: 'Não tarda o azul, trágico signo, / emoldurar o sol maligno'. E a edição definitiva de Yacala, poema longo e erudito, com um prefácio de Alfredo Bosi que fez do livro, esquecido no Recife, um instante glorioso da poesia de Alberto, poeta e quase monge.

Nasceu no Acre seu primeiro estudo acadêmico e foi publicado pela editora Cortez: 'Capital e Trabalho na Amazônia Legal'; depois, reuniu ensaios e artigos em 'Exercícios Circunstanciais', edição Coivara, e 'Outras Circunstâncias', este pela Universidade Federal da Paraíba. Organizou, para citar os mais conhecidos, 'Reflexões sobre a Desintegração do Comunismo Soviético', edição Alfa-Ômega, e 'Vozes do Nordeste', UFRN. Queria reunir os artigos sobre a cozinha brasileira, e no e-mail pessoal seu nome era pedra.

Um dia, veio a mim perguntar se podia hospedar o poeta Alberto Cunha Melo na Redinha, por alguns dias. Ele queria ficar sozinho, longe do Recife, para revisar os poemas de um novo livro. Veio. Na bagagem, algumas roupas, os originais, uma resma de papel, a máquina de escrever e um vidro de pimenta. Passou oito ou dez dias quase incomunicáveis. Um domingo, fomos visitá-lo. E ele então disse que partiria no dia seguinte com o livro de um título inesperado: 'O Cão de olhos Amarelos'.

Alguns meses depois, chegou pelo correio um exemplar do livro que renascera na solidão da Redinha, na casinha branca de janelas azuis, diante do mar que o poeta visitava de manhã muito

cedo: estava dedicado a Pedro. E com um oferecimento generoso: 'Para o escritor Vicente Serejo, que narra um mundo melado de gente e que me deu uma praia - linda - Redinha, do admirador Alberto da Cunha Melo - 1.05.06'. Hoje, Alberto e Pedro Vicente estão mortos. Posto que a vida é tristemente assim.

**Texto publicado originalmente no Jornal de Hoje, edição de 9 de setembro de 2013.*

VICENTE SEREJO é jornalista, escritor e professor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de "Cena Urbana", "Cartas da Redinha" e "Canção da Noite Lilás".

TICIANO DUARTE

Juan Maciel de Andrade

Você se mudou não apenas para longe de nós, mas para um lugar, feito de silêncios e mistérios, em que nossas palavras, nossos afetos, nossos gestos de saudade e despedida, não o alcançam mais. No entanto, que vontade obsessiva, pungente, inestancável de ouvir a sua voz, de ouvi-lo contar as histórias – sobre a política nacional e a do nosso Estado – que às vezes nem só você conhecia, mas somente você sabia contar. Nessas ocasiões, nos transformávamos em absortos e hipnotizados ouvintes, navegantes sem rumo à mercê de suas palavras, de suas expressões faciais, da sua teatral fabulação, do ouro do mais puro quilate verbal que você, com sua alquimia de “causeur”, extraía da ganga escura e espúria dos episódios políticos. Estávamos sempre, viciados à espera da próxima dose, na expectativa de novas histórias, das hilárias ou excêntricas peripécias que formam o anedotário sobre nossos costumes políticos, estaduais e nacionais.

Havia mais, entretanto. Você era um finíssimo, agudo observador e analista dos acontecimentos políticos. Sabia destrinchá-los com a perícia de um consciente e consciencioso dissecador da anatomia dos fatos e da fisiologia (ou do fisiologismo) dos protagonistas políticos. Eram sensibilidade, inteligência, percepção que o conduziam à observação e análise dos fenômenos políticos. Mas era também o amor às causas públicas, o engajamento nas lutas em favor da democracia, da liberdade de expressão, da legitimidade da representação popular, da restauração ética a que terão de ser submetidas eficazmente as instituições brasileiras. Além do mais, você sempre perfilhava os interesses das classes mais humildes, dos excluídos e marginalizados, por espírito de justiça e em decorrência de sua formação humanística,

constituída por uma concepção ideológica de vanguarda, utópica, porém bela e por sentimentos de identificação com as vítimas das asquerosas desigualdades sociais e econômicas.

Todos nós sabemos que o seu principal ofício – que exercia com incedível habilidade e permanente denodo – era o da amizade. Ninguém que eu conheça foi tão fiel e generoso na observância dos ritos, vínculos e expressões desse ofício, que é essencialmente espontâneo e que tem em si próprio a sua mais valiosa recompensa. Não esquecia nem abandonava os amigos – mais do que por um dever, por um compromisso consigo mesmo – por mais ingratas e adversas que fossem as circunstâncias, como demonstrou em momentos difíceis e situações desafiadoras, ao longo de sua vida.

Herdei de meu pai – Dario, irmão de Sofia, sua mãe – a enorme afeição (a esta altura, molhada de pranto e saudade) e a não menor admiração por você, por seus méritos, por seu valor, por suas incomuns, raras qualidades morais e intelectuais. Você foi uma pessoa com que contei, em diversas fases de minha vida, como se conta com um irmão mais velho, um bom, querido e insubstituível irmão mais velho.

Na quarta-feira 5 de agosto conversamos longamente por telefone e marcamos um almoço para a semana seguinte, a fim de prosseguirmos conversando. Não enxergo explicações convincentes para essa, aparentemente, estúpida ruptura, que põe um surpreendente, desconcertante ponto final em tudo. Mas algo me conforta: sua morte foi uma cessação rápida, instantânea do impulso responsável pela preservação do milagre da vida. Cumpriu-se a fatalidade de nossa finitude, mas sem o constrangedor e progressivo embotamento de suas aptidões físicas e mentais. É um pobre conforto, reconheço, mas é o único que nos resta. Corrijo-me, não é o único, pois a presença de sua memória é tão forte, tão intensa, tão vívida, que, através dela, você sobrevive à morte.

IVAN MACIEL DE ANDRADE. Procurador aposentado, ex-Consultor Geral do Estado, e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor do livro “O Exílio das Palavras”.

CLAUDIONOR DE ANDRADE — UMA LIÇÃO DE VIDA

Odílio Botelho

“Os indivíduos, à semelhança das gerações têm destino preestabelecido, do qual se não podem afastar, sob pena de censura da sociedade.”

Idealizamos este trabalho por entender que o Professor Claudionor de Andrade, durante toda a sua profícua e dinâmica vida jamais se afastou do chamamento social, sendo uma válvula permanente de trabalho, dignidade e exemplo a ser seguido pelas gerações. Ele nasceu no dia 21 de agosto de 1909, na cidade de São José de Mipibu, sendo filho de Manoel Cassimiro de Andrade e de D. Abigail Rodrigues de Andrade. Casou-se com a Senhora Maria Wancy Aquino de Andrade, natural de Pau dos Ferros, gerando onze filhos de fértil descendência de 30 netos e 44 bisnetos, o que traduz sacrossanta benção e inegável orgulho para a sociedade potiguar, tal o destaque e a contribuição sócio-cultural que nos é permanentemente transmitida por tão representativa família. O grande homem público iniciou o seu curso de Direito na tradicional Faculdade de Direito da Universidade de Pernambuco para, depois, transferir-se para a Faculdade de Direito da Universidade do Ceará, onde foi graduado em 03 de dezembro de 1933, dando início a brilhante e dinâmica carreira de homem público passando a exercer o cargo de Promotor de Justiça na Comarca de Pau dos Ferros e, sucessivamente, de Caraúbas, Assu e Acari, para, ao depois, exercer os cargos de juiz municipal nas Comarcas de Pedro Velho, Augusto Severo, São Miguel, Apodi e Jucurutu, todas deste Estado. Consta

dos seus dados biográficos que no ano de 1940 exonerou-se da magistratura, tendo naquele momento escolhido definitivamente a Cidade de Natal para ser o centro de suas atividades profissionais, dando início a uma destacada banca de advocacia (o que praticou pela vida inteira), dedicando-se, também ao magistério, tendo exercido o lecionar da cadeira de Geografia Geral do tradicional Atheneu norte-rio-grandense, além de uma participação muito eficiente no jornalismo da Capital. Os seus contemporâneos e familiares atestam que após a redemocratização em 1945, o Dr. Claudionor, exerceu os honrosos cargos de Secretário Geral do Estado, membro do Conselho Administrativo do Rio Grande do Norte, por nomeação do Presidente da República, Procurador Fiscal e Advogado da Fazenda Estadual. Com inegável vocação pública, era evidente que o ilustre mipibuense não passasse ao largo da política partidária, portanto, deputado estadual na legislatura constituinte iniciada no ano de 1948, com ativa participação nos trabalhos de elaboração e promulgação da Primeira Constituição Estadual. Já em 1950, após destacada atuação parlamentar, foi investido como Prefeito Municipal de Natal, cuja posse ocorreu aos 25 dias do mês de fevereiro de 1950. Está assente na história do Município que, durante o seu mandato administrativo, entre outras importantes marcas, destaca-se a que foi enviada à Câmara de Vereadores, de forma pioneira, uma proposta de previdência social para beneficiar os servidores públicos municipais da época. De forma inequívoca, essa mensagem remetida ao legislativo, consagraria qualquer gestão executiva.

Diante da inegável ascensão do Advogado Claudionor de Andrade no trato da coisa pública e com a preocupação sempre demonstrada quanto aos anseios sociais, o Governador Dinarte Mariz, de saudosa memória, o convocou para exercer o elevado cargo de Secretário da Justiça e Segurança Pública, diante da transformação da função anteriormente denominada de Chefe de Polícia. Mais uma vez reluziu o pioneirismo e a trajetória do ilustre homenageado. Ao Dr. Claudionor de Andrade, encaixa-se como uma luva o pensamento filosófico de

Ortega y Gasset, ao prelecionar: “Os indivíduos, à semelhança das gerações têm destino preestabelecido, do qual se não podem afastar, sob pena de censura da sociedade.” Realmente, o nosso estimado guru não se afastou em nenhuma hipótese de sua predestinação. Não fugiu às convocações. Nunca demonstrou fraqueza ou pessimismo diante dos problemas ou mesmo das circunstâncias que se lhes apresentavam. A sua fé e os elevados preceitos de sua formação familiar e humanística davam impulso à reconhecida dinâmica e múltipla atividade dentro do contexto social de sua contemporaneidade. Parecia seguir à risca idéia conceitual do citado Ortega y Gasset: “Eu sou eu e as minhas circunstâncias.”

Como é do domínio público, o Dr. Claudionor de Andrade, por duas décadas, presidiu a Ordem dos Advogados, com arrojo e pioneirismo. Participou do Conselho Nacional da OAB e chefiou várias delegações de advogados para encontros, Colégios e Conferências por este Brasil afora. Indiscutível e marcante a sua presença na OAB/RN. Foram muitos anos de lutas em favor da Seccional e dos advogados nela inscritos. Naqueles momentos, inobstante os minguidos recursos financeiros, nada abatia o trabalho abnegado e profícuo do Presidente Claudionor. No velho casarão da Rua Conceição 577, aqui no centro de Natal, muitas vezes o velho líder procurava nos bolsos o dinheiro para suprir as necessidades da Seccional, com um quadro de filiados ainda pequeno e carente de recursos. Depõem os seus contemporâneos que o nosso centenário presidente deu régua e compasso à instituição. Nunca é demais acrescentar que as administrações da OAB/RN, tanto a do festejado Dr. Claudionor, quanto as que lhe sucederam, sempre encararam de frente e com galhardia as dificuldades e os obstáculos emergentes, até chegarmos aos nossos dias, numa trajetória de glórias e de pujança, por força da abnegação dos seus líderes e da própria classe dos advogados. Pelo esforço e abnegação dos nossos pioneiros é que se ergue hoje uma OAB participativa, homogênea, consciente do seu papel de órgão de classe e de defesa do ordenamento jurídico, sem se descuidar, entretanto, das angústias e dos problemas que as diferenças sociais ensejam. É de se reconhecer, hodiernamente, que os 20 anos

de trabalho do Presidente Claudionor de Andrade cristalizaram momentos sempre crescentes para o desenvolvimento da classe, eis que, bienalmente, os advogados inscritos na Seccional, sufragavam o seu nome de forma sucessiva, embora os pleitos fossem por demais concorridos e disputados por valorosos colegas. Isso representa a vitória de uma geração! As disputas eleitorais existiram e sempre haverão de existir, conquanto que se refine o ideal democrático das pugnas. Se o Dr. Claudionor foi consagrado pelos colegas advogados por sucessivos pleitos, essa marca teve o significado de avanço, de respeito e de obstinação, a exemplo, também, da laboriosa liderança do nosso estimado Dr. Eider Furtado de Mendonça e Menezes, também mestre do Direito e de lições de vida para nossa glória e júbilo. Entusiasta da advocacia, cuja carreira nos brinda com demonstrações de honra e desempenho profissional à altura dos grandes vultos da advocacia desta terra e deste país. Graças a Deus!

Exerceu a cátedra universitária, sendo professor emérito da UFRN para honra de tão valiosa instituição do ensino brasileiro. Foi membro da Academia Potiguar de Letras e depois seu Presidente, por eleição consagradora dos intelectuais da época, estimulado que foi pelo amigo Antídio Azevedo, pai do Prof. Max e de tantos outros destacados norte-rio-grandenses. O Dr. João da Costa Machado, também seu dileto amigo e incentivador, um dos grandes baluartes da Medicina deste torrão, autor de festejada plaqueta, “Distúrbios Mentais da Criança”, distingue o nosso homenageado com o seguinte autógrafo-oferecimento: **“Para Claudionor, bom filho, bom pai, bom esposo, bom vizinho, bom profissional, bom amigo, cidadão exemplar, por todos os títulos, homenagem de João da Costa Machado.”**

Acreditamos que somente um reconhecimento, como este, proferido por uma das vozes mais representativas da época, o Dr. João Machado, seria o bastante para consagrar qualquer cidadão. Para não fugir a tantos outros registros sobre a invulgar e marcante personalidade do Dr. Claudionor, que também era Telógio, não

devemos omitir outras opiniões consagradoras destinadas ao eminente homem público, que foi múltiplo em suas atividades e enaltecido por sua reconhecida produtividade. Presidente da OAB/RN, Presidente da Academia Potiguar de Letras, Consultor Geral do Estado, Dirigente do Periódico “O Democrata”, do Partido Social Democrático, após 1945, pertencente à Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa e Presidente, também, do Partido Social Trabalhista. Quando a Assembléia Legislativa prestou significativa homenagem ao seu ex-integrante, o Deputado Dari Dantas, então líder do governo, para justificar a homenagem póstuma proposta pelo Dep. Luis Antônio Vidal, que posteriormente foi subscrita por todos os Deputados da Assembléia, iniciou o necrológio, com as seguintes palavras:

“Claudionor de Andrade dedicou meio século de existência ao estudo, à família, ao seu Estado e ao seu povo, trabalhando como Advogado, como Membro do Ministério Público, Parlamentar ou Secretário de Estado, sempre com correção, zelo e muita dignidade” (...).

Para mais adiante relembrar toda a trajetória do falecido, desde a sua infância à adolescência e a descrição completa de sua carreira pública. É importante registrar que o Dr. Claudionor foi professor de Direito Processual Civil da Faculdade de Direito e Membro do Conselho Técnico – Administrativo da UFRN, além de lhe ter sido concedido o título de Professor Emérito, por sua condição de fundador da Faculdade de Direito e da própria Universidade. Foi agraciado com as medalhas comemorativas do Centenário de Nascimento de **Clóvis Beviláqua**, conferida pelo Ministro da Educação e Cultura, Prof. Clóvis Salgado; **Honra ao Mérito** pelos Advogados do Estado, em 18 de agosto de 1965, por reconhecimento à sua profícua atividade profissional e conferida, ainda, a **Medalha Osvaldo Vergara**, por iniciativa da OAB/RS, pelos relevantes serviços prestados à classe dos advogados brasileiros.

Sobre a personalidade e a vida de Dr. Claudionor de Andrade manifestaram-se diversos intelectuais e homens públicos da estirpe de

um Jurandyr Navarro, com a responsabilidade que tem de pertencer ao Instituto Histórico e Geográfico do RN, Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e ter sido idealizador da Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte, ao dizer no seu Livro – Rio Grande do Norte – Oradores (1889-2000), editado no ano de 2004:

“Advogando o fazia com naturalidade. Nascera para esse mister. Habilidoso, não havia causa complexa, mormente no Tribunal do Júri onde a sua inteligência pontificava, usando a dialética convencidora... E Claudionor de Andrade era exímio orador, daí a sua desenvoltura espontânea na profissão e atividades complementares de homem público” (...).

João Medeiros Filho, uma das vigas-mestras da OAB, que exerceu dois mandatos de Presidente da Seccional e Membro do Instituto dos Advogados do RN, do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, no seu Livro **Contribuição à História Intelectual do Rio Grande do Norte**, assevera com a precisão de sempre:

“Claudionor de Andrade, nascido em São José de Mipibu, advogado de renome, merece registro especial de nossa parte. Fomos amigos, verdadeiros amigos, amizade construída durante anos de convivência fraterna, acentuada no exercício da advocacia. Enquanto Presidente Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, jamais faltou com a solidariedade constante aos colegas de classe, sempre atento aos seus direitos e garantias legais. Foi o mais atuante dentre quantos estiveram na Presidência da Ordem, sem desmerecimento para os demais que o sucederam, todos dignos da missão que lhes foi confiada. Pode dizer-se que Claudionor de Andrade vivia para a nossa instituição, dedicando-lhe todos os momentos que sobravam aos seus afazeres de escritório. Formado em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, tendo antes cursado a Faculdade de Direito de Recife, exerceu inúmeros cargos na magistratura, no ministério público e no magistério secundário

e superior, tendo sido Professor titular da 2ª Cadeira de Direito Judiciário Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Eleito Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil para o biênio 1947-1949 e reeleito para os biênios 1950-1951, 1952-1953, 1954-1955, 1956-1957, 1958-1959, 1962-1963, 1964-1965, 1966-1967 e 1968-1969, ocupando a Presidência em todos esses biênios. Suas atividades intelectuais foram múltiplas, especialmente em discursos e conferências”.

De sua vez, o advogado, escritor e jornalista Ticiano Duarte, uma das glórias da Maçonaria do RN, diz, em artigo denominado **Anotações do Meu Caderno (42)**, entre outros comentários, que:

“O último constituinte de 1947, da relação oficial, é o advogado Claudionor Telógio de Andrade. Foi uma figura importante da vida pública e política do Estado. Atuou brilhantemente no Fórum. Orador fluente, funcionou bastante no Tribunal do Júri, advogando questões criminais famosas, enfrentando os criminalistas da época, João Medeiros Filho, Manoel Augusto Bezerra de Medeiros, Raimundo Nonato Fernandes, Túlio Fernandes e outros daquele tempo.

.....

Claudionor de Andrade, de origem humilde, ocupou todas as posições elevadas da vida pública de sua terra. Seu pai, Manoel Casemiro de Andrade, foi um dos líderes da Maçonaria do Rio Grande do Norte, ao lado de Emídio, Bartolomeu Fagundes e Luís Antônio dos Santos Lima. Foi fundador e primeiro venerável da Loja Bartolomeu Fagundes, fundada nos idos de 1964”.

Ainda consigna o Prof. Jurandyr Navarro, em artigo publicado na imprensa local, sob o título – **O Causídico e o Político**, ao traçar o perfil do homenageado, esse importante depoimento:

“Tinha a palavra fácil o que favorecia a sua própria ação nos comícios populares e na tribuna parlamentar. Foi um dos professores fundadores da Faculdade de Direito de Natal, exercendo, durante anos, a docência da disciplina Direito Processual Civil, em que

era mestre consumado. Conheci-o nessas atividades, porém dele me aproximei por intermédio do seu filho Epitácio, nas lides da advocacia. Frequentava o seu escritório antes mesmo de ingressar nos bancos escolares do ensino superior. E acompanhava o seu comportamento de causídico consagrado, atendendo vasta clientela. Visitava-o sempre na sua banca de advocacia vitoriosa, ao lado do seu filho dileto, que na época era um dos estudantes que se dedicavam mais em Natal, de textos literários. Parece-me que hoje se especializou em direito previdenciário e trabalhista. O outro filho, Glênio, ocupa hoje a presidência do Instituto dos Advogados. Entendo ter sido, na advocacia, que Claudionor de Andrade mais se distinguiu, inobstante ter brilhado o seu talento de homem inteligente e culto na docência pública e na política partidária”.

Como não poderia deixar de ser, o professor, escritor e advogado Carlos Roberto de Miranda Gomes, ao editar o Livro **Traços e Perfis da OAB/RN – Criação e história. Vitórias e derrotas**, fez relatar às sucessivas gestões do Dr. Claudionor de Andrade, anotando com riqueza de detalhes o que representou esse período no contexto da OAB, durante a liderança do enaltecido Presidente. Devo ressaltar, por ser de justiça e da melhor veracidade, que o Prof. Carlos Gomes, membro honorário-vitalicício da Instituição, ao brindar a classe dos advogados com este excelente trabalho de pesquisa, levanta com expressão científica e técnica, toda a trajetória da OAB/RN, legando aos profissionais do direito uma obra de grande valia e de desenvolvimento histórico. Como sempre o fez, o valoroso colega Carlos Gomes dedica todo o seu esforço e a sua intelectualidade em prol da nossa Ordem.

Temos a acrescentar algo mais sobre a empolgante vida do homenageado. E é precisamente sobre o homem, o cidadão, o chefe de família, no melhor modelo descrito pelos romanos, pois que o Dr. Claudionor também se destacou nesse campo afetivo. Homem de vida familiar irreparável, tal o amor que destinava a prole, pois, entre outros afetos, em casa à noite, dedicava-se aos filhos e a família como um

todo, ouvindo-os sobre os seus problemas, sobre as suas dificuldades existencialistas, estimulando-os quanto aos estudos e às boas leituras. Indicava livros para serem consultados e inclinava os filhos, com a mais pura ternura, para o bom caminho, diante dos embates da vida. Como se não bastasse, paralelamente, ficava muito feliz ao receber na casa da rua Assu, amigos, colegas de profissão, políticos e professores, inclusive nos fins de semana, quando alguns seresteiros e poetas da terra dedilhavam os seus instrumentos musicais e lá cantavam as tradicionais modinhas populares, tão apreciadas pelos românticos da época. Tomamos conhecimento pelo relato de alguns seresteiros da nossa família, que o Dr. Claudionor, além de solfejar várias canções, demonstrava especial dedicação a uma delas: **eu gosto de você porque seus olhos são doces razões do meu viver**, certamente numa homenagem de corpo presente à sua companheira de todas as horas, D. Wancy. Esse aconchego sócio-familiar ficou como marca indelével do que ele representou para os seus consanguíneos e amigos, justamente nas palavras escritas e distribuídas na Missa de Sétimo Dia do seu falecimento, assim manifestadas:

“A intensa claridade do seu espírito era o componente de luz do seu atributo maior: a bondade. Por isso, na suave placidez das regiões puras, sem noites, sua alma paira, serena, na contemplação das auroras eternas. A sua lição de vida, esculpida pelo brilho da sua inteligência, será, sempre, o conforto maior da sua companheira amada, e o norte e o prumo dos seus filhos, netos e bisnetos”.

Feliz de quem se encanta recebendo esse hino de amor e de admiração! Confidenciou-me o amigo e leal colega Dr. Glênio Aquino de Andrade, cuja amizade está construída desde os bancos do Atheneu, que o seu pai, ao retornar de um velório do filho de um amigo que falecera precocemente, dirigiu-se à D. Wancy, fortemente emocionado, para revelar esse lapidar sentimento de solidariedade: **“Peço a Deus para que, no transcorrer da minha existência, não tenha eu a desdita de enterrar um filho”**. E Deus, na sua misericordiosa sapiência atendeu a súplica, poupando-o de passar

tristes e inesquecíveis momentos iguais aos idos de 1939, quando do falecimento de sua estimada filha **Maria Isis**, em Acari, com pouco mais de um ano de idade. Todos sabem, no âmbito familiar, que o Dr. Claudionor nunca esqueceu essa provação. Causou-lhe uma repercussão triste e muito intensa.

O amigo e poeta Damasceno Bezerra, de sua intimidade, a ele dedicou estes versos de espiritual concepção:

“MARIA ISIS

Bela esta Cruz, neste recanto erguida,
o sono eterno, o sono derradeiro
de uma flor de inocência emurchecida
quando mal desabrochava no canteiro.

Hoje, liberta dos grilhões da vida,
- qual pássaro fugido ao cativeiro -,
a alma impoluta dessa flor pendida
vibra esparsa na luz de algum luzeiro.

Talvez, quem sabe?,
em noites luminosas
ela sobre esta campa lance rosas,
rosas celestes, brancas, virginais.

E transformada em sonho, quando em quando,
talvez desça a este mundo, amenizando
a saudade infinita de seus pais”.

Como se observa, diversas as homenagens que foram prestadas ao ilustre cidadão e homem público, em vida e após o seu falecimento. O poeta Cosme Lemos, em 18 de novembro de 1977, destinou ao casal Claudionor e Wancy este poema de terna amizade:

“Lar de amor

Desde o tempo feliz da mocidade,
Fui sempre amigo de Claudionor;
Ele o criminalista de verdade,
Eu metido a poeta e orador.

Reconhecendo a superioridade
Do teu correligionário promotor,
Mantive toda vida a honestidade,
De ser um seu fiel admirador.

Partidários nos pleitos da Assembléia,
Às vezes não seguia a sua idéia
E alguns dos seus projetos combati.

Sempre, porém, fui fã da sua casa
Um lar de muitos filhos, sob a asa de
Um anjo verdadeiro que é Wancy”.

Assim o fez, também, Luiz Alves Corrêa, em maio de 1961:

“Batalhador Augusto do civismo,
Nas lutas pelo sol do amor fraterno.
Emérito mentor do puro altruísmo,
Nos eflúvios do bem, no século hodierno.

Pela eloqüência cheia de eletrismo
Do verbo convincente, grave terno,
Eleva do direito o idealismo,
Elucidando o código moderno.

Advogado culto, humanitário,
Jamais, em sua vida, um só desvário
Turbou seu coração, este, é o conceito.

Gentil homem na análise ou conquista,
Elegante, sutil, evangelista
Nas elevadas lides do Direito”.

Por sua vez Bonifácio Santos da Cunha, em 14 de dezembro de 1972, o pintou com este cântico de amor e devoção:

“Guerreiro de combates formidandos,
Lutaste com bravura e destemor.
As insígnias de herói e vencedor
Mostras em teus sorrisos largos, brandos.

Guerreiro surdo à Ordens e comandos...
Atento a Voz de Luz do Rei Senhor
Que rege os mundos com a Lei do Amor
E absolve os crimes mais nefandos.

Luas, sóis, estrelas, estações,
Brilharam sobre a tua vasta frente:
Cofre que oculta idéias mais brilhantes!

Tuas vitórias hoje são canções
Que enchem de vozes claras o horizonte
Desta bendita Pátria de Gigantes!”

Jayme dos Guimarães Wanderley, o príncipe dos poetas potiguares, no livro “Perfis Parlamentares” (1947-1951), reconhecendo os méritos de civismo do Dr. Claudionor e antevendo, por certo, a sua investidura na OAB/RN, concebeu os seguintes versos:

“Educado na escola do civismo,
 Ali caldeou a sua formação.
 E apóstolo fiel do pessedismo,
 Jamais lhe faltou convicção.

Secretário Geral, com otimismo
 Encarou sua ingrata posição
 Nunca bateu às portas do ostracismo,
 Jamais ouviu, de outrem, maldição...

Ingressou na Assembléia sem receio,
 Erguendo a frente sobranceira, em meio
 De um ambiente que não lhe era hostil

Sei que o destino lhe será demente,
 E o há de eleger perpétuo presidente
 D’Ordem dos Advogados do Brasil”

Quando de sua posse na Academia Potiguar de Letras, ocupante da Cadeira nº 25, cujo patrono foi o grande macaibense Dr. João Chaves, assim se manifestou:

“Menino humilde, filho de pais humildes e indomáveis na conquista de um ideal comum – e nisso é que está a maior glória do meu destino – jamais pensei de conquistar, pelo meu esforço e pelo meu sacrifício, aliados ao poderoso estímulo que me foi dado, como melhor incentivo, pela minha esposa e companheira de todas as horas e todos os instantes, quer nos momentos bonançosos, quer nas horas cruciais da minha existência, as mais destacadas posições na vida pública do meu Estado, inclusive as duas principais que me enchem de orgulho, mas de um orgulho humilde, por paradoxal que seja, tais como: a de ser um advogado, no sentido exato dessa expressão e de ter comandado, como **Batonier**, durante vinte anos ininterruptos, como seu Presidente, o mais perfeito e modelar órgão

colegiado de uma classe, órgão de seleção, defesa e disciplina, - A Ordem dos Advogados do Brasil, nesta Secção do Rio Grande do Norte, e, por outro lado, aquela posição consagradora da minha vida, tornando-me perfeitamente realizado, por ser, também, professor universitário. Sinto-me pago de todas as canseiras, de todas as lutas, de todos os esforços, e agora mais do que nunca, rejubilado pelo acontecimento marcante e indelével de pertencer a esta Casa, para viver na comunhão dos meus confrades, bendizendo a hora feliz em que Antídio Azevedo acenou-me, com a generosidade do seu espírito e a bondade do seu coração, para ser, como ele e como os outros, também um imortal”...

O homenageado semeou a bonança, a dignidade e o respeito ao semelhante. Amou e foi amado. Utilizou, com absoluta certeza, o mandamento pregado pelo apóstolo João: **“Amemo-nos, pois o amor vem de Deus”**.

Fique certo, caro mestre, que estamos felizes por lembrá-lo e atestar que **“o coração alegre, embeleza o rosto”**, como dizem os poetas.

Natal, 29 de junho de 2015

ODÚLIO BOTELHO, é escritor e advogado, ex-presidente da OAB-RN, e da Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte, integra a diretoria do Instituto Histórico e Geográfico do RN e os quadros do Instituto de Genealogia do Rio Grande do Norte.

PROPOSTAS DE HOMENAGENS A JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

Francisco Martins

José Mauro de Vasconcelos, eis aí um nome que não podemos deixar cair no ostracismo literário em solo potiguar. Por que? Por várias razões, e entre todas as que posso enumerar cito uma que considero importante: seu afeto a terra que o acolheu em sua infância e parte da adolescência.

Natural de Bangu, bairro da cidade do Rio de Janeiro, José Mauro de Vasconcelos nasceu em 26 de fevereiro de 1920. Foi autor de 21 livros, sendo seu mais famoso “O Meu Pé de Laranja Lima”, um dos livros mais vendidos no Brasil, desde o seu lançamento em 1968. Suas obras foram além das fronteiras brasileiras e estão presentes na Europa e América Latina.

O escritor tinha por Natal e pelo Rio Grande do Norte um afeto que deixou transparecer em algumas das suas obras, foi assim com “Vamos Aquecer o Sol” (1974) que trata da sua infância vivida em Natal, “Doidão”(1965) que registra sua adolescência nessa Capital até deixar as terras potiguares. Mas, mesmo quando sai do gênero biográfico e entra no romance, ele também teve claramente a intenção de deixar nas páginas dos livros esta presença da terra nordestina. Quando lançou seu primeiro livro “Banana Brava” (1942) ele dá vida a Fabrízio, um filho de italiano que emigrou para o Nordeste, mais especificamente a Região do Seridó, no Rio Grande do Norte. Em “Rosinha, Minha Canoa” (1965), o escritor dedica um parágrafo falando sobre os canaviais e os engenhos de Ceará Mirim-RN, e em “Barro Blanco”(1945), toda a história do romance tem por palco a cidade de Macau-RN.

José Mauro de Vasconcelos bem que devia ser escolhido para ser patrono de uma cadeira, entre as diversas academias literárias que estão em expansão e nas que estão sendo fundadas no Rio Grande do Norte. Também, a Câmara Municipal de Natal poderia fazer um monumento a esse escritor, na Praia de Areia Preta (Natal). Em Areia Preta ele gostava de banhar-se e nadar intensamente, bem como no Rio Potengi.

Agindo assim prestaríamos justas homenagens àquele que nos deixou em 24 de julho de 1984, aos 64 anos, vítima de broncopneumonia. Pelo que sei, José Mauro de Vasconcelos é nome de uma rua no bairro de Capim Macio, nessa capital e patrono de uma biblioteca municipal em São Paulo.

FRANCISCO MARTINS é escritor e poeta. Guardião da Biblioteca Padre Luis Monte, da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

MEMORIAL DA MULHER

Jurandyr Navarro

Inspirada, certamente, na poesia de François de Malherbe, “Os frutos cumprirão as promessas das flores”, a escritora e pesquisadora, Zelma Furtado, criou, através da sua conhecida tenacidade, o “Memorial da Mulher”.

Com a palavra a citada fundadora: “Como surgiu? É resultante de pesquisas realizadas a partir de 1990, cuja abertura oficial, em 2000, deve-se, também, aos resultados dessas pesquisas sobre atuação de vanguarda das mulheres nas áreas da Educação, Literatura, Direito, Política, Cinema, Teatro, Música, Dança, Artes Visuais, Esporte, Pesquisa Científica, Medicina, Religião, Aviação e outras. Objetivos: o Memorial da Mulher foi criado com objetivo de resgatar, preservar e difundir a história de mulheres pioneiras em seu campo de atuação e que tronaram-se célebres por suas conquistas”.

É que essa Casa de Cultura formada por uma escala de valores, perpetuará o registro histórico, a memória da liderança feminina, no Rio Grande do Norte.

Riquíssima, a representação dos vultos singulares desse cenário cultural. Zelma Furtado soube identificar e projetar essas musas memorialistas, constituintes de um elo, unindo o passado ao presente, na preparação de um futuro promissor.

O rico documentário escrito e fotográfico, além de outras relíquias, constitui um marco indelével para nossa História.

Continua o relato da ilustre fundadora: “Um pouco de história: O Memorial da Mulher foi inaugurado em 8 de março de 2006, no bairro Cidade Jardim, na cidade do Natal, Estado do Rio Grande do Norte, Brasil.

No Rio Grande do Norte foram feitas pesquisas sobre mulheres, a partir do século XVII, com a atuação destacada da Índia Clara Camarão, que durante o processo de colonização das Capitanias do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, lutou contra a invasão holandesa e é considerada, pelos historiadores, a primeira mulher a pegar em armas para defender o Brasil.

Estrutura Organizacional do Memorial

O Memorial da Mulher dispõe da seguinte estrutura organizacional: biblioteca, pinacoteca, musicoteca, cinemateca, brinquedoteca, cordelteca e lojinha cultural.

A biblioteca é composta pela produção literária, técnica e científica das mulheres, entre elas: Adélia Prado, Águeda Zerôncio, Anna Maria Cascudo, Auta de Souza, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Conceição Flores, Diva Cunha, Diulinda Garcia, Dons Lessing, Gilda Avelino, Haydée Nóbrega, Hilda Agnes Flores, Iracema Macedo, Isabel Allende, Leda Melo, Leda Varela, Lúcia Avelar, Lya Luft, Magdalena Antunes, Maria Arisnete, Marise Castro, Myriam Coeli, Nélide Piñon, Nísia Floresta, Palmira Wanderley, Rachel de Queiroz, Zenóbia Colares, Zila Mamede, entre outras.

A Musicoteca guarda grandes tesouros da música erudita, popular e folclórica, especialmente, a música produzida por mulheres do Rio Grande do Norte, entre vinis, CDs e DVDs com músicas, depoimentos de artistas e gravações de shows e concertos de cantoras nacionais e internacionais, como, por exemplo: Ademilde Fonseca, Ângela Maria, Barbara Streisand, Bibi Ferreira, Carmem Miranda, Clara Nunes, Dalva de Oliveira, Elizeth Cardoso, Fafá de Belém, Glorinha Oliveira, Lane Cardoso, Lucinha Lira, Maria Betânia, Maria Creuza, Marina Elali, Maysa, Maria Rita, Marisa Monte, Núbia Lafayette, Rejane Luna, Rita Lee, Roberta Sá, Simone, Teresinha de Jesus, Tina Turner, Valéria Oliveira, Zélia Duncan, entre outras.

A Videoteca conta com títulos nos estilos biográfico, ficção, documentário e musical, sobre mulheres e produzidos por mulheres como Jussara Queiroz, além de filmes sobre Zuzu Angel, Carlota Joaquina, Evita Peron, Olga, Rainha Elizabete, Rainha Margot, Maria, mãe de Jesus, entre outras.

O banco de dados agrupa informações diversas sobre mulheres.

A Pinacoteca reúne obras entre pinturas, esculturas e desenhos. A coleção abrange, majoritariamente, quadros produzidos por mulheres brasileiras dos séculos XIX ao XXI. como, por exemplo: Águeda Zerôncio, Belém Câmara, Carmelita Ferreira, Cléa Trindade, Cristina Jácome, Daguimar Medeiros, Dione Caldas, Gilda Avelino, Graziela Fonseca, Ivanilda Costa, Jânia Souza, Leda Melo, Miriam de Souza, Miriam Rocha, Sheila Ramalho, Socorro Evangelista, Sônia Jácome, Vilmaci Viana, Zaíra Caldas, entre outras.

A Hemeroteca guarda o acervo de periódicos, recortes de jornais e revistas que versam sobre a temática mulher.

A lojinha cultural disponibiliza documentários e, principalmente, a produção literária, musical e de artes plásticas das mulheres potiguares.

O Memorial da Mulher trabalha com o sistema de doações para o acervo. Caso seja de seu interesse doar documentos, fotos, livros, CD's, DVDs, periódicos, entre outros, entre em contato com o mesmo.

As coleções que compõem o acervo do Memorial da Mulher são patrimônio cultural do Rio Grande do Norte e do país”.

Sublinhando, cede, Zelma Furtado, espaço para o pensamento de Luis Brunnel:

“Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento, sem ela, somos nada”.

A partir dessa louvável inspiração, a mulher potiguar ficará sempre lembrada na tela do tempo. A veste vaporosa da sua inteligência cobrirá a transparência da sua alma sonhadora. E a

mulher preservará, sempre, o seu lugar, de merecido destaque, na ordem das coisas do pensamento.

Estará ela presente na música, na poesia, na prosa, na pintura, na educação. Presente estará ela na política, na religião, na oratória, na ciência e em todas as manifestações do Belo.

Já foi dito que “o homem é que faz a História; mas, a mulher é a própria História”.

Ela tem ocupado todos os espaços da Cultura. Copiosa a sua contribuição à nossa literatura em geral, militando nos seus variados setores. O seu pincel, multicolorido, tem embelezado murais artísticos os mais variados.

Em complemento ao precioso painel exibido pela fundadora do Memorial, apresentamos alguns nomes a esse legado artístico-cultural.

Nísia Floresta, o nosso primeiro vulto intelectual a internacionalizar-se. Vivendo na Europa, manteve relações culturais com avançadas inteligências da época; Júlia Barbosa, passou à história como a primeira eleitora feminina da nossa gleba; Alzira Soriano, teve o privilégio de adiantar-se à frente de todas, como a primeira política eleita para cargo executivo; Auta, Stela e Palmira sobressaíram-se na poesia; Noilde Ramalho, devotada educadora do Lar, num labor incansável de mais de meio século; Anadil Roselli, médica, conquistando o título de Acadêmica, em instituição nacional; Maria Gomes, primeira Reitora de Universidade; Isabel Gondim, Chicuta Nolasco, Olindina Gomes, vocações de educadoras; Irmã Rosali Wanderley, da Medalha Milagrosa, Irmã Lúcia Montenegro, da Casa da Criança e Irmã Gonzaga, doação itinerante de servir ao próximo, todas elas devotadas missionárias, num desempenho de uma vida toda.

A genial Zaíra Caldas, pintora do estilo transfigurativismo, com exposições internacionais, ganhadora de prêmios significativos e dignificantes.

São, algumas delas, dessa rápida apreciação, espécie de precursoras, incluindo Albertina Guilherme, na cátedra de Filosofia,

no magistério do velho Atheneu; as dicionaristas, Zenóbia Colares, no monumental “Dicionário Arcaico da Língua Portuguesa”, e Leide Câmara, na edição do seu grandioso “Dicionário da Música”, agora com a nova edição, aumentada e atualizada; acrescentando-se o nome da imortal Palmira Wanderley, lançando, na primeira metade do extinto século vinte, em nossa Natal, a histórica revista “Via Láctea”.

Zila Mamede apresentou-se como uma das primeiras poetisas modernistas, Maria Lúcia de Amorim Garcia, docente universitária, editando a substancial pesquisa sobre Jorge Fernandes, e a intelectual Eulália Barros, biografando a saudosa Noilde Ramalho.

Mulheres potiguares idealizadoras de instituições: Zelma Furtado, criando a Academia Feminina de Letras e o Memorial da Mulher; Leide Câmara o novo Instituto da Música; Sônia Fernandes Ferreira, idealizadora da Academia de Artes e Design, Anna Maria Cascudo Barreto, do Instituto Ludovicus, Bernadete Batista de Oliveira, idealizadora do Memorial do Legislativo Potiguar, dentre outras. Edificadoras destas entidades cultivadoras do nosso saber, na órbita de suas realizações específicas.

O espaço dessa página não aborda análises de outras figuras, enaltecidas da nossa intelectualidade feminina que tanto têm ilustrado o patrimônio histórico potiguar.

Acentuado o número de nossas escritoras e poetisas, sendo em menor escala, as devotadas à Oratória, tais a então Deputada Maria do Céu Fernandes e a Acadêmica Maria do Perpétuo Socorro Wanderley de Castro, para mencionar, apenas, dois nomes. Das inclinadas para a Política podendo citar Wilma de Faria, Rosalba Ciarlini, Maria do Céu, acima referida, dentre as mais destacadas ao tempo de suas atuações.

Na prosa e na poesia, o jardim por elas cuidado, tem desabrochado rosas de inebriante perfume, propiciando uma atmosfera favorável aos encantamentos da imaginação criadora.

A cultura feminina, entre nós cultivada, é um vasto espaço de erudição. Trata-se de uma herança dadivosa, enriquecedora do nosso espírito literário.

Citando Baudelaire, é ela “um farol que ilumina um milhar de cidadelas”.

De parabéns, a Acadêmica Zelma Furtado, por ter conferido mais esse valioso contributo à nossa Cultura, criando o “Memorial da Mulher”, no Rio Grande do Norte.

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

DA VINCI, O PRECURSOR DOS “ELETRODOMÉSTICOS”

(UM BREVE ENSAIO)*

Sônia Faustino

Em pleno verão renascentista a arte da cozinha ganha relevância e projeção, sobretudo quando os Médici de Florença levam para a França os prazeres da boa mesa italiana: primeiro o Papa Leão X (Juan de Médici), depois, Catarina a esposa de Henrique II, e finalmente Maria de Médici esposa de Henrique IV.

Segundo o arquiteto francês *Serge Meignan*, foi Maria de Médici a introdutora dos talheres para uso nos banquetes da corte em seu palácio parisiense, incrustado no coração do Jardim do *Luxembourg*.

Não foi para falar sobre os nobres contemporâneos de Da Vinci que escrevo. Falo aqui sobre a vocação para gastronomia do jovem Leonardo, ciência que no passado recente chamava-se arte culinária.

Pois bem, Leonardo trabalhava em projetos arquitetônicos em Florença durante o dia e no turno da noite trabalhava como garçom na taberna “*Los tres Caracoles*”, onde foi promovido a chefe dos cozinheiros. A partir de então, o engenhoso artista começa a criar desenhos para utensílios de cozinha considerados pelo mesmo as máquinas da paz.

Em 1478 um incêndio destrói a famosa taberna, em consequência de brigas entre “gangues” rivais.

Logo depois, no mesmo espaço da taberna incendiada Leonardo abre um novo e improvisado “restaurante”, tendo como sócio o seu amigo *Sandro Botticelli*. E assim os jovens Leonardo e Sandro inauguram *La Enseña de Las tres Ranas...*

Após mais uma experiência empresarial mal sucedida, Da Vinci é contratado para organizar festas e banquetes na corte dos *Sforza* em Milão. Mesmo como “*promoteur*”, ele continua a desenvolver o seu talento como grande *designer* projetando máquinas de guerra e de paz. Ao mesmo tempo em que pintava a última ceia em Milão, criava, para os artistas e artesãos que com ele trabalhavam, alimentos exclusivos a partir do seu poder criativo.

E assim, Leonardo Da Vinci pode ser considerado o precursor dos nossos “eletrodomésticos” e de tantas e tantas máquinas que uma vez aperfeiçoadas compõem o grande acervo do mundo tecnológico.

*In Notas de Cocina - Leonardo da Vinci

SÔNIA MARIA FERNANDES FAUSTINO é professora e escritora, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autora de “Rose la France” e outros livros.

TRIBUTO A TRÊS MACAIBENSES

Valério Mesquita

MARIA ALICE FERNANDES nasceu em Macaíba. Estudou no Grupo Escolar Auta de Souza, da mesma cidade, onde fez o seu curso primário.

Obstetriz, diplomada pela Faculdade de Medicina do Recife, à sua perícia, no parto de minha mãe, devo o meu nascimento. Foi ex-interna na Maternidade do Derby, em Recife, e ex-interna do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de São Paulo, onde defendeu tese. Mas, foi como fundadora do Liga Norte-Riograndense Contra o Câncer, que redimensionou a sua vida participando de inúmeros congressos internacionais, cursos de pós-graduação na Alemanha, no Japão, mantendo sempre acesa a chama votiva de sua luta obstinada no combate ao câncer. Versátil, inteligente, Maria Alice foi professora de Inglês, além de formada pela Faculdade de Filosofia do Recife. Era um dínamo em constante rotação. Esta mulher plural, cidadã natalense, faleceu em 1991 após passar algum tempo sem receber qualquer homenagem que perenizasse a sua memória, a sua coragem, a sua luta em favor da saúde do Rio Grande do Norte.

Maria Alice Fernandes foi o maior exemplo de benemerência e devotamento no combate ao câncer no Estado. A Liga Norte-Riograndense Contra o Câncer é o atestado eloquente da criatividade dessa brava mulher de espírito superior.

Nenhuma instituição desse Estado pode ficar alheia ao trabalho que ela desempenhou.

A missão que cumpriu é exemplo a ser seguido e nunca esquecido. Ela é legenda para servir de ensinamento às gerações posteriores. O seu nome no frontispício de uma unidade hospitalar

do seu Estado, por cuja saúde lutou ao longo de sua vida, através das múltiplas entidades e tarefas que participou, é o galardão de reconhecimento que o Governo e a sociedade terão que prestar a quem foi tão útil aos seus semelhantes.

OBS: - Através de projeto de lei de nossa autoria e quando deputado estadual e sancionado pelo então governador Garibaldi Filho o novo hospital do Parque dos Coqueiros foi denominado Maria Alice Fernandes.

JOSÉ JORGE MACIEL era filho de Olímpio e Elen, as figuras mais puras que conheci na infância-adolescência em Macaíba. Meu primo pelos dois lados: Mesquita de Elen e Andrade de Olímpio.

Lembro-me do casarão encantado da rua Pedro Velho, onde nasceu Maciel. A força evocativa do seu nome me devolve aos anos cinquenta, quando menino escutava as alas-moças entoarem a canção do líder nascente “É Maciel, nosso prefeito!!”. Médico, jovem, despontava para a política que o fez prefeito e secretário de estado. Depois, interrompeu o destino político para atender a vocação profissional. Mesmo assim, a sua passagem pela política não foi meteórica. Era um democrata de ideias e lutas nascidas nas vertentes literárias da velha Faculdade de Medicina da Bahia contra os esbirros do Estado Novo.

Com o despontar da redemocratização do país, aliou-se aos grandes vetores das mudanças políticas do entardecer dos anos quarenta. De longe, observava-o que mesmo distante da lide política não perdera na retina o brilho das multidões e das estrelas do céu de sua terra.

Em Macaíba, a ele se credita a construção do estádio municipal de futebol, que tem o seu nome, homenagem dos desportistas locais.

Foi na área da educação pública que realizou a maior tarefa, incrementando nos idos de 1956, o ensino comercial na década, construindo a Escola Comercial, cujos fundamentos permanecem até hoje, através do Colégio Comercial Dr. Severiano.

À época, posso me lembrar, na área do ensino, Maciel contou com o apoio de um verdadeiro time de bons professores que muito o ajudou na planificação dos projetos de educação: Aldo Tinôco, Aguinaldo Ferreira da Silva, Rivaldo D'Oliveira, Geraldo Pinheiro, Manoel Firmino de Medeiros, Francisco Vêscio de Lima, João Batista Pessoa entre outros.

Fundou a primeira Unidade de Saúde de Macaíba, à rua do Barro Vermelho, cujo destaque assistencial à pobreza vai para a sua esposa Zuleide Meira Maciel e irmã Maria Maciel.

Vindo pra Natal, foi diretor do Sanatório Getúlio Vargas. Fundou o Instituto de Radiologia de Natal e foi chefe do serviço de radiologia do INPS. Exerceu esses cargos com honestidade, coerência de princípios e correção de atitudes. Foi casado com Zuleide Meira Maciel, minha prima, de cujo casamento nasceram quatro filhos: Olímpio, Nadja, Cleide e José. Por fim, Ivan Maciel, do brilho de sua inteligência, assim sintetizou o tio: “Na aparente aspereza escondia o sal e o sol da ternura humana”, hoje, o seu filho Olímpio Maciel honra o município como o seu vice-prefeito.

JOÃO VITERBINO LEIROS, nem poeta, nem herói. Apenas um simples que soube sonhar o seu sonho. Um mágico que hoje a força evocativa do tempo devolve a sua magia criativa de pioneiro do teatro em Macaíba. João Viterbino Leiros nasceu em Natal mas viveu toda a sua vida praticamente em Macaíba até falecer em 1958. Humano, caridoso, acessível, carismático, escreveu peças teatrais e interpretou outras tantas nos anos vinte, trinta em Macaíba quando viveu o seu apogeu cultural. Arte cênica, duas bandas de música, um piano em cada rua aristocrática, enfim, Macaíba ditava até a moda através de grandes empórios comerciais de roupas, calçados, perfumarias, bijuterias que chegavam ao seu Cais do Porto trazidos por embarcações, antes mesmo de Natal. João Leiros viveu nesse tempo. E nele constituiu com D. Elvira uma prole feliz de oito filhos que se desdobrou em 40 netos, 93 bisnetos e 44 tataranetos, somando

185 descendentes diretos. Que exemplo de vida! Espiritualista, Joca Leiros cultivou a doutrina kardecista onde no sítio Salerno gravava no senso frágil e trágico da brevidade humana, os sinais de sua mensagem.

Um traço característico e inconfundível dos Leiros, herdado do patriarca foi o gosto pela cultura. Na grande maioria, dos seus descendentes o culto às letras, a música, ao teatro e até ao espiritualismo revelou-se de forma ampla, em todos os segmentos de vida.

Ao traçar o seu breve perfil, parabenizo a Fundação José Augusto que resgatou o valor e o talento do mestre João Leiros ao denominar o auditório da Casa de Cultura Nair de Andrade Mesquita, com o seu nome. De parabéns a Fundação José Augusto e o Instituto Pró-Memória de Macaíba que se uniram nesse gesto dignificante para redimensionar a vida cultural da cidade no presente, resgatando do seu passado a figura maior da arte de criar e representar que se encarnou em João Viterbino de Leiros.

VALÉRIO MESQUITA é escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de “Notas de Ofício”, “Poucas e Boas” e outros livros.

A ATUALIDADE DA REFORMA POLÍTICA

Homero de Oliveira Costa

Reconhecida como urgente e necessária, tanto pelos partidos e parlamentares como por entidades da sociedade civil, a reforma política é um dos itens fundamentais da agenda política do país. O problema tem sido, ao longo do tempo, aprová-la no Congresso Nacional e por uma razão: não há consenso, nem no Congresso nem na sociedade civil sobre que reforma política se pretende. Em 2005, quando o governo Lula enfrentava uma grave crise política, decorrente de denúncias do que ficou conhecido como “mensalão”, o governo acenou com a necessidade de uma “reforma política urgente” e deu um prazo de 45 dias ao então ministro da Justiça, Marcio Thomaz Bastos para elaborar uma proposta e encaminhar ao Congresso Nacional. A proposta foi elaborada, encaminhada e tal como ocorreu com os relatórios das comissões especiais de reforma política formadas desde 1995, as propostas sequer foram votadas no plenário das respectivas Casas Legislativas. Na época, um dos itens mais importantes era justamente o fim do financiamento privado de campanhas eleitorais (além do voto em lista fechada e o fim da verticalização), que também já havia sido proposto nos relatórios das comissões especiais. E no início de 2015, em meio a uma grave crise no início do segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, num clima de acirramento político e ideológico muito maior do que em 2005, com a esquerda acuada (criminaliza-se a esquerda a partir da experiência do PT no governo, como se toda esquerda seja conivente com o que ocorre no país, cuja crise, em grande parte se deve justamente ao afastamento do PT do campo da esquerda, da conquista do poder pelo poder e suas concessões à direita, em nome da governabilidade), e mais uma

vez, a reforma política aparece como uma das saídas. O problema é: qual reforma política? Na primeira entrevista após ser confirmada sua reeleição, a presidenta Dilma Rousseff, assim como Luís Inácio Lula da Silva o fez no dia 29 de outubro de 2006, anunciou que a reforma política era uma das prioridades de seu governo no início de seu segundo mandato. Chegou inclusive a defender uma Constituinte Exclusiva com o objetivo de fazer uma ampla reforma política, como ocorreu no início do primeiro mandato e no curso da campanha eleitoral de 2014, mas, como se sabe, passados quatro anos, não houve nem constituinte nem reforma política no primeiro mandato e não se fala mais de Constituinte Exclusiva .

A reforma política tem sido anunciada como prioridade dos governos desde de 1994, ou seja, do início do primeiro governo Fernando Henrique Cardoso em 1995. No entanto, nem Fernando Henrique Cardoso, nos oito anos de mandato, nem Lula que também considerava a reforma política como “mãe de todas as reformas” conseguiu, nos seus oito anos, fazer uma reforma política em oito anos e nem Dilma Rousseff no seu primeiro mandato. E não por falta de propostas: comissões foram constituídas no Congresso, propostas discutidas e elaboradas alternativas, mas não se conseguiu sequer que fosse votada em plenário, ou seja, nada se avançou nesse sentido. Pós-manifestações de junho de 2013, como “resposta” às reivindicações das ruas, mais uma comissão de reforma política foi formada, cujo resultado, para quem acompanha esse processo no Congresso Nacional, já se sabia desde o início: não ia dá em nada, como de fato, não deu.

O que fica claro desde 1994, quando todos os governos tiveram maioria nas respectivas Casas do legislativo (Senado e Câmara dos deputados) é que aprovação de uma reforma política não depende apenas da vontade do presidente da República. A questão é muito mais complexa, envolve muitos interesses e, pela experiência acumulada nesses últimos anos, a possibilidade de uma reforma política ampla é muito difícil de ser aprovada no Congresso Nacional e na legislatura

que começou em 2015, com um parlamento mais conservador do que o anterior, a possibilidade me parece bem mais remota.

Em 2007, consciente de que uma ampla reforma política não era possível, o presidente Lula propôs uma reforma “enxuta”, restrita a três pontos: fidelidade partidária, o voto em lista partidária e o financiamento público de campanha. O único item aprovado foi o da fidelidade partidária, mas não por decisão do Congresso Nacional, mas do Tribunal Superior Eleitoral. Em 2015, mais uma vez, a presidente reeleita Dilma Rousseff defende a necessidade de uma reforma política. Antes, na campanha eleitoral havia se referido inclusive à possibilidade de um plebiscito, reafirmado no discurso que fez logo após a vitória no segundo turno. Embora tenha defendido dois pontos importantes, como o fim do financiamento de empresas nas campanhas eleitorais (o que não significa o fim do financiamento privado) e o fim das coligações em eleições proporcionais, não foi apresentada uma proposta de que reforma política se pretende, uma vez que são muitos os temas a ser discutidos e aprovados, como cláusula de barreira, voto facultativo ou obrigatório, fim ou não de suplente de senador, permanência ou não de emendas parlamentares individuais, duração de mandato de senadores, representação proporcional ou majoritária (ou correção das distorções na representação proporcional), fim das coligações em eleições proporcionais, reeleição, listas abertas ou fechadas etc.

A questão que se coloca é: qual a possibilidade de se ter uma reforma política no Congresso Nacional sem que haja pressão da sociedade? A meu juízo, considerando o histórico do Congresso e a sua nova composição (senadores e deputados eleitos em outubro de 2014) é muito remota, e a formação de mais uma comissão, me parece mais um engodo do que uma intenção séria de fazer uma reforma política profunda porque não precisa de comissão: diversas já foram formadas no Congresso Nacional, cujas propostas sequer foram votadas. Como disse a deputada Luiza Erundina (PSB-SP) estamos vivendo uma crise que não é só do PT, mas do modelo

de representação política e diz: “Participei de todas as comissões especiais dedicadas à reforma política desde o meu primeiro mandato, iniciado em 1999. Estou convencida de que qualquer reforma traria remendos num tecido esgarçado” (revista Carta Capital, 1 de abril de 2015, p.17). Eu também estou convencido disso.

HOMERO DE OLIVEIRA COSTA é escritor e professor titular do Departamento de Ciências Sociais da UFRN, autor de “A Insurreição Comunista de 1935” e outros livros.

CONTOS E CRÔNICAS

A MORTE DO ALEGRE FULGENCIO

Luis da Câmara Cascudo

Fulgencio Cardoso, chamado Fulgencio Mocotó por ter os jarretes inchados, era um mulato alto como uma carnaúba e torcido a jeito de cipó. Vivia de ser imão do tenente Brasilio, o dono de Santa Magdalena, fazenda de invejar aos anjos. E só. Era o melhor exemplo da madraçaria. Passava o santo dia prosando de porta em porta, almoçando com o vigário e terminando a tarde, antes da palestra noiteira, lendo História de Carlos Magno á sombra do joazeiro da Coletoria. Isto assim: tira ano, bota ano.

Mas o Fulgencio Mocotó era indispensável nas prosas. Pessoa podia ter graça até emparelhar com ele. Mais, não. A especialidade de Fulgencio era mentir. Mentir, não. Inventar histórias, criar casos, arranjando partidas, fingindo zangas, cóleras e mau humor no intuito dos temas que ia desenvolver.

Foi ele quem desarrumou a fama de valentia que o cabo Porfirio jactava. Voltando duma caçada, já deitados no rancho, Fulgencio descobriu uma cobra coral, morta. Trouxe-a e colocou-a junto das alpercatas do Porfirio e cercou-as de espinho de xique-xique, Depois gritou:

-Uma cobra ! Uma cobra, gente...

O cabo e os companheiros saltaram das redes, tontos de sono, no pavor do ofídio. Logo o largo e apragatado pé de Porfirio calcou os espinhos. Berrou que estava ferido. Fugencio jogou fora os estrepes e examinou as palmilhas do assombrado militar.

- Virgem Maria, seu Porfirio. Você está mordido!

O outro fez-se branco, amarelo, cinzento.

- Que vamos fazer? salmodiava o troteador. Aqui não tem remédio ! Nossa...

Porfirio, vencedor de mil encontros com os mais arrojados cangaceiros, desatou a chorar e a tremer, esvaído em suor e queixas. Finalmente Fulgencio fe-lo beber água destemperada com tudo quanto foi porcaria próxima.

Dai em diante foi herói. Em compensação multiplicou a habilidade de trocar do próximo. Tirante o vigário, todos os demais foram vitimas do engraçado sertanejo.

Mas um dia esgotou-se o repertório. A imaginativa e vivacidade do matuto emudeceram. Pensou umas semanas e recomeçou . Desta vez a vítima era ele próprio.

Uma noite surgiu na casa do Coletor ás horas da reunião costumeira. Entrou na carreira, pálido, suado , resfolegando. Pulou no meio dos palestradores e erguendo a mão mostrou-lhes dois riscos em meia lua, logo abaixo do polegar.

-Foi cobra !... Estou perdido !... Meus Deus !

Os amigos perderam a cabeça. Foi um nunca acabar de remédios, de ajudas, de exclamações. De repente, Fulgencio Mocotó desatou a rir, a rir doidamente, mostrando os riscos vermelhos e ameaçadores:

-Deixem de ser bestas, isto é risco de jurema, seus bestas....

E os matutos riram. Repetiu duas vezes esta história. Chegou mesmo a enganar na terceira. Trouxe espuma na boca, espolinhou-se na sala, derrubou o vigário no ímpeto de agarrar-se a ele. Uma perfeição.

Descobriu outra modalidade. Armas. Armas terríveis, bem azeitadas, luzentes, que ele agitava no ar num arreganho de ódio e ferocidade Chegava na roda, enfiava conversa, ia indo até discordar de qualquer presente. Arrancava a arma da cinta, num uivo de ira.

-Ah... seu cachorro ! Espera aí! - e precipitava-se dum salto sobre o pacato contendor. Os sertanejos seguravam-no e, num momento, estava Fulgencio desarmado e rindo. Se era revólver, faltava o cilindro; se era garrucha, não tinha o gatilho. E todos riam...

Ainda explorou casos de assombração. Fez-se alma do outro mundo, prometendo dinheiro escondido no cemitério, no patamar da igreja, no muro das velhas casas abandonadas. Meses depois estava Fulgencio desmoralizado. Inteiramente desmoralizado. História que ele contasse era mentira. Também, as histórias que ele contava eram deste jeito:

- Você está falando de fruta azeda? Qual!... Não sabe o que é. Lá na fazenda de Bráilio tem uma laranjeira de que ninguém chupa laranja. Por que? Eu lhe conto. Um dia destes, para experimentar, descasquei uma e sacudi para uma vaca que ia passando. Sabe o que sucedeu? A vaca mordeu a laranja e fez uma careta tao grande que os chifres encostaram um no outro até hoje...

E toda gente achava graça nas histórias do Fulgencio Mocotó.

Findara o inverno. Toda terra se vestira no verde-claro dos marmeleiros, no verde gaio dos pereiros, no verde negro das oiticicas. A várzea era uma ondulação de verdura rasteira toda sombreada na palpitação das asas inquietas. E o vento trazia o cheiro do acre das juremas....

Uma noite muito serena palavra-se na casa do Coletor, quando Fulgencio precipitou-se de sala a dentro :

-Estou mordido! Depressa! Um remédio! Pelo amor de Deus! Aviem! Depressa! Estou mordido!

Uma gargalhada foi a resposta. Fulgencio insistia mostrando a mão riscada de rubro:

- Olhem! Olhem! Estou mordido. Agora é sério. Estou mordido...

E todos riram mais. O doutor Fontes, médico ambulante, quis ir buscar uma injeção. Quinquim Coletor segurou-o:

-Não vá, doutor. Isto é vadiação deste moleque. O senhor se vexa, eu também, todos nós e ele, daqui a pouco, cai numa risada sem fim, mangando de nós todos....

Fulgencio Mocotó estava pálido. Muito pálido. Levemente rugava-se-lhe o rosto imberbe e liso. O suor camarinhava-lhe a fronte. A camisa estava colada no corpo. Sentou-se, gemendo numa cadeira. Rodando os olhos apavorados implorava ainda:

- É sério. Estou mordido. Vou morrer. É sério, gente.

A voz arrastada e tardia era um resfolegar ansiado e rouco. Abrindo convulsivamente a boca lançava jatos de saliva espessa e amarela. Em volta, os matutos, num riso parado e sarcástico, esperavam o costumado desfecho.

Fulgencio pedia água. Ninguém lh'a foi buscar. Queriam prolongar a brincadeira. Sabiam que ele se arrojaria espumando no chão. Daí a pouco o alegre rapaz não pode estar sentado. Convulsões fortes sacudiram-lhe o corpo. Caiu de bruços. Voltou-se, lentamente, gemendo, estertorando, babando, uivando de pavor. E todos riam em torno...

Depois os olhos de Fulgencio se abriram mais e mais. Eram dois grandes olhos negros, reluzentes, faiscando. Foram , devagar, devagar se embaciando como se um hálito os bafejasse de perto. Sacudiu-se levemente, esticou-se. Um segundo seus calcanhares feriram o solo num bate-bate aflitivo. Abriu duas vezes a boca num bocejo tremendo. Fina e viscosa baba escorreu-lhe dos lábios entreabertos. Inteiriçou-se e ficou imóvel.

Os matutos riam, riam. Mas, estava demorando o fim. Vicente sacristão aproximou-se de Fulgencio, gritando:

- Acaba com isto. Brincadeira comprida não tem graça. Levanta.

Estendeu-lhe a mão. O engraçado continuou quieto. Chegaram para perto. Quinquim Coletor curvou-se, olhou, olhou, ergueu-se, empurrou-lhe o corpo com o pé, tornou a mirá-lo, segurou-lhe a mão e , virando os olhos espavoridos, entre assombrado e curioso, disse para os derredor, numa derradeira desconfiança :

- Querem ver que ele morreu mesmo?...

*Transcrito da Revista Feira Literária, v.III. São Paulo, março de 1928.



IAPERI

O FOGUETEIRO

Vaperi Araujo

O bichinho era tão magro, mas tão magro que parecia um caga-sebite. Era só couro e osso. A gente via as costelas e podia até contá-las. Ninguém dava a ele a idade que tinha. No máximo uns 10 anos, quando na verdade regulava doze anos. Era mirradinho, mas esperto que só. O pai que era fã de música sertaneja, achou por bem batizá-lo com o nome de Zezé de Camargo e Luciano, desse jeito mesmo, homenagem dupla. A mãe que vivia de milacrias, fazendo uma coisa e outra pra trazer comida pra dentro de casa já procurara o de fazer pro menino. Já tava na idade de arranjar uma ocupação, fosse onde fosse. A família era grande. Pai, mãe e uma ruma de meninos, tão pequenos que dava pra cobrir com um balaio, mesmo beirando os oito. Um ano de diferença de um pra outro, mais uma barriga de dois. Os últimos completavam ano no mesmo ano pois nasceram com nove meses de diferença. Era a única produção da casa. Fazer uma enfiada de meninos e meninas mesmo sem sustança. Os maiorzinhos andavam rua acima e rua abaixo pra arranjar uns reais e trazer prá casa. Faziam mandados pros mais remediados, vendiam dindim, levavam feira em carro de mão e as duas meninas maiores trabalhavam em casa de família.

Zezé, o mais magrinho acabou conseguindo um lugar na fábrica de fogos de seu Agostinho. Não era uma fábrica, dessas que a gente vê em todo canto. Era uma latada de caibros coberta com umas poucas telhas que deixavam passar mais sol que na sombra do juazeiro que limitava o terreno na Baixa da Cachorra, um lugar na periferia de Flores do Seridó. Debaixo da latada numas caixas de papelão tinha pólvora, tubos de papelão, rolos de cordão, breu, barro, varetas pros foguetões, limalha de ferro e pó de serra.

A fábrica funcionava na base da mão de obra dos meninos. Parecendo desorganizada pelo amontoado de coisas, mas seguia uma sequência de série estabelecida por seu Agostinho. Uns carregavam de pólvora os tubos de papelão, outros faziam estopim, outros enceravam os cordões e enrolavam as cabeças dos foguetões. Qualquer ameaça de fogo era proibida e até a cozinha da casa, anexa, parede e meia com o galpão não tinha fogão. Ficava do outro lado, num alpendre de serviço ao lado da pedra de lavar pratos.

O velho era tão muxiba que negava aos meninos até um copo d'água e quem descesse pras cacimbas em busca de uma de água pra beber, tinha regulado o tempo. Quando não era por ele era por Matilde, a mulher que era mais ranzinza que o marido, exigindo celeridade e perfeição em tudo. A hora do almoço era regulada. Quem morava longe saía em desabalada carreira e voltava em cima do rastro. Outros traziam um depósito de plástico com feijão, farinha e um naco de carne guisada e comiam debaixo do juazeiro.

Foi numa dessas que Zezé apareceu mostrando aos outros uma carteira de cigarros que comprara na bodega de seu Rocha. Um cigarro tão forte que quase matava de tosse os meninos que o experimentaram. A experiência fôra debaixo da copa do juazeiro pois fumar na latada dos fogos, nem pensar. E mais. Enquanto um fumava, os outros vigiavam, pois se Matilde ou o velho pegassem não se pode nem imaginar o que haveria de suceder.

O vício de fumar na fábrica de fogos acabou ficando tão comum que vez por outra, no próprio galpão, enquanto manuseava a pólvora explosiva, um menino puxava um cigarro do maço, acendia e fumava até o toco.

Num dia desses, Zezé de Camargo e Luciano não se aguentou na vontade e acendeu um cigarro prá matar a fome. Sem prestar atenção jogou pra trás o fósforo com que acendera o pito, sem olhar se o palito estava apagado ou não. Não estava. Caiu aceso dentro do depósito de plástico de pólvora, provocando uma explosão que quase mata todo mundo.

Foi um estrago danado. As poucas telhas do galpão caíram aos cacos. A parede de taipa da casa cedeu metade e o menino perdeu a mão esquerda que manuseava a pólvora onde caíra o fósforo aceso. A gritaria foi grande. Uns pegaram um molambo velho que estava no varal a secar no sol e enrolaram o cotoco do braço e saíram na carreira pra farmácia. Médico não havia na cidade. Seu Agenor da farmácia fazia o possível pra atender as pessoas na sua solidariedade. Seu pagamento era o remédio que era vendido. Só teve o que fazer limpando o cotoco amputado que não sangrava mais por força da explosão. Zezé chorava com a dor e a queimadura, mas ficou sério de repente quando a mãe chegou trazida pelos outros moleques.

- Passe já pra casa que lá a gente se acerta, cabra sem vergonha. Nunca lhe dei o direito de assumir vício. E agora, como você vai me ajudar a sustentar a família com um braço só? Responda.

O menino mirradinho, com a cara suja de fumaça e fuligem da pólvora por onde as lágrimas desenhavam caminhos, de olho bem aberto, num minuto abriu um sorriso na cara.

- Se incomode não, mãe, que agora vai ser mais fácil. Com o braço cotó posso ganhar muito mais dinheiro, pedindo esmolas na feira.

IAPERI ARAUJO é médico, escritor e artista plástico, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Presidente do Conselho Estadual de Cultura, já publicou 70 livros entre ensaios, ficção e poesia.

BOTE APERTO NISSO

Eider Furtado

Estava eu vivendo o começo da minha advocacia. Nesse meio tempo chega ao meu escritório uma cliente, pessoa da amizade da minha família, para constituir-me seu patrono numa causa de terra lá para os lados do município de Goianinha. Dessas clientes que se fazem mais amigas da família do advogado para não se verem cobradas de honorários. Isso seria o de menos, sem dúvida.

Estudado o caso fiz opção por ingressar em juízo com uma justificação judicial, arrolando testemunhas e enquadrando o pedido na forma processual indicada. Tratava-se de um processo simples em que o autor se propunha a fazer um princípio de prova para ir adiante através da ação própria.

No dia da audiência, apazada para às 14 horas, logo terminado o almoço, sem preocupar-me com o uso de paletó e gravata, dirigindo a minha rural, mandei-me para a cidade de Goianinha. Não sei porque “cargas d’água”, talvez em razão do calor que era intenso e do que coloquei como alimento no estômago, logo no meio do percurso entre Natal e São José do Mipibu comecei a sentir-me desconfortável, torcendo-me e retorcendo-me com terríveis cólicas. Sem dúvida lá no meu interior a coisa não andava muito bem com o meu aparelho digestivo.

Resolvi em razão dessa incômoda situação entrar na cidade de São José do Mipibu, e procurar a farmácia de uma parente, a fim de medicar-me de modo a não sofrer vexames. Assim, mediquei-me e pus-me de novo na estrada.

Chegado à artéria principal da cidade de Goianinha, sob um sol escaldante, como não conhecesse ninguém, procurei abrigar-me

nas sombras escassas de algumas árvores. O tempo foi passando, o remédio sem fazer qualquer efeito benéfico e as cólicas aumentando de intensidade. Sabem o que é uma situação degradante, sem uma saída “honrosa”? Esta era a minha situação.

Aos poucos foram chegando as testemunhas, que já me conheciam, e também chegando a hora da audiência. À essa altura a minha situação era crítica, sem ter para onde ou para quem recorrer. Exatamente neste momento, atravessando a rua na qual me encontrava, surge um cidadão vestindo terno escuro, completo. Julguei que fosse o Juiz de Direito da Comarca, e era mesmo, um alagoano que veio para o nosso Estado, fez concurso para Juiz de Direito e, aprovado, lá estava. Só que eu estava esportivamente vestido em mangas de camisa. Mas, o problema que me atormentava, não era esse, e sim as cólicas que amiudavam ameaçando uma “desgraça”.

Dirigi-me ao cidadão dele indagando se era mesmo o juiz. Confirmado, disse-lhe, cruzando as pernas para adiar o pior, que ia requerer adiamento da audiência, servindo-me do fato da minha principal testemunha – e era mesmo a mais importante - não haver comparecido. O juiz, a queima roupa, disse-me que não deferiria meu pedido porque, as outras três testemunhas ali estavam e, para uma justificação judicial, seria o bastante.

Meus caros leitores já concluíram sobre o meu estado: as cólicas aumentando e causando uma verdadeira “revolução”, bem audível. Lancei, então, uma desculpa: permitiria o juiz que eu participasse da audiência em mangas de camisa? Novo na “arte”, me haviam dito, colegas mais experimentados que, numa audiência no interior do Estado não se exigiria paletó e gravata, por isso ali estava eu nesses trajes. O magistrado, com a fisionomia cerrada, nem disse sim, nem disse não, mas simplesmente decretou: “Cada um trata a Justiça como entende que ela merece ser tratada.”. Êpa, foi uma cacetada que só serviu para agravar, cada vez mais, o meu estado de “inquietação.”

Iniciada a audiência, ainda na assentada da primeira testemunha, pedi licença ao Juiz para retirar-me, sem apresentar o motivo da minha atitude. E retirei-me da audiência, sem esperar nem que ele autorizasse minha retirada “estratégica”.

E outra vez me vi na rua, ao relento, como se estivesse sem lenço e sem documento. Que fazer? Minha primeira idéia foi pegar a rural e me mandar para a BR procurando uma moita frondosa que me desse cobertura. Desisti, graças a Deus, porque descendo a rua, andando com uma certa dificuldade e todos sabem porque, deparei-me com uma idosa senhora, de cujo falecido marido, fizera eu o inventário. Sem nada receber, para não perder o hábito.

Debruçada na janela de sua casa, olhava o movimento da rua quando descobriu-me caminhando em sua direção. Então, foi aquela festa, menos para mim que não achava graça em nada, esperando o pior a cada minuto. Sei que entrei na sua casa, sentei-me numa cadeira de balanço por ela indicada e, como o calor não melhorasse, escancarou de todo as suas janelas.

Ensaíamos uma conversa desconexa, pelo menos de minha parte, pelas razões óbvias, e meio sem jeito, mas era o único que me restava, decidi por pedir para usar o sanitário de sua casa. Estava nas últimas e foi como se eu pedisse permissão para ir ao seu santuário. Em compensação tive que aguardar, desesperadamente, que mandasse a sua secretária dar uma limpeza geral no tal sanitário, inclusive aspergindo perfumes para que ao dele me servir, sentir-me em plena glória.

Bem, o que aconteceu que me deixou aliviado, não precisa contar. Suando às bicas, retornei à cadeira de balanço que me fora oferecida, tomei um pouquinho de ar fresco e, interrompi a conversa agradável ao tocar-me que teria de retornar à audiência que, abruptamente, havia abandonado.

Quando assim o fiz o M.M. Juíz, surpreso com o meu retorno, indagou-me, sem ar de censura, o que se passara comigo para que eu

me retirasse da audiência. E eu, sem meias palavras disse-lhe de meu precário sistema gastro-intestinal, ocasião em que solidário com o aperto porque eu passara, confortou-me dizendo: "Se me tivesse dito, o senhor teria a minha casa à sua disposição. É logo aqui perto e lá nem há qualquer outra pessoa."

Agradei-lhe a "solidariedade", mas, na verdade, àquela altura, eu já era outro homem...

EIDER FURTADO é advogado, professor e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de "Audiência de um Tempo Vivido" e outros livros.

MAIORIDADE PENAL: AO NASCER

Armando Negreiros

Esabido que o maior estímulo à criminalidade é a falta de punição. Agora imaginem se a própria lei proíbe o judiciário de punir. O marginal, quando completa 18 anos, começa a contratar os que estão abaixo dessa idade para executarem os seus crimes, como testas de ferro. Qual a diferença de um marmanjo com 15, 16 ou 17 anos, para um com 18? A lista dos que são contra essa diminuição da maioridade penal é enorme. Acusam os que são a favor de “genocidas infantis” e outras baboseiras típicas dos cavilosos, capciosos e manhosos.

A personalidade civil do homem começa a partir do nascimento com vida; mas a lei põe a salvo desde a concepção os direitos do nascituro (aquele que há de nascer, ou seja, é o nome que se dá ao ser humano já concebido e que se encontra, ainda, no ventre materno). A mesma regra deveria vigorar, também, para a responsabilidade criminal. Qual o crime que poderia cometer uma criança de tenra idade? Nenhum! Portanto, a partir do momento em que o crime for cometido, o infrator é responsabilizado e punido.

Num levantamento do que ocorre no mundo, encontramos as maiores disparidades e verdadeiros absurdos. Nos Estados Unidos, onde cada estado tem a sua própria legislação, o início da maioridade penal varia desde os 6 até os 18 anos, entretanto a maioria dos estados adota 7 anos. Na Escócia, 8 anos; Inglaterra e País de Gales, 10 anos. Nesses países a legislação adota, para estabelecer a maioridade penal, a capacidade psíquica. O Brasil adota o sistema biológico, que é a idade. México, 6 a 12 anos.

Com 7 anos, temos: Bangladesh, Índia, Myanmar, Nigéria, Paquistão, África do Sul, Sudão, Tanzânia, Tailândia; com 8, Escócia,

Indonésia e Quênia; com 9, Etiópia, Irã e Filipinas; com 10, Nepal, Ucrânia, Inglaterra e País de Gales; com 11, Turquia; com 12, Coreia, Marrocos e Uganda; com 13, Algeria, França, Polónia, Uzbequistão; com 14, China, Alemanha, Itália, Japão, Rússia, Vietnã; com 15 Egito, Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia; com 16, Argentina e Chile; com 18, Brasil, Colômbia e Peru.

O maior absurdo ocorre no Irã, como não poderia deixar de ser pela misoginia (ginecofobia, ginofobia, desprezo ou aversão às mulheres) característica dos muçulmanos: 9 anos para o sexo feminino e 15 para o masculino! Na Suécia, em 1997, havia apenas 15 jovens entre 14 e 18 anos cumprindo pena em alguma prisão. Na China, embora haja regimes especiais educacionais para adolescentes na faixa dos 14 anos, eles podem pegar prisão perpétua se cometem crimes bárbaros, chamados no Brasil de hediondos.

No Brasil, em 2005 (Unicef, IPEA) havia cerca de 40.000 menores entre 12 e 18 anos cumprindo algum tipo de medida socioeducativa (0,2 da população - um terço em instituições como a FEBEM), a metade em São Paulo. Cerca de 42% por roubo e 15% por homicídio.

Portanto, diante da gravidade crescente da criminalidade e considerando a situação no resto do mundo, urge - é emergencial - abreviar a maioridade penal. Aliás, a minha proposta é que esta se inicie com o nascimento, já que os direitos civis se iniciam intrauterinamente, com a concepção.

ARMANDO NEGREIROS é médico e escritor, autor de “Na Companhia dos Imortais”, “A Folga da Dobra” e outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

AINDA EXISTEM OS QUINTAIS

Lívio Oliveira

No Barro Vermelho ainda existem quintais. Na casa dos meus pais, numa rua que leva o nome de um antigo poeta (Segundo Wanderley), ainda há aquele quintal em que brinquei na infância. É certo que ele tomou uma nova forma, um novo arranjo, mudanças das coisas, mudanças das plantas, mudanças dos tempos. Mas ainda está lá. Um pouco reduzido, já foi maior. Foi feita uma construção que tomou quase metade da área. Mas ainda está lá, guardando lembranças, reafirmando a memória.

Numa dessas datas comemorativas, contemplei-o calado: o quintal. Enquanto meus pais, irmãos, esposa, cunhados, filhos e sobrinhos conversavam animadamente ou miravam e dedilhavam, sôfregos, os seus smartphones e tablets, eu olhava ao redor, recordando os feitos da minha infância e da minha adolescência. O meu forte resfriado me deixara meio sonolento e me colocara numa condição reflexiva, possibilitando uma viagem letárgica no tempo. Retornei a um quintal cheio de sonhos e de movimentos, a plenitude das aventuras num terreno que parecia um mundo imenso. E era.

Quando conheci o quintal havia um milharal em que podíamos nos esconder. Uma paisagem horizontal e compacta, em que o aparece-desaparece era o jogo preferido. Não sem alguma angústia. Aquela piscina vegetal já nos impunha o exercício do olhar e da atenção. E exibia a multiplicidade de hipóteses que a vida mesma nos impõe. Onde estamos agora? Onde estaremos daqui a pouco?

A maior atração do quintal foi mesmo a grande mangueira. A manga rosa que ela nos dava era suculenta. A teta sublimada em fruta. Uma fruta dulcíssima, carnuda, hipnótica, sensual, orgástica. E a mangueira dava mangas (como o “coqueiro que dá coco”, de Ary

Barroso). E dava às centenas e belíssimas. Os que ousávamos subir naquela árvore mágica contemplávamos todo o bairro e ainda uma parte do Alecrim, uma parte do Tirol e outra da Cidade Alta. Era o nosso mirante mais alto e ousado. Nosso arranha-céu mais fabuloso. Dali eu conversava com São Pedro, que olhava pra mim do alto da igreja que leva o seu nome, no Alecrim. E sonhava com um mundo maior que aquele onde eu estava. Mesmo sabendo que era um sonho ousado. Até mesmo porque aquele terreno, aquele quintal parecia um latifúndio onírico vasto, um mundo infinito. E era.

Naquele quintal, pude cair da mangueira, sofrer um bocado com a queda, mas me levantar, altivo, mesmo que temporariamente sem voz e sem fôlego. Assim como tem sido na vida. Ainda me levanto, apesar de umas escorregadas e uns belos tombos. Às vezes empurrado por outrem, às vezes por descuido próprio – o tombo. Mas ainda estou de pé. Estamos. O quintal ainda está lá. E estamos todos aqui. Mesmo que sem aquela mangueira secular e sem os cães com os quais adorávamos correr e nos jogar na areia, no barro encarnado, vermelhidão das feridas, vermelho da paixão e até de certas vergonhas. Mas, jamais a vergonha de sonhar. Sonhar com um mundo além-quintais. E sempre retornar para vê-lo, o nosso primeiro universo, onde transpusemos os primeiros obstáculos reais.

Quando havia a mangueira, quando eu estava em idade escolar, levava para baixo da copa da árvore fantástica uma mesinha retangular de clara fórmica, com os pés longos e pontiagudos. E uma cadeira preferida. Colocava os livros e cadernos sobre a mesa, uma caneta ou um lápis à mão e a inteligência à prova na cabeça povoada de sonhos. A mangueira, a mesinha e a cadeira não mais existem. Mantêm-se vivos apenas os sonhos. Apenas?! E o quintal ainda está lá, cada vez mais belo, cada vez maior e mais vivo, fora e dentro de mim.

LÍVIO OLIVEIRA é Procurador Federal e poeta, membro do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “44 Haicais”, “Teorema da Feira” e outros livros.

50 ANOS DA MPB

Damião Nobre de Medeiros

Você sabe o que significa MPB? Nove entre dez brasileiros responderão: Música Popular Brasileira. Mas o que é mesmo Música Popular Brasileira? Aí começa o imbróglio. Porque Música Popular Brasileira não significa nada.

A expressão é antiga e, no ano de 1945, a escritora Oneyda Alvarenga, especialista em crítica musical, publicou um livro com esse título, mas relacionando-o à música folclórica, como o bumba-meu-boi. A sigla e com o novo significado da expressão surgiu em 1965 embora em 1964 já existisse o grupo MPB-4. Bem antes, em 1960, ocorrera uma obscura I Festa da Música Popular Brasileira, promoção da TV Record, uma mistura de rega-bofes, desfile de misses, piquenique em Guarujá e música, muito pouca música. Foi transmitida apenas pelo rádio, não houve a participação de nenhum grande artista e compositor e nenhuma canção marcou a competição.

Em meados da década de 1960 existia a bossa nova, que já começava a sair da moda, a música mais tradicional daqueles que faziam sucesso antes de João Gilberto, como Ângela Maria, Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto e a Jovem Guarda, para quem muita gente torcia o nariz.

O período era conturbado. Vivíamos os primeiros anos da ditadura militar e artistas e intelectuais eram “inimigos do regime” e uma das formas de demonstrar insatisfação e protestar era através da música. O rádio tinha uma força descomunal e, por isso mesmo, algumas emissoras haviam sido fechadas com o golpe militar. A televisão era ainda um privilégio de poucos e ainda buscava o caminho da programação.

O Centro Popular de Cultura, uma organização vinculada à União Nacional de Estudantes havia sido criado em 1961 e nele se

reuniam estudantes e artistas para discutir política e artes, mas foi fechado com o golpe militar.

Foi então que o produtor musical Solano Ribeiro, inspirado no festival de San Remo, na Itália, resolveu criar o correspondente brasileiro para dar vazão a uma música que iniciantes produziam e não conseguiam mostrar. Nasceu o I Festival Nacional da Música Popular Brasileira, da TV Excelsior, que teve como vencedora a canção Arrastão, de Baden Powell e Vinicius de Moraes, interpretada por Elis Regina. O ano era 1965 e a final ocorreu no dia 6 de abril no Teatro Excelsior, no Rio de Janeiro.

O título foi um achado, pois incorporava à música, o “popular” do CPC, a expressão grudou e nunca mais deixou de existir. Na verdade, a sigla MPB pretendia designar um gênero musical que reunia a estética da bossa nova com a temática das canções de protesto, enquadrando gente como Chico Buarque, Geraldo Vandré, Edu Lobo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Sérgio Ricardo.

Os festivais passaram então a ser a vitrine da MPB. Era um acontecimento nacional. A televisão os transmitia ao vivo e as disputas mexiam com todo mundo. Nas escolas, nas ruas, em casa, dentro dos ônibus e dos taxis, as pessoas comentavam e discutiam, havia torcidas e preferências e até brigas.

Dezenas de canções entoadas hoje em barzinhos, luaus, comícios e passeatas foram apresentadas pela primeira vez em festivais e, algumas delas, foram compostas para essas competições, dando origem à expressão “música de festival”. A Banda, Disparada, Alegria Alegria, Caminhando, Domingo no Parque, Ponteio, Roda viva, Andança, Travessia e Sinal Fechado são algumas dessas composições. Era a MPB.

Com o tempo, a expressão foi sendo desvirtuada e hoje a sigla MPB é tão anódina quanto a sigla de nossos partidos políticos. MPB hoje congrega tanto os baiões de Dominguinhos, como as milongas de Vitor Ramil, os sambas de João Bosco, os frevos de Moraes Moreira,

o sertanejo de Almir Sater, o experimentalismo de Arrigo Barnabé, a world music de Tom Zé e até o rock nacional de Rita Lee e Raul Seixas. Banalizou-se. Deixou de ser um gênero. Não significa nada.

A pessoa contrata um artista para uma festa e ele pergunta qual o tipo de repertório desejado e recebe a resposta: MPB. E aí entram valsas, xotes, sambas, guarânias, frevos, caipira e maracatu. E aquela turma citada no início, Ângela Maria, Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto e a Jovem Guarda virou MPB. A geléia geral brasileira de que falaram Capinam e Gilberto Gil.

Mas o que vem a ser então MPB? Talvez, como diz Aluisio, da Livraria Nobel, música para barzinho.

DAMIÃO NOBRE DE MEDEIROS é médico e escritor, membro da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte e sócio efetivo do Instituto Cultural do Oeste Potiguar. Publicou os livros “Conversa de Médico”, “Conversa de Mãe” e “Radiola” (Conversa de música).

O SILÊNCIO

Elder Heronildes

Pensava no silêncio, e com ele, na vida, e na morte. O silêncio que penetrante, parecia zumbir. Era morno e morto. Mexia nas entranhas e refazia-se como se tentasse ser o que não era, munido apenas da lembrança que palidamente esvoaçava o cérebro.

O silêncio pode ser torturante, pois se insere no íntimo sutilmente, como se existisse, pondo em relevo sons carregados de mistérios. Os mistérios do oculto, vale a redundância. Não há maior tortura do que o silêncio asfixiante que só existe em você mesmo, por mais que em volta de si muitos circulem, muitos falem, muitos se mexam, sem força suficiente para quebrar o silêncio que domina o cérebro.

O cérebro dominado pelo silêncio, é força positiva, ou negativa, e neste caso, tudo pode gerar, como fonte agregadora ou não.

Quantos não morrem, por não compreenderem o silêncio que às vezes é trevas! Quantos não encontram na extremidade, o último refúgio para o silêncio que lhe é mortal, porque contamina a vida, sem vida.

E quando vida queda-se desamparado em busca daquilo que lhe flui, embora internamente, sem nenhum estremeamento, sem nada, enfim, que pensar em existência, ser humano, corporificando em silêncio, criando atmosfera do nada, sendo tudo.

O silêncio parece impenetrável, embora penetre, e o seja, pois invisivelmente e sobrenaturalmente, fazendo com que haja o debate mental intrínseco e extrínseco, entre o misterioso, o visível, o oculto, escalonando etapas por entre o inefável e a brancura do que existe, sem ser penetrado.

Parecendo constituir-se numa molécula intransparente e subjacente ao próprio ser, que em silêncio desfruta um modo instante

de vida que não se aplica, e nem pode, mas que deixa, silenciosamente, um estado de espírito de inquietação e disformidade. É assim que o visível mostra-se mais oculto e mais misterioso do que o invisível.

Nunca se pensa no silêncio como força penetrante, mas estado e calma do espiritual por sua própria natureza, fazendo do ser inanimado, uma partícula de vida, mesmo sem saber o exato poder da sua compreensão e abrangência, do verossímil abstracionismo.

Do impressionismo carregado de presságios supersensoriais e eivado de superstições sibilinas e infiltrantes no ser silencioso, já por demais contaminado por uma força que com ruídos indecifráveis, embora silenciosos, paira acima da compreensão humana.

O silêncio estabelece sinuosamente um estado de torpor e de medo como se aquele estado de loucura sofresse as terríveis mutações de um grito que não é ouvido, mas sentido.

Sentir o silêncio não é ouvi-lo. Ele existe por si mesmo, sob um manto indecifrável de condicionamentos interiores, numa abstração inviolável, nascendo e desenvolvendo-se em moléculas sequenciadas numa abrangência que não se exterioriza, por força de sua própria natureza, como elemento incriado e absorvido por um contexto que é a expressão dele mesmo, memorizada.

Como se extraísse da memória, silenciosamente, a própria vida, em si inacabada, volátil e sempre abstracionável pela força do espírito em transmutações constantes, como um verdadeiro mótu contínuo.

Criar o silêncio, em si, é tê-lo permanentemente como força inspiradora de todas as sequências existenciais, reerguendo a vida conscientemente num envoltório de luz, extraído do próprio caos ao qual caíra pela inexpressividade do condutor, na ânsia incontida da sobrevivência e imaterialidade do ser.

O silêncio é fecundo, profundo e atinge o cerne do cérebro num envoltório de contorcionismo digno dos maiores e melhores prestidigitadores, fazendo do nada tudo que possibilite o sentimento arraigado da criação.

É uma espécie de estado perfeito da comunicação, estabelecendo a harmonização individual para chegar ao coletivo social, esteticamente belo, numa unidade indissociável do ser humano, fazendo emergir a intrínseca relação que é comum a todos.

Cuide do silêncio, pois, sem ele, o silêncio, não seremos.

ELDER HERONILDES é escritor, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

POEMAS

Três poetas de Salamanca

Traduções de Paulo de Tarso Correia de Melo

Salamanca tem uma tradição poética que remonta ao século XVI, o século de ouro da poesia espanhola. A partir deste tempo se sucedem Santa Tereza, Frei Luis de Leon, San Juan de la Cruz, estendendo-se esta tradição até a contemporaneidade com Miguel de Unamuno.

Atualmente as torres douradas da Universidade continuam a abrigar em suas sombras poetas da cidade, de outras partes da Espanha e do resto do mundo, como nos casos de Verónica Amat, de Salamanca, Isaura Díaz Figueiredo, da Galícia, e Alfredo Pérez Alencart, do Perú.

Nesta aligeirada notícia, uma mínima amostra dos três poetas.

CRISTO CON TERESA

¿Fuiste su cazador o fuiste caza
del ave confiada que a tu fuente
llegó y bebió transida el agua pura?

En tus manos comió pan de hogaza
y al vuelo renunció gozosamente
porque atada quedó a tu andadura,
razón a su divino desvarío.

La carne por sí sola no comprende,
no sabe esta locura compartida,
y tarda en aceptar el desafío
del vuelo de su alma que la asciende
para hacer del amor boda encendida.

CRISTO E TEREZA

Foste o caçador ou foste caça
da ave descuidada que em tua fonte
chegou e bebeu trêmula água pura?

Em tuas mãos comeu pão em migalhas
e ao voo renunciou alegremente
porque presa ficou à aventura,
razão de seu divino desvario.

A carne por si só não compreende,
não sabe esta loucura compartilhada,
e tarda em aceitar o desafio
do voo de sua alma que a eleva
para fazer de amor boda flamante.

* **Verónica Amat**

* **VERÓNICA AMAT** nasceu em Salamanca em 1944. Poeta e diretora da Sociedade de Estudos Literários e Humanísticos de Salamanca. O poema traduzido integra o seu último livro publicado: "**Sombra que desea ser iluminada** - **Ofrendas a Teresa de Jesús**".

AÑORANZA

Silencios desnudos lloran
– en eh helado campanario –
el diáfano color del tiempo _

Luego un vuelo del ángel,
la sangre en tus labios,
la nieve en el relámpago,
el agua azul de la infancia.

NOSTALGIA

Silêncios desnudos choram
– em gelado campanário –
a cor diáfana do tempo _

Um voo de anjo,
o sangue em teus lábios,
a neve no relâmpago,
a água azul da infância.

* **Isaura Díaz Figueiredo**

* **ISAURA DÍAZ FIGUEIREDO** é poeta galega, fixada em Salamanca desde 1985. O poema traduzido é do livro “**Baladas de la Duda**”, publicado em 2014.

GARZA VISTA AL FINAL DEL ARCOÍRIS

Sé que estos bosques
lagrimean sus resinas
si me sienten lejos.

Por eso vuelvo si puedo
donde la vida verde
recibe mi cuerpo
como suyo.

Durante un viaje
la lluvia bautizaba
mis oraciones, cuando
- por la orilla del lago -
vi la belleza
solitaria de una garza
en cuya cabeza terminaba
el arcoíris.

En esta tierra sagrada
terminé hundiendo
mis rodillas.

GARÇA VISTA AO FINAL DO ARCO-ÍRIS

Sei que estes bosques
lacrimam resinas
se me sabem distante.

Por isso retorno sempre
aonde a vida verde
recebe meu corpo
como se fora seu.

Durante uma dessas viagens
a chuva batizava
minhas orações, quando
- à margem do lago -
vi a beleza
solitária de uma garça
em cuja cabeça terminava
o arco-íris.

Nesta terra sagrada
terminei caindo
de joelhos.

* **Alfredo Pérez Alencart**

* **ALFREDO PÉREZ ALENCART** nasceu em Puerto Maldonado, Peru, em 1962. Professor da Universidade de Salamanca, desde 1987, hoje é considerado poeta e ensaísta peruano-espanhol. O poema traduzido é do seu livro “**Pájaros bajo la piel del alma**”.

PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO é poeta e escritor, autor de “**Talhe Rupestre**” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

REZADEIRAS ENCOMENDANDO UM CORPO

Dorian Gray Caldas



As mãos
se multiplicam no terço
rezado longo e corrido
nas contas do padre-nosso.
Uma precisa da outra
e rezam no morto o morto
ou a morte,
antecipação sentida
em cada pessoa viva.
As mãos no terço debulham
o trigo da palavra antiga;
rezadas na conta contada
de cada palavra contida;
igual a chama de uma vela

na outra continuada,
ou uma sombra no chão
do corpo continuada
ou a própria alma do morto
no corpo procurada.
As mãos rezam e refazem
a pobre vida do morto
que em vida valia pouco
e agora não vale nada.
As mão rezam no corpo
sua vida desgastada;
sua vida que foi vivida
por poucos bens de valia.
Seis alqueires de terra
chantados neste sertão
como os ossos deste defunto
que hoje entregamos ao chão.
Sete palmos de comprido
quatro palmos de mão,
tão pouco para quem em vida
teve seis alqueires de chão.
O seu corpo encomendado
com toda glória (dizem),
pra no reino dos céus entrar.
As mãos recomendam a alma
que em toda a sua vida
não soube o corpo ocupar.
Alma e corpo deste morto
levados pra se enterrar.

DORIAN GRAY CALDAS é artista plástico, poeta e escritor, autor de “Campo Memória” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

CHARLES CHAPLIN A VIDA, SUAS INTRIGAS

Diógenes da Cunha Lima



Vivendo de sombra e luz,
 Ácido lírico e claridades,
 Alienado e lúcido a um só tempo,
 Grande nas insignificâncias,
 Fazes da fantasia medida
 Do nosso pobre banquete de lágrimas,
 A ilusão da arte da ilusão.
 Grand Seigneur, o teu sapato cozido
 Em fogo brando é deleite,
 Degustável espaguete
 De quentes enfiadores umedecidos,
 Oh! sugador do tutano dos pregos.
 Louvo a tua crônica solidão,

Real poeta submergindo em sonho,
Aventureiro de raízes, marginal,
Oh! Ladrão de chupetas das crianças.
Construístes a tua flor, tua ternura,
De fingida ironia
E bem tratas na surpresa
A mulher, teu plenilúnio.
O bigode cedo acaba, a bengala ética,
Na cabeça o chapéu-coco
A torna amável antiga
Expressão do corpo,
A resposta ao futuro
Reação manhã
Do homem do povo
Contra a vida instituída
E suas múltiplas intrigas.

DIÓGENES DA CUNHA LIMA é advogado, poeta e escritor, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

Antielegia para Darcy Ribeiro

Fagundes de Menezes

Elegeste o amor como o fundamento
 de tua vida múltipla e fecunda.
 Amor a teus patricios desvalidos
 de qualquer idade, raça ou cor.
 Amor à educação e à cultura
 e amor às mulheres,
 - momentos mais ou menos efêmeros mas intensos
 em teu acidentado e luminoso percurso.
 Amor à liberdade
 e ao teu povo mestiço.
 Semeador de conquistas audaciosas,
 inflador de esperanças,
 às vezes Dom Quixote,
 às vezes Sancho Pança,
 demingio de utopias e realidades,
 arquiteto do futuro.
 Fustigador dos males antigos
 que afligiram e afligem
 sucessivas gerações,
 na alternância entre períodos
 de ténue e precária democracia
 e trevas de autoritarismo,
 foste sempre o guerreiro indomável,

o arauto de um amanhã
que decerto virá.

Como era teu desejo,
a estas horas teu corpo
estará em metação e evolução no Cosmos,
transformando-se em pétalas de rosas
umedecidas pelo orvalho das madrugadas,
em partículas de estrelas
navegando no infinito,
em seiva e adubo
fazendo brotarem
flores e frutos.

E teu nome e tua vida
se integrarão para sempre
à história de teu país e de tua gente,
que amaste com a paixão dos trebuchados lícidos
e com o otimismo
dos idealistas puros e obstinados.

Casa de Saúde São José, cidade do Rio
de Janeiro, às 06 horas e 38 minutos
do dia 21 de fevereiro de 1997.



FAGUNDES DE MENEZES (1922 – 2000), jornalista e escritor. Autor de “Cárcere das Águas”, “Aurora Trucidada” e outros livros. Pertenceu à Academia Norte-rio-grandense de Letras e a UBE-RJ.

SEM PÁSSAROS

Jarbas Martins

para Anne Guimarães, fotógrafa
e colecionadora de entardeceres e pássaros

SEM PÁSSAROS

10 pás-saros 100 pássaros

milhares

secretos e impossíveis de cantos e ruídos
pousaram na agonia da tarde fluvial

) nenhuma bússola e 100.000 roteiros (

pensaram suas feridas e a penúria de suas tardes
orçaram com seus bicos perspicazes

a extinção de sua espécie rara

roçaram as asas úmidas nas franjas da inquietude

i pássaros!

) milhares (

afogaram-se em um crepúsculo

de ouro azul e ferruginoso céu

e afogaram-se nas margens do rio Potengi

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor, autor de "Contracanto", "14
versus 14" e outras obras.

DOIS POEMAS

Rizolete Fernandes

BEM-TE-VI

De posse do megafone
o bem-te-vi
se autoanuncia
à hora da sesta
ou cedo do dia
monocórdio insone
Não age por mal
ao se repetir
longe da floresta
dá a senha aqui
redizer-se atesta
o seu resistir
Se outro companheiro
trina se apresenta
e voa em discrição
o ledor marqueteiro
capricha no “jingle”
de autopromoção

NINHO

Construída a pouco e pouco
com capim e penas, a casa
iria alado sonho abrigar
no entanto apenas

recebera a sementeira
que em novos voos desabrocharia
ao vento fevereiro despencou
do macio aéreo sobre a dura pedra

Desfez-se prematuramente um lar:
três futuras vidas esfaceladas
três belezas ao espaço subtraídas
infinitas melodias fora do ar...

RIZOLETE FERNANDES é socióloga, escritora e poeta. Autora de “Cotidianas”, “Vento da Tarde” e outros livros.

NOVOS ACADÊMICOS

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES



SAUDAÇÕES:

Eminente Acadêmico DIÓGENES DA CUNHA LIMA, Presidente desta Respeitável Instituição;

Excelentíssimas Autoridades que compõem a Mesa dos Trabalhos, já nominadas pelo Cerimonial; Competentes músicos da Banda de Música da Polícia Militar do Estado;

Excelentíssimos Acadêmicos e Acadêmicas;

Queridos Familiares dos homenageados TONHECA DANTAS, OSWALDO DE SOUZA e PERY LAMARTINE; Amigos e Confrades de outras Instituições às quais pertencem em especial da OAB-RN, AML, ALEJURN, UBE-RN, IHGRN, INRG, ACLA P.S.N., UFRN, Companheiros do ROTARY-SUL e dos confrades dos encontros literários das livrarias e sebos da cidade;

Meus Familiares, Minhas Senhoras e Meus Senhores:

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No Eclesiastes: 3.1. temos que: **“Tudo neste mundo tem o seu tempo; cada coisa tem a sua ocasião”**. O texto do Livro Santo nos permite fazer acréscimos ao encontro de sua teleologia. Por isso podemos acrescentar que **há tempo para pedir e tempo para agradecer**. Esta é a ocasião de demonstrar gratidão.

Sem querer usar como recurso de oratória, afirmo que a imortalidade acadêmica não estava em minhas cogitações. Contudo o destino traçado para a minha vida admitiu esse privilégio e por isso agradeço a DEUS que concedeu esta dádiva por acréscimo. Igualmente sou grato aos Ilustres Acadêmicos e Acadêmicas que me honraram apoiando o meu ingresso nesta Excelsa Academia de Letras. Particularmente, agradeço, *in memoriam*, a Anna Maria Cascudo Barreto que, mesmo enferma, foi conduzida a esta Instituição de Cultura para sufragar o meu nome. Talvez tenha sido a sua última presença nesta Casa criada por seu pai Câmara Cascudo. Meu reconhecimento, na saudade do nosso permanente companheirismo nas lutas travadas na ALEJURN.

Não ingresso aqui como forasteiro. Pois já mantenho convivência com os seus integrantes, amigos de várias nascentes; tenho quatro colegas da Turma de Direito de 1968, da tradicional Faculdade da Ribeira, com quem compartilhei os dias difíceis daquele período de restrições entre 1964 a 1968: **Valério Mesquita**, o menino de Seu Alfredo e Dona Nair, no tempo de crianças na terra dos Cuités e Macaibeiras; **Cláudio Emerenciano**, que nos bancos acadêmicos já despontava sua eloquência; **Elder Heronildes**, orador da nossa Turma, vindo da Capital do Oeste, berço dos meus ancestrais maternos e a sempre doce **Sônia Maria Fernandes Faustino**, filha dos meus amigos José Fernandes e Lindalva Torquato, sobrinha do colega de Turma Raimundo Torquato (Babu) e esposa do saudoso João Faustino. Igualmente registro o contemporâneo de Faculdade **Manoel Onofre Júnior**, de quem terei a alegria de receber a palavra de recepção oficial. Estejam certos que tudo farei para honrar a escolha.

Sobre mim informo que sou natalense da antiga Rua Nova, hoje Av. Rio Branco, nascido com a ajuda da parteira Dona Adelaide na mesma época em que surgiram os primeiros pruridos do sangrento conflito da 2ª guerra mundial, quando as tropas nazistas invadiram a Polônia, utilizando-se das ofensivas-relâmpago dos aviões *stuka* e tanques blindados que, em menos de um mês, derrotaram as forças polonesas. (Era setembro de 1939).

Meus pais então moravam na casa nº 710, centro dos xarias. A cidadezinha ainda provinciana vivia, momentos difíceis, tão bem retratados pelo confrade João Wilson Mendes de Melo em seu livro *A cidade e o trampolim*, do qual tomo por empréstimo alguns trechos que esclarecem bem aquele momento:

A guerra estava longe, mas o medo muito próximo. Estava mesmo dentro de cada um. Era noite. Precisavam de escuridão [blackout], mas havia luar. As sirenes alarmaram. De todas as casas fecharam-se rápidas as janelas. As poucas luzes que haviam foram apagadas. Expectativa. Todos os santos foram invocados. Os corações bons ou doentes aceleraram os ritmos. ... Expectativa. O ronco dos motores de um avião, muito alto sobre o céu da cidade. Medo maior. Mas, nenhum silvo, nenhum estrondo. Os minutos passaram devagar. Timidamente, algumas janelas abriram-se. Olhares para além das nuvens. Holofotes gigantes iluminaram o avião solitário: era dos nossos. Tratava-se, pois, de um exercício de preparação psicológica. ... Durante muitos dias após, cada habitante de Natal, sobrevivente ao susto, tinha uma história para contar.

Já estávamos nos idos dos anos 40 e fomos para a Rua Felipe Camarão onde assisti o desfile dos caminhões enormes dos exércitos brasileiro e americano, vindos da Ribeira e transitando em direção ao Tirol.

Nesse período onde eu começava a vida, um grande músico potiguar, TONHECA DANTAS agonizava e virava estrela.

Terminada a guerra a paisagem da minha vida foi modificada com a placidez das pequenas cidades do interior, para onde eu segui na companhia dos meus pais - ele um Juiz que morava nas Comarcas. Nelas encontrei a primeira luz do meu caminho emocional, entre a natureza e o silêncio das noites em penumbra que me forçavam a criar estórias do meu devaneio. Só voltei a Natal no raiar dos anos 50 e daqui não saí mais.

Justifico esta travessia para ressaltar que a minha primeira inclinação telúrica foi a **música**. Não sei explicar a razão. Estudei na Escola do Maestro Waldemar de Almeida, próximo ao Cinema Rex e abracei, até 1955, a carreira artística, dividindo os palcos da Rádio Poti e da SAE com outros cantores infantis como Odílio Botelho, Edmilson Avelino, Paulo Eduardo, Eline Julião, José Filho, Agnaldo Rayol e o pernambucano Paulo Molin. Convivi com artistas consagrados: Haroldo/Hianto de Almeida, os meninos do Trio Yrakitan, do Trio Marayá e do Trio Nagô (CE) e outros de maior evidência na época: Luiz Gonzaga, Augusto Calheiros, Sílvio Caldas, Orlando Silva, Déo e Sivuca. Recebi músicas dos compositores potiguares Dosinho, Chico Elion e Roberto Ney e Guaracy Picado, para o meu repertório. Cheguei a gravar alguma coisa.

Certamente esse pendore musical não veio da tradição familiar do Doutor José Gomes, mas deve ter sido da Dona Ligia, descendente dos Albuquerque Maranhão, onde pontificaram estadistas, mas também um mecenas da educação e da cultura – Alberto Maranhão, que incentivava a música e o teatro.

Feliz coincidência - a cadeira 33 desta Academia, que tenho a glória de agora ocupar tem como Patrono um músico – **TONHECA DANTAS**, sendo os seus primeiros ocupantes – o também maestro Oswaldo de Souza e o aeronauta Hypérides Lamartine (Pery), este familiarizado com as tórridas e férteis terras do Seridó, particularmente Caicó, cidade que consagrou a união do amor dos meus inesquecíveis pais e onde nasceu há 88 anos o primogênito

Moacyr Gomes da Costa, o arquiteto do poema de concreto que foi demolido e que Deus me presenteou com sua presença aqui, nesta noite, como também dos demais irmãos (Leda, Elza, Socorro e Zezinho); minha Therezinha com quem convivo há 58 anos, meus filhos, netos e demais parentes, com o registro da saudade permanente de Fernando, que hoje mora na Casa de Deus.

ELOGIO AO PATRONO

Seguindo a métrica acadêmica, devo enaltecer em primeiro lugar o Patrono da Cadeira 33, **TONHECA DANTAS**, na realidade, **Antônio Pedro Dantas**, nascido no dia 13 de junho de 1871 no sítio Carnaúba de Baixo (Carnaúba dos Dantas-RN), cidade demarcada pelos Portugueses em 11 de abril de 1613, 5º filho do segundo matrimônio do viúvo Tenente-Coronel da Guarda Nacional João José Dantas, com a escrava alforriada Vicência Maria do Espírito Santo, de um total de oito: Pedro Carlos de Maria, José Venâncio de Maria, João Pedro Dantas, Manoel Nicolau Dantas, Antônio Pedro Dantas, Francisca Urçulina da Conceição, Maria Clara do Monte-Falco e Luís Felipe Dantas. Portanto, amanhã, ocorrerá o 144º aniversário do seu nascimento, razão da escolha desta data para homenageá-lo. (Pery, em seu discurso de posse em 27 de abril de 2000, informa que o nascimento teria ocorrido exatamente em 12 de junho de 1870). Garanto que vou garimpar a documentação precisa.

A cidade foi fincada no coração do Seridó, no semi-árido subtropical, região de caatinga onde habitaram os indígenas das tribos Janduí, Canindé e Pegas. Apesar da paisagem sofrida da geografia sertaneja, cercania do riacho de Carnaúbas, as crianças sobreviviam livres, com pouca coisa a fazer, sobrando tempo para despertar a atenção para a música. Tonheca foi atraído pelos seus irmãos mais velhos, participando da banda da sua cidade, sob o comando de José Venâncio de Maria, costume que vem sendo conservado ao longo do tempo.

Prosperou em seus estudos, destacando-se entre os executantes das partituras, e iniciando na criação das suas próprias obras, inspiradas nas emoções da natureza e no relacionamento humano que nunca faltaram nos rincões da vida campesina. Mesmo sem formação superior no estudo da música, pela sua perseverança, torna-se um autodidata da pauta, despertando a atenção dos conterrâneos e adquirindo uma fama no nordeste, transcendendo para o resto do país.

Falar de sua vida é tarefa difícil depois que o escritor Cláudio Galvão escreveu “A desfolhar Saudades”, pois esgotou a sua biografia. Resta-me, então, resenhar alguns fatos marcantes de uma vida de sacrifício e sucessos.

Deixou o seu torrão natal e a paisagem das plantas arbustivas, dos cardeiros e das copas verdes dos juazeiros divididas com as silhuetas íngremes de pedregosas serras e serrotes nos idos de 1898 e veio para a Capital em busca de emprego.

Com o beneplácito político do Governador procura engajamento na Banda de Música do Batalhão de Segurança. Ao mesmo tempo outro igualmente protegido político, João Mamede, oriundo de Acari, cidade já tradicional no campo da música, procurava a mesma oportunidade, forçando a realização de um concurso. Aqui registro o **primeiro fato singular: o concorrente é chamado a executar uma peça e escolhe o trombone. Na vez de Tonheca lhe é entregue partitura diferente e indagado em qual instrumento será executada a peça, tendo o mesmo respondido que era indiferente, causando espanto. Após os ajustes das palhetas inicia a sua prova através dos instrumentos ao seu dispor: sax-tenor, trompete, flauta e outros. Quando pegou o bombardino, a Comissão mandou parar. Em 30 de maio de 1898 foi contratado.**

O contrato seria de três anos, mas antes de completar um ano deixou o posto e no raiar do novo século resolveu ir para o Rio de Janeiro. Viajou até o porto de Cabedelo-Paraíba, para procurar transporte para o sul. Contudo, ao ver dois navios com destinos

diferentes – sul e norte - mudou de rumo e foi para o norte, precisamente Belém, Estado do Pará.

Ainda sem definição de vida, certo dia ao passar por uma rua de Belém assistiu momentos de uma festa, onde tocava a Banda de Música da Polícia Militar, o que o atraiu. Ali, num intervalo em que os músicos foram fazer um lanche, acercou-se dos instrumentos e não resistiu em arriscar alguns acordes. Logo retornam os músicos e ele se afasta, sem saber que o Mestre da Banda havia observado a sua atitude e que o chamou à sua presença. Encabulado, confessa que usou o clarinete. Na mesma ocasião um jovem da casa da festa, que também presenciou o fato, convida-o para comparecer ao seu escritório no dia seguinte para uma conversa de trabalho e lhe adianta uma nota de 100 mil réis. O encontro era com o Doutor Sílvio Chermont que lhe encomendou uma valsa para presentear sua noiva no dia do aniversário.

Após algum tempo concluiu a peça e a entregou para exame do Mestre da Banda de Música da Polícia Militar que a aprovou. No dia da festa (1903), o dono da casa pede que Tonheca seja o regente, na condição de autor da música e ele o faz com raro brilho. **[Tonheca manteve com ele uma cópia, mesmo sem divulgá-la. Essa música foi o embrião de Royal Cinema, que surgiria para o público de Natal, dez anos depois].**

Por sugestão de um conterrâneo que encontrou em Belém foi tentar ingresso na Banda de Música do Corpo de Bombeiros de Belém. Aqui o **segundo episódio singular: *Submeteu-se a novo concurso e no dia da prova todos pararam para ouvir a sua execução. O Mestre entregou-lhe uma página de música – um dobrado espanhol, tocado em solo de clarinete e na regência, o Mestre procurou dar comandos complexos para ver a habilidade do potiguar e Tonheca não teve problemas. O Mestre interrompeu a prova e o examinado pensou no pior. Engano, o Mestre declarou – você está aprovado e todos o cumprimentaram, pois sabiam***

das dificuldades que foram colocadas e a sua superação. Ficou agregado de 15 de junho de 1903 até 18 de março de 1909, quando foi excluído pelo término do tempo e retorna ao nordeste. Já então começava a ter dificuldades domésticas.

Em 25/8/1910 pleiteou reingresso na Banda do Batalhão de Segurança de Natal e conseguiu contrato por três anos como músico de 1ª classe, mas foi excluído em 22/10, passando apenas 90 dias.

Diante disso procura serviço no Estado da Paraíba (Alagoa Grande) para as tarefas de ensino de música e tocar em festas, passando a viver de forma instável, com idas e vindas a Natal, com passagem por João Pessoa e Alagoa Nova.

Retornou a Natal em 1911 constatando que a cidade havia progredido mercê da grande administração do Governador Alberto Maranhão já dotada de bonde elétrico e energia, abertura de novas ruas, além de haver incentivado o teatro e a música. Nesse ínterim viveu novos momentos familiares difíceis, sempre contornados com sacrifício.

Foi nessa época que entramos na era do cinema, inaugurando-se o Internacional para o qual passou a tocar permanentemente (1911), em seguida o Polytheama de João Gurgel e José Petronilo de Paiva (tempo do cinema mudo).

Em 1912 fez breve retorno a Belém para resolver problemas particulares, logo regressando a Natal onde ocupou o lugar de professor de música da Escola Normal em 1913. Neste mesmo ano novos cinemas são inaugurados, o Pathé e em seguida o Royal Cinema, oportunidade em que o proprietário José Petronilo encomendou uma música para servir de prefixo daquela Casa de exibição de filmes. Tonheca tirou da gaveta onde guardava suas composições exatamente aquela feita em Belém em 1903, fez alguns aperfeiçoamentos e pediu a uma aluna Maria Aparecida de Carvalho (depois Ferreira) para experimentar a versão para piano. Posteriormente a entrega ao proprietário do cinema e a encaminha à publicação, em junho de 1914, pela Casa Bevilacqua do Rio de

Janeiro, juntamente com outra composição denominada Boas Festas. Conta-se, então o centenário da valsa Royal Cinema a partir da sua execução pública em 1913.

A esse tempo a música cresceu na apreciação da população e foi tocada em retretas nos coretos das Praças Augusto Severo e André de Albuquerque.

No ano de 1915 foi convidado para dirigir a Filarmônica de Santana do Matos, do Cel. Carvalho. Conseguiu emprego mais seguro quando foi criada a Guarda da Mesa de Rendas, de onde se tornou funcionário a partir de 1917, dividindo seu tempo com a Filarmônica, época em que muito produziu no campo da composição de peças musicais, principalmente com a motivação das comemorações do centenário da independência (1922). Em 1926 foi transferido para Açu, dividindo tarefas com encargos nas cidades do Estado da Paraíba: Alagoa Grande e da Banda do Batalhão de Segurança da Polícia Militar de João Pessoa, pelo período de 1927 a 1931.

Numa viagem pelo Estado de Pernambuco acontece o **terceiro caso singular: *Tonheca passava por determinado local e ali uma banda tocava a sua peça Royal Cinema, mas de forma deturpada. Intervém e toma a regência da banda dando a indicação exata da execução sob a perplexidade dos músicos que o interpelam. Ele então esclarece – sou o autor da música e estou ensinando como realmente ela deve ser tocada.***

Retorna a Natal e logo procura os seus velhos amigos de caserna. Mesmo sem ter mais a idade para a vida militar e possíveis dificuldades no exame médico, foi aconselhado pelos amigos para fazer um agrado ao Comandante Sandoval Cavalcanti, presenteando-o com uma música em homenagem à sua esposa, D. Lydia Cavalcanti. **Aqui o registro do quarto episódio marcante:** Cumpre a tarefa e seus amigos da Banda de Música ensaiam as partituras. O Comandante ao ingressar em seu gabinete encontrou o presente e pediu a opinião do Mestre da Banda que *fez uma apresentação, na*

presença do compositor. O resultado foi plenamente satisfatório e muito elogiado. O Comandante então lhe pergunta onde estava trabalhando e a resposta foi que se encontrava desempregado. Pois deixou de estar! Retornou aos quadros da Polícia Militar, embora sendo liberado de coisas de maior esforço, nela permanecendo até o final de sua existência. Adoece em 1939 e ficou sob os cuidados do Dr. Feijó de Melo e aos 69 anos falece, no final da tarde do dia 7 de fevereiro de 1940 (uma quarta-feira de cinzas), sendo o seu velório e sepultamento custeados pela Polícia Militar, com o registro em boletim do seu desligamento no dia 8, em razão do óbito, passando para a história como o **Maestro dos Sertões**.

Nunca deixou de ser reverenciado, tendo o seu nome colocado em rua desta Capital, numa sala especial no Teatro Alberto Maranhão e em sala destinada à Banda de Música da nossa Polícia Militar, além de tornar-se Patrono da Cadeira 33 da Academia Maior do Estado a partir da reforma estatutária de abril de 1967, sendo escolhido para ocupá-la o também maestro Oswaldo de Souza, que tomou posse no dia 22/8/1968, com a presença da Banda de Música da Polícia Militar, fato que hoje se repete. Seu acervo foi resguardado pelos seus familiares.

Sua obra autoral é vasta, calculada pelos seus biógrafos como superior a 1000 peças musicais até hoje executadas pelas Bandas, Sinfônicas e Filarmônicas do Brasil e de além mar, com destaque especial para a Valsa Royal Cinema, que ressoou pelas ondas da Rádio BBC de Londres durante a Segunda Guerra Mundial, até certo tempo executada como sendo de “autor desconhecido”.

Ressalte-se o ecletismo dos gêneros de suas composições, contabilizando-se valsas, dobrados, hinos, polcas, maxixes, mazurcas, sambas, choros, xotes e marchas, mas igualmente transitou por outros gêneros musicais orquestrados. Muitas das suas composições levam nomes de pessoas, aves, sentimentos, lugares e de festas tradicionais.

Destacam-se, pela excelência das composições, além de Royal Cinema, outras obras: O Cisne, Valsa Delírio, Melodia do

Bosque, Valsa A Desfolhar Saudades, a marcha solene Republicana, o dobrado Tenente José Paulino, as valsas Ana Dantas e Boas Festas, que ganharam notoriedade.

A par disso, o Rio Grande do Norte vem lhe prestando homenagens e, mais recentemente, criando em sua memória um Projeto nos 100 anos da Valsa Royal Cinema (2013), através da gravação de dois CD's pela Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, músicas e documentos, fotografias e partituras e um e-book "A Desfolhar Saudades" – uma biografia, tudo partido da iniciativa louvável do escritor Cláudio Galvão, aqui já invocado, a quem rendo as minhas homenagens e apoio de Instituições públicas e privadas como a UFRN, SESI-RN e Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, Grupo Vila e outros.

Sobre esse sertanejo genial, além de Cláudio Galvão, outros escritores se debruçaram na bela e sofrida história, como é o caso da escritora Leide Câmara, membro desta Casa, que em seu Dicionário da Música do Rio Grande do Norte pontifica a trajetória do brilhante músico e dá conta da sua habilidade nos domínios de vários instrumentos de sopro e de corda, bem assim nomina as suas mais consagradas composições, indicando datas, além da discografia até o início deste milênio. Também figura como verbete no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, ressaltando Antônio Pedro Dantas na condição de compositor, flautista, trompetista, saxofonista, violonista, clarinetista. Aprendeu elementos básicos de teoria musical com o irmão José Venâncio e com seu primo Felinto Lúcio Dantas. Melhor que palavras as suas melodias inebriam, como as músicas executadas nesta solenidade.

Não posso omitir alguns registros de opiniões externadas sobre o seu valor com os pronunciamentos coletados e em seguida transcritos:

“A obra de Tonheca corria (e ainda corre) o risco de ficar no ostracismo, pois embora tenha sido um autor de renome nacional e uma referência para a música do Rio Grande do Norte, todo esse material

encontra-se disponível apenas no acervo de poucos grupos e admiradores, com uma quantidade pequena de registros se comparada à grandeza de seu legado”. (Cláudio Machado - Produtor Cultural da Cooperativa da Música Potiguar).

“Tonheca Dantas foi um sertanejo genial que, com os poucos recursos que dispunha para aprender música, alcançou um elevado nível de conhecimento técnico que, aliado a sua sensibilidade e criatividade, o levaram a mais elevada posição entre os músicos do Rio Grande do Norte, com uma popularidade que se estendeu pelo Nordeste e pelo restante do país. Não seria arriscado afirmar que ainda hoje este posto pertence a ele”. Ainda: “sua melodia expressiva e cativante caiu logo no gosto do povo, invadindo bem cedo os saraus familiares através da sua partitura para piano” e foi assim que a valsa Royal Cinema tornou-se popular nos mais diversos ambientes, sendo tocada desde os pianos das famílias aos salões de bailes populares ou aristocráticos”. (Cláudio Galvão, escritor).

“Conhecia apenas a Royal Cinema da obra dele. Nesse projeto a obra de Tonheca está sendo arranjada para orquestra e isso dará uma nova roupagem, diferente do que as pessoas estão acostumadas a ouvir na música dele. A ideia de trabalhar a música de Tonheca Dantas é parte do trabalho que quero fazer de resgate da nossa imagem, nossa identidade. É importante que as gerações futuras conheçam a nossa história, a nossa tradição. Saibam quem foi Tonheca Dantas e qual foi a contribuição dele no âmbito musical do RN”. (Dr. Linus Lerner - Maestro da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte).

“Um homem à frente do seu tempo, um autodidata, homem simples do interior do nosso Rio Grande do Norte, que foi capaz de elaborar músicas com muita qualidade”. (Eduardo Vila, que é diretor do Grupo Vila/Morada da Paz, empresa que investiu no projeto via Lei de Incentivo à Cultura Djalma Maranhão, do Município de Natal).

O ex-prefeito de Natal, Djalma Maranhão, cujo centenário de nascimento acontece neste ano, costumava chamar Tonheca Dantas de “Strauss Papa-Jerimum.”

O PRIMEIRO OCUPANTE DA CADEIRA 33

OSWALDO DE SOUZA (Oswaldo Câmara de Souza), o consagrado Professor e Maestro, nascido em Natal (RN), no dia 1º de abril de 1904 e falecido em 20 de fevereiro de 1995.

Terceiro filho do casal Cícero Franklin de Melo e Souza e Dionísia Câmara de Souza, que era pianista e sua primeira incentivadora. Descendente de berço de família importante, sendo sobrinho de Antônio José de Melo e Souza, ex-governador do Estado do Rio Grande do Norte, de 1907/08 e de 1920/24.

Estudioso, desde cedo adquiriu vasto conhecimento geral e de humanidades, porém aperfeiçoa-se nas pesquisas sobre folclore e música, tornando-se compositor, harmonizador e professor de piano durante muitos anos.

Os seus biógrafos registram que a sua cultura musical começou com o maestro Luigi Maria Smido, da Orquestra do Teatro Carlos Gomes e das pianistas Ana Maria Cicco e Cristina Roselli. Já então iniciara algumas composições, elogiadas pelos seus professores.

Por influência familiar partiu em 1924 para a cidade de Recife estudar Direito, curso que abandonou no primeiro ano, indo para o Rio de Janeiro em maio de 1925 para tentar conciliar a sua complementação, o que faz compartilhando com os estudos no Instituto Nacional de Música, com o professor Arnaud Gouveia, onde se diplomou em Teoria e Solfejo, em 1926 e, em Piano, em 1933. O Curso de Direito foi esquecido em 1928.

A convite de Cândido Mota Filho, diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, foi para São Paulo, em 1943, faz um documentário musical para o DEIP, produzindo o Programa Retrato Musical do Brasil, apresentado na TV Record, de São Paulo, no ano de 1956, percorrendo os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Alagoas e região do médio São Francisco, onde documentou a música e o folclore da região no livro “Música folclórica do médio São Francisco” (Ministério da Educação e Cultura/Rio de Janeiro, 1979).

Nunca deixou de compor peças musicais, divulgadas com a colaboração de um cantor carioca chamado Jorge Fernandes que teve a iniciativa de gravar as suas composições Pingo d'água e Querer bem não é pecado, em 78 rpm, pelo selo Odeon, acompanhado por Benedito Lacerda e seu conjunto, fazendo turnês por cidades brasileiras divulgando seu repertório.

Fez harmonizações para várias modinhas e canções do século 19 reconhecidas como de grande importância para a cultura brasileira, sendo procurado por muitos artistas de renome, que gravaram as suas composições, com destaque para Inezita Barroso, Amarilis de Rebuá, Delora Bueno com acompanhamento de orquestra, Vanja Orico, Alma Cunha de Miranda, Alice Ribeiro, Clara Petraglia, Ely Camargo, Roberto Galeno, Vera Maia, Sarita Glória (EUA), Gilberto Alves/Sivuca/Leny Eversong/Catulo de Paula/Nuno Roland/coro e pelos potiguares Oriano de Almeida, Sando e Madrigal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Uma de suas músicas, "Aruanda" foi interpretada por Vanja Orico, no Conservatório Tchaikowsky, na União Soviética, melodia que mais despertou a atenção da crítica em Moscou e uma vez gravada, também foi consagrada em Londres, Nova York, Paris e Berlim.

Retornando a Natal em 1961, atendendo convite do Governo do Estado, prestou relevantes serviços no tombamento e restauração de vários monumentos do patrimônio histórico e artístico nacional.

Com a ampliação de cadeiras na ANRL foi criada a de nº 33, tendo como Patrono Tonheca Dantas, sendo indicado para o seu primeiro ocupante. Tomou posse, em 22 de agosto de 1968, com a presença prestigiosa da Banda de Música da Polícia Militar, como sempre.

Afirma a escritora Leide Câmara, em seu Dicionário da Música do Rio Grande do Norte:

“Oswaldo de Souza teve suas músicas interpretadas no Brasil e no mundo, mas nunca teve a oportunidade de apresentar um recital em sua terra, Natal, onde viveu os últimos anos de sua vida.”

Em uma de suas publicações, o jornalista e escritor **Franklin Jorge** pontifica: *“Oswaldo era um acontecimento ... Compositor requintado, fazia parte de uma geração de músicos abençoada por predecessores ilustres, como Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, Alberto Nepomuceno, Francisco Mignone, Oswaldo Lacerda, Villa-Lobos...”*

Suas composições foram consagradas como verdadeiras preciosidades, destacando-se “Pingo d’água”, que teve notável interpretação de Atenilde Cunha. Apesar do sucesso da preciosa pesquisa das canções dos barqueiros do rio São Francisco, publicadas em dois volumes pelo Ministério da Educação e Cultura, o trabalho que o consagrou foi relativo à Modinha norte-rio-grandense, a qual ele próprio proclamava com entusiasmo.

A sua velhice foi na contemplação do mar no seu terraço, dando-lhe motivação para escrever e divulgar aos seus amigos mais íntimos, nas reuniões que, permanentemente realizava regadas com iguarias e degustação de bebidas selecionadas. Em 1984, chegou a publicar um trabalho “A modinha” pela Nossa Editora, pequeno fragmento de uma obra que se agigantava com o passar do tempo e considerada a matéria indispensável dos saraus.

Com a morte de seu amigo Cascudo, ausentou-se das ruas de Natal, fazendo esporádicas viagens à Recife. Outros companheiros foram aos poucos aderindo à sua autoexclusão e reduziram ou deixaram de visitar o velho músico, pioneiro modernista, que impulsionou a nossa cultura musical.

Alimentou nas tocatas do seu tempo de moço, a alma nostálgica e melancólica de uma Natal provinciana de menestréis que saíam às ruas em noites enluaradas.

Além dos trabalhos biográficos de Leide Câmara e Franklin Jorge, já referenciados, inclui Cláudio Galvão, sempre fiel aos valores da terra mãe e ao Mestre John Kennedy Pereira de Castro, que com raro desvelo traçou o perfil musical de Oswaldo de Souza

em trabalho acadêmico disponível em PDF na internet, bem assim a iniciativa de Carlos Lyra que comandou um dos programas Memória Viva (EDUFRN, 1998- TV Universitária em 12.5.1982, com a participação dos Professores Alvarado Furtado e Vicente Serejo), que foi publicada. Isso representa garantir a imortalidade!

O SEGUNDO OCUPANTE DA CADEIRA 33

Está bem próximo de nós o encantamento de **HYPÉRIDES LAMARTINE (PERY)** em 17 de maio de 2014 e por isso a sua lembrança dói um pouco mais.

De fibra seridoense, nasceu em Caicó no dia 2 de maio de 1926, descendente de uma das mais tradicionais famílias da região, filho de Clovis Lamartine de Faria e Maria de Lourdes Nóbrega. Era neto do ex-Governador Juvenal Lamartine, convivendo na plácida geografia circundante da Fazenda Cacimbas, em Serra Negra.

Após os seus estudos regulares iniciados em Serra Negra, passou a pesquisar histórias e costumes, compartilhando os temas voltados para suas origens sertanejas com a aviação, e por isso é considerado um decano da história dessa proeza humana no Rio Grande do Norte. Na condição de sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, produziu trabalhos de pesquisas utilizando o rico acervo da Casa da Memória.

Um apaixonado pela aviação, segundo revelou a Anna Maria Cascudo Barreto que, em seu discurso de saudade proferido na Academia no dia 22 de junho de 2014, com o sugestivo título **O VÔO INFINITO**, dizia que “voando se sentia perto de Deus”. Ieda voou pela primeira vez ao lado de Pery, e nunca sentiu receio, verificando o alto nível de pilotagem do seu amor. Foi monitor em Joinville, Santa Catarina em 1947. Trabalhou na Varig, residiram dois meses em São Luis-Maranhão, e foi o primeiro agente de turismo do Estado por mais de quarenta anos, pioneiramente na Aerotur e depois fundou Dunas e Mares Turismo. Até os oitenta e três anos de

idade ainda vivia o dia a dia dessa atividade na sua agência. Fez um nome na área, sinônimo de probidade e conhecimento.

Em sua saudação ao referido acadêmico na posse do dia 27 de abril de 2000, o imortal Veríssimo de Melo complementa: *“É desse mundo de ricas tradições seridoenses que procede Hypérides Lamartine. De lá veio com os pais para o Agreste e do Agreste para Natal onde tomou um “Ita no porto”, foi para o Rio e de lá para Lavras, em Minas Gerais, onde se matriculou no Instituto Gammom Lavras. Por lá ficou 2 anos, de 1940 a 42. De volta a Natal, em 1945, concluiu os seus estudos no velho Atheneu, ano que também se brevetava no Aero Clube. Sua paixão pela aviação, desde o primeiro solo, nunca sofreu limite de espaço. Ele conta toda essa pitoresca vivência e essa turbulenta experiência nos seus livros. Como piloto e instrutor de voos, usa gibão de vaqueiro.”* [Há registros que apontam o seu brevê na Turma de 1942 no Aero Clube de Natal].

Definia-se como “seridoense, fazendeiro, vaqueiro, aviador e guardador de sonhos” em crônica de Armando Negreiros.

O pranteado escritor deixou várias crônicas e cerca de 17 livros publicados. O primeiro deles foi escrito em 1964, em parceria com o tio Oswaldo Lamartine de Faria: “Algumas abelhas dos Sertões do Seridó” ou “Notas de Carregação” - que, segundo Woden Madruga, “apontou a rota dos seus próximos voos no rumo das letras”. Viriam outros, entre os quais “Assentos da Família Lamartine”, “Timbaúba, uma Fazenda do Século XIX”, “Velhas Oiticicas”, “Personagens Serra-negrenses”, “Coronéis do Seridó” e “A Rodagem”, em que narra o pioneirismo do transporte rodoviário entre Seridó e Natal, no tempo dos mistos e das “sopas”, pequenos caminhões desbravadores. Sobre aviação escreveu: “O Aeroplano”, “Epopéia nos Ares”, “Escape” este com o prefácio do piloto Graco Magalhães, “Saint Exupéry na América Latina”. Em 2013 publicou “História de Uma Photographia”, lançado no Aero Clube do RN, possivelmente

o seu último trabalho. Esse conjunto de obras justificou sua eleição para a Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Registra-se que em 1949, foram feitas imagens fotográficas pelo colega Augusto Severo Neto mostrando o piloto Pery Lamartine nos comandos da aeronave PT-19 sobrevoando o “aeródromo perdido”, que se configura como um dos maiores mistérios da aviação norte-riograndense, com a localização do primeiro campo da zona Norte de Natal, esquecido desde a década de 40.

Teve incursões na poesia e no cordel (pseudônimo de Vicente do Riachão), discorrendo sobre Fabião das Queimadas. Também foi compositor com trabalho sobre a importância da xanana, flor que nasce espontaneamente nas calçadas, nas rodovias, e que depois por Diógenes da Cunha Lima foi considerada flor/símbolo da nossa cidade, e ainda transformada em lei. Roberto Lima fez o Hino em homenagem à Nossa Senhora do Ó e Pery foi o autor dos belíssimos versos hoje cantados em todas cerimônias religiosas da Paróquia. Também fez a letra de diversas melodias potiguares.

Cultuava ardorosamente a história da vida e obra de Luís da Câmara Cascudo, apontando o seu favorito - “Vaqueiros e Cantadores”, que considerava como obra prima.

Um toque final revelado na sensibilidade de Anna quando registra: *“Pery faleceu em 17 de maio de 2014, dormindo ao lado de sua amada Ieda, após 62 anos de um feliz matrimônio. Tinha 88 anos de idade. Deixa quatro filhos: Elzinha, Ricardo, Elisabeth, Gustavo - e oito netos.”*

Último detalhe: a sua morte aconteceu precisamente na ocasião em que estavam no Brasil pilotos franceses comemorando o Raid Latécoère, e nas solenidades realizadas o nome de Pery não foi esquecido, ainda sem se ter a notícia de sua morte, aliando-se com a própria história do Aero clube de Natal, fundado em 1928 por Juvenal Lamartine, seu avô. Perdida a sociedade potiguar o seu escritor, jornalista, empresário e piloto Pery Lamartine, que fez

história na aviação potiguar e foi um dos responsáveis por elevar o nome do Aeroclube de Natal.

TESTEMUNHOS:

Armando Negreiros o considera seu padrinho acadêmico, homem longilíneo, bem humorado, sempre atento e dotado de um largo sorriso. **Manoel Onofre Júnior** disse do escritor; “Descrivendo costumes, paisagens, fatos e tipos humanos de sua terra - o Seridó velho de guerra – Pery Lamartine enriquece a memorialística potiguar, e ao mesmo tempo apresenta uma despretenhosa contribuição para o estudo da etnografia sertaneja.”

O **Padre e teólogo erudito João Medeiros**, contou que o conhecia desde 1946, sendo amigo/irmão do seu tio Oswaldo Lamartine. Aproximou-se mais intensamente com a trágica morte de Isadora, filha de Oswaldo em 1981. João providenciou as cerimônias fúnebres e procurou exercer a misericórdia sob a inspiração divina perante a família atormentada pela dor. Ele considera Pery Lamartine dotado da solidariedade discreta, silenciosa e eficaz, à semelhança de Nossa Senhora nas Bodas de Caná.

Paulo Bezerra, memorialista, acadêmico, o nosso estimado Paulo Balá, nutria muitas paixões em comum com Pery: “*De Pery Lamartine, mesmo sangue, nossos pais primos legítimos, resta-me a lembrança de um homem alto, longilíneo, espigado, moreno, cabelos lisos, bigode cheio e aparado, depois branco na velhice. Tranquilo, pausado no linguajar, a fala mansa, fino no trato e discreto, educado, sorridente. ... Outra vez Marcos Lopes me pediu para levá-lo ao Museu do Vaqueiro, lá na Lagoa do Bonfim juntamente com Woden Madruga. Fomos os três, e Cassiano Bezerra. Uma tarde memorável. Talvez o nosso derradeiro encontro. Infelizmente o Seridó ficou desfalcado dele.*”

Seu filho Ricardo escreveu sobre o seu amado genitor, transcrito pelo jornalista Woden Madruga: “*Meu pai era um homem simples. Gostava de uma vida simples, se vestia de modo simples, e*

tinha um estilo simples de escrever. Era daltônico e só veio descobrir essa deficiência no curso de pilotagem. Tinha dificuldade de distinguir certas cores, confundia principalmente o verde, o vermelho e o amarelo. Na sua visão, essas três cores eram uma só, apenas com tonalidades diferentes. Modernidade não era o seu forte. Nunca usou relógio nem carteira de dinheiro...Dizia que olhando para o céu tinha uma boa noção da hora. E assim levava o dia dele. Meu pai apreciava a vida calma do campo, e foi naquela fazenda, que criança cresceu e conviveu com pessoas simples. Eram eles os moradores e ajudantes da fazenda, figuras humildes, mas, que muitos anos depois, iriam fazer parte da grande inspiração dos contos e livros do meu pai.”

Termino esta minha saudação aos TRÊS IMORTAIS com a expressão de **Antoine de Saint Exupéry**: ***“Aqueles que passam por nós/ não vão sós/Deixam um pouco de si/ e levam um muito de nós.”***

MUITO OBRIGADO.

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES,

Manoel Onofre Jr.

Exmo. Sr. Presidente

Exma. Sra. Professora Ângela Paiva, magnífica reitora da UFRN, na pessoa de quem saúdo os demais componentes da mesa.

Excelentíssimos acadêmicos e acadêmicas

Foi com muita honra e satisfação que recebi a incumbência de saudar o novo acadêmico, Carlos de Miranda Gomes, que ora toma posse na cadeira nº33 desta augusta casa. Jurista de renome nacional, professor e advogado, Carlos Gomes distingue-se, também, como escritor, e nesta condição merece, de modo especial, a acolhida entusiástica dos seus confrades aqui reunidos. Além de tudo, sobressai-se em seu perfil o cidadão probo e solidário, o pai de família exemplar, o cara de convívio ameno, em suma, o amigo.

Longa e produtiva, a sua atuação nos três caminhos vocacionais, que, ainda jovem, escolheu.

No exercício da advocacia, destacou-se desde cedo, inclusive como líder da classe, tendo sido Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional do Rio Grande do Norte, realizando profícua gestão à frente dessa entidade. Sem dúvidas, ao abraçar a carreira jurídica, Carlos Gomes seguiu os passos do seu pai, o saudoso Desembargador José Gomes da Costa, jurista, professor-fundador da Faculdade de Direito de Natal, cidadão que eu tive o privilégio de conhecer, e a quem sempre considerei um verdadeiro varão de Plutarco. Como disse o escritor Pedro Simões, em seu livro “ A

Intriga do Bem” (2010), Carlos Gomes “acompanha os passos do pai, evitando justapor às dele, as marcas do seu caminhar, porque embora seguindo as pisadas, marcadas indelevelmente no solo memorial da mesma cidade, onde viveram, com o mesmo norte magnético balizado por Themis, a deusa da Justiça, o filho forjou o próprio molde, usando a mesma têmpera do pai”.

Vale ressaltar que, ainda na área jurídica, Carlos Gomes exerceu o cargo de Auditor do Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte, onde teve oportunidade , por várias vezes, de ser convocado como Conselheiro Substituto, depois passando a integrar a Procuradoria do mesmo Tribunal, que se transformou no Ministério Público Especial, do qual aposentou-se. Posteriormente desempenhou, com igual êxito, as fun es de Controlador Geral do Estado.

Como professor, não foi menos brilhante o seu itinerário. Docente do Curso de Direito da UFRN, da UNIPEC, hoje UNP, FAL, ESMARN, e FESMP, e colaborador na FACEX E ESA. Foi o primeiro coordenador do Curso de Direito da UNIPEC, e , também, primeiro diretor-geral da Escola de Contas “ Prof. Severino Lopes de Oliveira”, do Tribunal de Contas do Estado. Outras importantes atividades desenvolveu, por vezes, pioneiramente, no exercício do magistério, porém, dispenso-me de enumerá-las para não me tornar cansativo.

Do seu inquestionável saber jurídico resultaram vários trabalhos publicados em livro, dos quais destaco: “ Curso de Direito Tributário” (em parceria com o Prof. Adilson Gurgel); “Licita o-Teoria, Prática e Legisla o” e “Manual de Direito Financeiro e Finanças”.

Feito este breve esboço do jurista, desejaria reportar-me   sua atua o como homem de letras, notadamente na área da biografia, da historiografia e da literatura. Essa atua o tem se intensificado nos últimos anos , quando, aposentado, Carlos Gomes dispõe de mais tempo. Ressalte-se que a mesma não se faz apenas pelo estrito ofício de escritor, mas também pela sua presença na vida literária, na condi o de animador cultural. Merit rio sob todos os aspectos,

o trabalho de reerguimento do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, que leva à frente, juntamente com os companheiros de diretoria daquela tradicional entidade. Não menos digno de nota, o que tem feito, como membro da Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte, da Academia Macaibense de Letras, e da União Brasileiras de Escritores- RN.

Seus escritos avulsos, publicados em jornais, revistas e no “Blog do Miranda Gomes”, sempre despertam vivo interesse.

Vejamos, agora, os livros de sua autoria.

Mas, antes, entre parêntesis, citemos o art. 2º, § 3º, alíneas a e b, do Estatuto desta Academia, o qual dispõe, *in verbis* :

“ Art.2º - A Academia Norte-rio-grandense de Letras é constituída de quarenta (40) Cadeiras, patrocinadas por nomes notáveis na cultura do Estado, preenchidas nos termos deste Estatuto e do Regimento.

(.....)

§ 3º - São condições para membro efetivo :

- a) Ser norte-rio-grandense ou residir por mais de dez anos no Estado;
- b) Ter publicado livro de reconhecido mérito em qualquer ramo da literatura, da ciência ou da arte. “

Está visto que o novel acadêmico preenche todos os requisitos de admissibilidade, pois, em sendo natalense da gema, nascido em setembro de 1939, tem não apenas um livro publicado, mas nada menos de sete, somente no campo da literatura e das ciências humanas, todos de alta qualidade, sem contar os trabalhos jurídicos, igualmente relevantes. E é sem dúvidas, um escritor representativo, figurando o seu nome, sem favor, entre os notáveis do nosso Estado.

Estreou nas letras, propriamente ditas, com um estudo biográfico sob o título de “ Testemunhos”(2002), em homenagem

ao centenário de nascimento do seu pai, Des. José Gomes da Costa. Estudo abrangente e criterioso- oferta nascida do sentimento filial -, traz revelações sobre a vida e os trabalhos desse grande potiguar. Em seguida, veio outro livro importante, desta feita na área da historiografia – “ Traços e Perfis da OAB-RN” (2008), completo levantamento da história da tradicional corporação, desde a fundação até os dias de hoje. Por esta obra, a OAB-RN tem para com o seu autor uma grande dívida de gratidão.

“O Velho Imigrante (Il Vecchio Immigrante)” (2012), outra incursão bem sucedida no terreno da biografia, trata da história de vida do seu sogro, Rocco Rosso, italiano de nascença, mas de coração brasileiro, que aqui viveu e constituiu família, com expressiva participação na vida sócio-cultural da cidade. Também de cunho biográfico, um ensaio sobre Alberto Maranhão, o político e literato, grande Mecenaz, patrono da cadeira nº 2 da Academia Macaibense de Letras, a que pertence o autor.

Por último, entre outros trabalhos, “ O Menino do Poema de Concreto”. Este livro relata sucintamente a trajetória existencial do renomado arquiteto Moacyr Gomes da Costa, ao mesmo tempo em que faz revelações sobre figuras e fatos do seu tempo. Do meio para o fim torna-se uma espécie de dossiê sobre a obra-mestra do arquiteto, o estádio “ João Cláudio Machado”, o “ Poema de concreto”, como o denominou o ex-Governador Cortez Pereira, obra grandiosa, demolido estupidamente, por exigência da FIFA, para dar lugar à Arena das Dunas, com vistas à realização de dois ou três jogos da Copa do Mundo de Futebol / 2014.

Senhoras e senhores acadêmicos,

Senhoras e senhores:

Neste momento significativo, sinto-me tentado a fazer um paralelo, embora ligeiro, entre a pessoa do novo acadêmico e as dos que o antecederam na cadeira nº 33. Devo referir-me, em primeiro lugar, ao patrono, o compositor, músico e maestro Tonheca Dantas.

Tonheca, apelido de Antônio Pedro Dantas, é autor – quem não sabe? – da mais famosa composição musical potiguar, a valsa “Royal Cinema”, e de dezenas de outras peças do mais alto quilate artístico. A seu respeito disse o seu grande biógrafo, escritor Cláudio Galvão:

“Na banda de sua corporação, que tantos músicos de grande qualidade produziu, sua presença é uma constante, como um grande espírito protetor, benéfico e inspirador, e seu nome é venerado como um mestre que teve a sublime missão de criar belezas.” (“A Desfolhar Saudades”, Natal, 1998).

E o poeta Othoniel Menezes versejou :

“Tonheca... Magro, anzolado,
é um gênio , Strauss, reencarnado,
compondo valsas gentis. “
(.....)

Coube ao Prof. Oswaldo de Souza, primeiro ocupante da cadeira n° 33, escolher Tonheca Dantas como patrono. Musicólogo, compositor, pianista e pesquisador da música folclórica, Oswaldo de Souza conhecia a fundo e muito admirava a obra de Tonheca. São , ambos, figuras exponenciais na história da música em nosso Estado. Mas, que é que os identifica com o jurista e escritor Carlos Gomes ? Muita Coisa. Em sua juventude, Carlos tornou-se uma figura de relevo no mundo musical natalense da era do rádio. Atuou, inicialmente, no programa Domingo Alegre, de Genar Wanderley e, em 1950, ganhou o concurso “ Campeão Vic-Maltema”. Em seguida, fez uma temporada na PRE-9 Rádio Clube de Fortaleza, onde gravou um disco com a orquestra do maestro Mozart Brandão. Participou de shows em Mossoró e Caraúbas e de muitos programas para a SAE (Sociedade Artística Estudantil), cantando com o Trio Irakitan, com o qual gravou uma música, em 1949. Até que foi contratado para a Rádio Poti, de Natal, onde fez muitos programas

de estúdio e auditório, tendo tido, então oportunidade de cantar ao lado de Selma e Agnaldo Rayol. Tudo ia bem para o promissor artista, mas, o seu pai insistiu que ele se dedicasse aos estudos, e ele resolveu abandonar o rádio. Como se vê, não fosse o conselho paterno, teríamos tido um astro nas paradas de sucesso....

O último ocupante da cadeira nº 33, sucessor de Oswaldo de Souza, foi o escritor, aviador e agente de turismo Pery Lamartine. Quais as afinidades entre ele e Carlos Gomes? Muitas. É verdade que Carlos só alçou voos nas asas de sua imaginação criadora... Todavia, como Pery, é um gentleman, tem o dom da comunicabilidade, e sabe fazer e cultivar amizades. Distingue-se, igualmente, pelo espírito de iniciativa, pela capacidade de realizar.

Senhoras e senhores acadêmicos

Minhas senhoras e meus senhores :

Em entrevista concedida ao escritor e pesquisador Thiago Gonzaga, entrevista, esta, incluída no livro “ Impressões Digitais”, volume II, Carlos de Miranda Gomes deu de si próprio esta definição irretocável:

“ Sou uma pessoa inteiramente tranquila, sem inveja e pronto para colaborar com todos os que queiram trabalhar pela cultura, pelo próximo, e sobretudo, pela qualidade de vida da coletividade. Sou combatente no meu Blog e no do IHGRN contra as mazelas sociais, culturais e políticas, e nunca nego ajuda aos que me procuram e merecem ser ajudados.”

É isso aí.

Na verdade, vejo-o na pele de um D. Quixote, só que ao invés de uma lança, empunha uma pena, sempre em riste contra os moinhos de vento da maldade e da estupidez.

Bem disse, por outras palavras, o escritor Pedro Simões, em seu livro já referido:

“Esse notável jurista e homem público nunca transigiu em questões de princípio, nem fugiu da liça dos bons combates.”

Temos, por tudo isto e muito mais, grande alegria em acolhê-lo nesta casa.

Sem floreios retóricos, digo-lhe, em nome da Academia Northerio-grandense de Letras, estas palavras simples, mas verdadeiras:

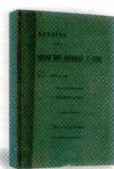
-Seja bem-vindo, escritor Carlos de Miranda Gomes. A casa é sua.

ANRI: Situação em julho de 2015

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota (eleito)
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. (Vaga).
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.

17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho. (Vaga).
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge O Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Meneses, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Ferreira.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluizio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte.
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas (eleito).
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

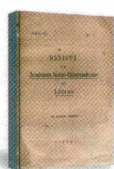
REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



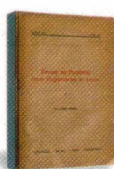
EDIÇÃO N.º01



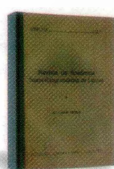
EDIÇÃO N.º02



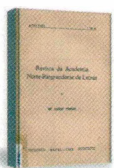
EDIÇÃO N.º03



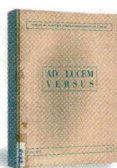
EDIÇÃO N.º04



EDIÇÃO N.º05



EDIÇÃO N.º06



EDIÇÃO N.º07



EDIÇÃO N.º08



EDIÇÃO N.º09



EDIÇÃO N.º10



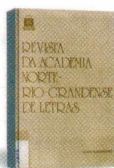
EDIÇÃO N.º11



EDIÇÃO N.º12



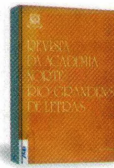
EDIÇÃO N.º13



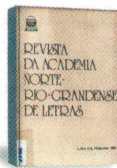
EDIÇÃO N.º14



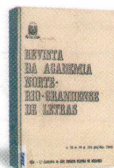
EDIÇÃO N.º15



EDIÇÃO N.º16



EDIÇÃO N.º17



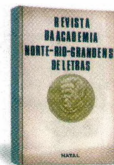
EDIÇÃO N.º18



EDIÇÃO N.º19



EDIÇÃO N.º20



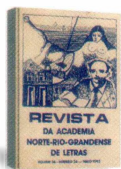
EDIÇÃO N.º21



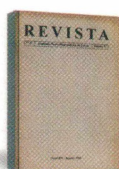
EDIÇÃO N.º22



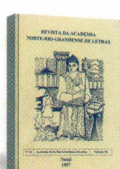
EDIÇÃO N.º23



EDIÇÃO N.º 24



EDIÇÃO N.º 25



EDIÇÃO N.º 26



EDIÇÃO N.º 27



EDIÇÃO N.º 28



EDIÇÃO N.º 29



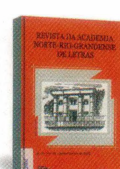
EDIÇÃO N.º 30



EDIÇÃO N.º 31



EDIÇÃO N.º 32



EDIÇÃO N.º 33



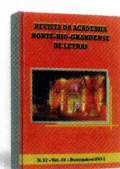
EDIÇÃO N.º 34



EDIÇÃO N.º 35



EDIÇÃO N.º 36



EDIÇÃO N.º 37



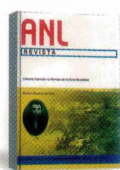
EDIÇÃO N.º 38



EDIÇÃO N.º 39



EDIÇÃO N.º 40



EDIÇÃO N.º 41



EDIÇÃO N.º 42

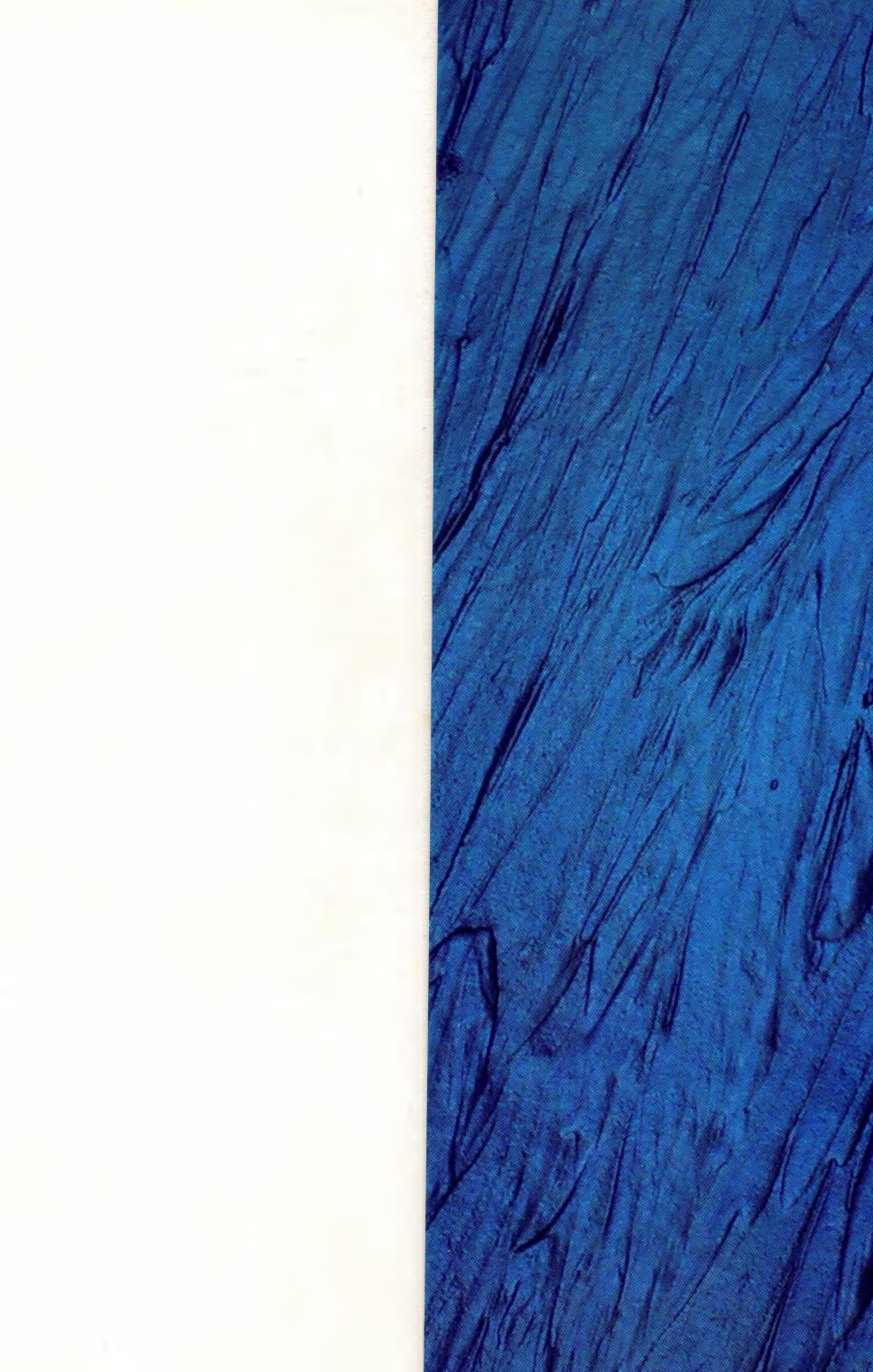


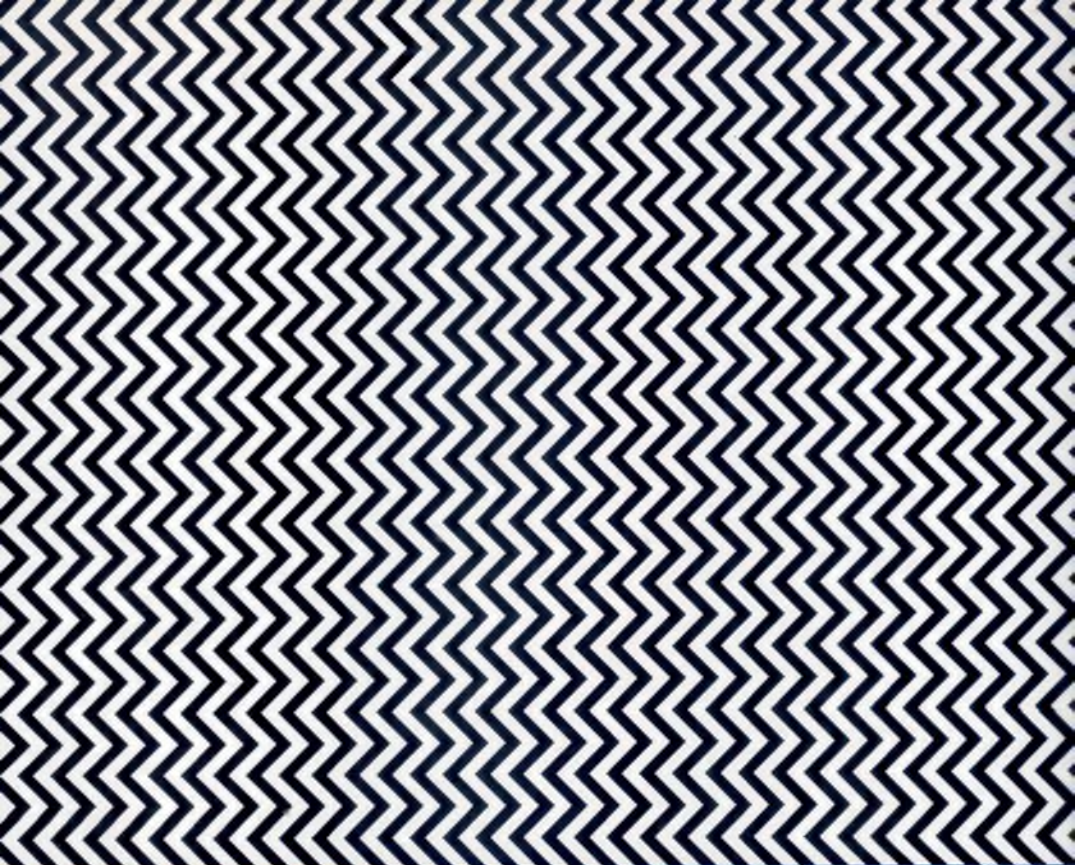
EDIÇÃO N.º 43

Offset
Editora

Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e
Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em setembro/2015.

www.offsetgrafica.com.br





Parceiro nesta edição:

Offset
Editora